UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA MIDIÁTICA

IMERSÃO DIGITAL E SUICÍDIO:
a mortificação do corpo na sociedade midiática

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

REGINA HELENA DE OLIVEIRA SANTOS NICOLÓSI

SÃO PAULO
2021

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA MIDIÁTICA

IMERSÃO DIGITAL E SUICÍDIO:
a mortificação do corpo na sociedade midiática

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob orientação do Profa. Dra. Malena Segura Contrera.

REGINA HELENA DE OLIVEIRA SANTOS NICOLÓSI

SÃO PAULO
2021

Nicolósi, Regina Helena de Oliveira Santos.
Imersão digital e suicídio: a mortificação do corpo na sociedade midiática / Regina Helena de Oliveira Santos Nicolósi - 2021.
107 f. : il. color.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2021.
Área de concentração: Comunicação e Psicologia.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Malena Segura Contrera.

1. Imersão digital. 2. Sedação do corpo. 3. Empatia. 4. Suicídio. I. Contrera, Malena Segura (orientadora). II. Título.

Ficha elaborada pelo Bibliotecário Rodney Eloy CRB8-6450

REGINA HELENA DE OLIVEIRA SANTOS NICOLÓSI

IMERSÃO DIGITAL E SUICÍDIO:
a mortificação do corpo na sociedade midiática

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob orientação do Profa. Dra. Malena Segura Contrera.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Malena Segura Contrera
Universidade Paulista ─ UNIP-SP

_____
Profa. Dra. Christiane Zovin
Universidade UniDrummond-SP

_____
Prof. Dr. Paolo Demuru
Universidade Paulista ─ UNIP-SP

_____
Prof. Dr. Rodrigo Daniel Sanches
Faculdade Cásper Líbero

_____
Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista ─ UNIP-SP

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *in memorian*, pelo amor, por minha vida e por minha fé.

Para Rodrigo Nicolósi, filho amado, luz da minha vida e razão do meu viver.

Para meu amado marido, Júlio César Nicolósi, por acreditar em mim e pelas incontáveis vezes que me disse: “Calma, tudo vai dar certo!” e “Você sabe que eu te apoio sempre!”. Amo você cada dia mais.

Para minha irmã querida, Renata Prado, gratidão por seu apoio, pela sua força e equilíbrio.

Ao professor, colega e amigo, Jorge Miklos, por me mostrar o caminho direto da graduação para o mestrado e doutorado.

Ao professor Maurício Ribeiro, por sua disponibilidade e dedicação, sempre tirando minhas dúvidas e por me incentivar sempre a fazer as perguntas certas.

A todos os professores da pós-graduação da UNIP, pelo carinho, atenção e contribuição para minha pesquisa.

A todos os incríveis e peculiares colegas da pós-graduação, cujas amizades levarei pela vida.

À minha querida amiga paraense, Ariana Nascimento, uma guria mágica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), e ao suporte que me foi oferecido com a bolsa PROSUP.

A toda a equipe da secretaria da pós-graduação da UNIP, pelas informações pontuais e procedimentos precisos, em especial à Christina, Marcelo, James, Bruno e todos os outros que sempre recebem e auxiliam os alunos com um sorriso no rosto.

E, em especial, a uma mulher extraordinária, minha querida orientadora Malena Segura Contrera, pela dedicação, carinho, confiança, amizade e orientação, sem a qual eu não teria chegado tão longe.

Devia ter morrido mais tarde; então, houvera ocasião certa para tal palavra; O amanhã, o amanhã; Outro amanhã, dia a dia se escoam de mansinho, até que chegue, alfim, a última sílaba do livro da memória; Nossos ontens para os tolos a estrada deixam clara da empoeirada morte; Fora! apaga-te, candeia transitória! A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre cômico que se empavona e agita por uma hora no palco, sem que seja, após, ouvido; é uma história contada por idiotas, cheia de fúria e muita barulheira, que nada significa.

Macbeth Ato V, Cena V.

RESUMO

A presente pesquisa trata do tema da relação entre o consumo excessivo de internet, a imersão digital e o suicídio entre adolescentes na faixa etária de 15 a 29 anos, considerando o processo de sedação do corpo na sociedade midiática. A hipótese principal que foi considerada era se havia relação entre a sedação do corpo oriunda da imersão digital e o rebaixamento da capacidade empática, levando ao aumento dos casos de suicídio a partir de um sofrimento emocional exacerbado por este contexto. A partir disso, o objetivo principal foi analisar as relações entre imersão digital, sedação do corpo, rebaixamento da empatia e dificuldades na formação de vínculos comunicativos e psicoafetivos, estabelecendo ainda relações entre essas questões e o aumento crescente nos índices oficiais de suicídios entre adolescentes. A metodologia está baseada na pesquisa bibliográfica e exploratória e análise dos índices oficiais públicos sobre o suicídio. No primeiro capítulo, foram levantados dados sobre o suicídio, desde as primeiras análises teóricas de Durkheim até os dados atualizados da OMS em 2020, apresentando os índices oficiais acerca do fenômeno analisado. O segundo capítulo apresenta os dados relativos ao consumo crescente de mídia eletrônica e seus aparatos pelo mundo, estabelecendo relações entre países que apresentam maiores índices de suicídios e maior número de horas de uso de mídia eletrônica digital. No terceiro capítulo, foram trabalhados os conceitos da morte voluntária e as diferentes compreensões do suicídio na história da civilização, com foco nas sociedades ocidentais. O quarto capítulo tratou da relação entre a imersão tecnológica, o declínio dos sentidos e a queda da empatia até o desaparecimento do corpo, impactando a formação de vínculos comunicativos e psicoafetivos. O suporte teórico da pesquisa foi a Teoria da Mídia da Escola Alemã de Berlim e da Escola de São Paulo (Harry Pross, Norval Baitello Jr., Malena Contrera e Jorge Miklos), a Antropologia do corpo (Dietmar Kamper, Christoph Wulf e David Le Breton), Psicologia Arquetípica (Carl G.Jung e James Hillman), autores especializados em suicídio (Émile Durkheim, Georges Minois e Neury Botega), as contribuições da etologia (Frans De Waal) e demais autores constam nas referências. A conclusão apresentada visa contribuir com a reflexão acerca dos limites desejáveis para a imersão digital, considerando seus impactos em adolescentes, fomentando uma discussão ética sobre o uso consciente da mídia eletrônica, o que infelizmente pouco se tem visto contemporaneamente.

Palavras-chave: Imersão Digital. Sedação do Corpo. Empatia. Suicídio.

ABSTRACT

This research deals with the theme of the relationship between excessive internet consumption, digital immersion, and suicide among adolescents aged 15 to 29 years, considering the process of body sedation in the media society. The main hypothesis that was considered was whether there was a relationship between body sedation resulting from digital immersion and the reduction of empathic capacity, leading to an increase in suicide cases from emotional distress exacerbated by this context. From this, the main objective was to analyze the relationships between digital immersion, body sedation, lowering of empathy and difficulties in the formation of communicative and psycho-affective bonds, also establishing relationships between these issues and the growing increase in official suicide rates among adolescents. The methodology is based on bibliographical and exploratory research and analysis of official public indexes on suicide. In the first chapter, data on suicide were collected, from the first theoretical analyzes by Durkheim to the updated data from the WHO in 2020, presenting the official indexes on the analyzed phenomenon. The second chapter presents data on the growing consumption of electronic media and its devices around the world, establishing relationships between countries that have higher suicide rates and greater number of hours of use of digital electronic media. The third chapter dealt with the concepts of voluntary death and the different understandings of suicide in the history of civilization, with a focus on Western societies. The fourth chapter dealt with the relationship between technological immersion, the decline of senses and the drop in empathy until the body disappears, impacting the formation of communicative and psycho-affective bonds. The theoretical support of the research was the Media Theory of the German School of Berlin and the School of São Paulo (Harry Pross, Norval Baitello Jr, Malena Contrera and Jorge Miklos), the Anthropology of the body (Dietmar Kamper, Christoph Wulf and David Le Breton), Archetypal Psychology (Carl G.Jung and James Hillman), authors specialized in suicide (Émile Durkheim, Georges Minois and Neury Botega), the contributions of ethology (Frans De Waal), and other authors appear in the references. The conclusion presented aims to contribute to the reflection on the desirable limits for digital immersion, considering its impacts on adolescents, fostering an ethical discussion about the conscious use of electronic media, which unfortunately has not been seen much nowadays.

Keywords: Digital Immersion. Body Sedation. Empathy. Suicide.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 ─ Panorama mundial de suicídio em 2016.....20
Figura 2 ─ Taxa de suicídio por país em 2020.....23
Figura 3 ─ Notícia da morte do ator Robin Williams.....32
Figura 4 ─ *Thirteen Reasosn Why*.....33
Figura 5 ─ Ponte Golden Gate.....40
Figura 6 ─ Penhasco de Beachy Head.....41
Figura 7 ─ Ponte no rio Yangtzé.....42
Figura 8 ─ Ponte Mapo.....43
Figura 9 ─ Campanha publicitária premiada em Cannes em 2013.....43
Figura 10 ─ Seriado coreano Primeira vez amor.....44
Figura 11 ─ Floresta de Aokigahara.....45
Figura 12 ─ Restos mortais de adolescente encontrado na Floresta de Aokigahara..45
Figura 13 ─ Placa localizada na entrada da floresta Aokigahara.....46
Figura 14 ─ Vlogueiro Logan Paul.....47
Figura 15 ─ Youtuber posta vídeo de corpo em árvore, faz piada e pede perdão.....47
Figura 16 ─ O primeiro suicídio online.....49
Figura 17 ─ Garota de 12 anos transmite seu suicídio ao vivo no Youtube.....50
Figura 18 ─ Ronnie McNutt transmitiu seu suicídio ao vivo pela rede social Facebook 51
Figura 19 ─ A morte de Sócrates — Jacques-Louis David (1787).....61
Figura 20 ─ Samurai prestes a cometer o haraquiri.....66
Figura 21 ─ Protagonista da peça Hamlet.....72
Figura 22 ─ Museu da Empatia.....91
Figura 23 ─ Zumbis da atualidade.....95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 ─ Características e distribuição de casos.....25
Gráfico 2 ─ Raça.....26
Gráfico 3 ─ Escolaridade.....26
Gráfico 4 ─ Deficiência/ Transtorno.....27
Gráfico 5 ─ Zona de residência.....27
Gráfico 6 ─ Região.....28
Gráfico 7 ─ Número de casos de violência autoprovocada entre jovens de 15 a 29....29
Gráfico 8 ─ Dados do Relatório.....55
Gráfico 9 ─ Usuários de Celular 66%.....55
Gráfico 10 ─ Total de usuários de mídia social.....56
Gráfico 11 ─ Dispositivos móveis: tempo x tipo de aplicativo.....56
Gráfico 12 ─ Plataformas digitais mais utilizadas.....57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 ─ Estados com maior número de casos de violência autoprovocada.....28
Tabela 2 ─ Taxa estimada de pessoas que morrem por suicídios utilizando pesticidas 37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

CAPÍTULO I – O SUICÍDIO **19**

1.1 Dados do suicídio no século XXI 19

1.2 Causas de suicídio 30

1.3 Jogos e séries 32

1.4 O suicídio legalizado 34

1.5 Entre a boa morte e o suicídio 36

1.6 Lugares do mundo onde ocorrem suicídios frequentes 39

1.7 Suicídio ao vivo: a morte na rede 48

CAPÍTULO II – IMERSÃO DIGITAL **54**

CAPÍTULO III – O SUICÍDIO NA HISTÓRIA HUMANA **59**

3.1 A morte e a morte voluntária 70

3.2 Da questão social à psicologia 73

CAPÍTULO IV – IMERSÃO DIGITAL E SUICÍDIO: DA SEDAÇÃO DO CORPO À QUEDA DA EMPATIA **81**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **97**

REFERÊNCIAS **99**

INTRODUÇÃO

O advento da eletricidade, o surgimento de novas tecnologias, o desenvolvimento de mídias e a popularização dos aparatos eletrônicos móveis, além da força da comunicação de massa, revolucionaram a comunicação tradicional, principalmente nas duas primeiras décadas do século XXI e levaram o homem a ficar cada vez mais preso à tela (CONTRERA, 2017).

A imersão digital e o consumo excessivo de internet impactaram as trocas afetivas e os relacionamentos, gerando uma profunda crise na capacidade de formação de vínculos comunicativos e psicossociais. Ao mesmo tempo em que esse jovem contemporâneo se isola, os índices de suicídio aumentam consideravelmente. Nosso problema de pesquisa caminhou na direção de investigar as relações entre esses dois fenômenos.

A hipótese principal foi a relação entre a sedação do corpo e o rebaixamento de seus sentidos advindos da imersão digital, principalmente entre adolescentes, o que levaria à queda da empatia e à intensificação do sofrimento emocional, e, consequentemente, ao aumento dos índices oficiais de suicídio nessa faixa etária.

Diante disso, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar as influências da imersão digital no embotamento do corpo, na queda da empatia e consequentemente na dificuldade de formação de vínculos entre adolescentes, e sua relação com o aumento cada vez maior nas taxas oficiais de suicídio na mesma faixa etária.

A metodologia utilizada no presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica e exploratória e análise dos índices oficiais públicos sobre o suicídio, disponibilizados por organizações oficiais como a Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU) e órgãos governamentais.

Como suporte teórico para o desenvolvimento da investigação, utilizamos a Teoria da Mídia da Escola Alemã de Berlim e da Escola de São Paulo (Harry Pross, Norval Baitello Jr., Malena Contrera e Jorge Miklos), a Antropologia do corpo (Dietmar Kamper, Christoph Wulf e David Le Breton), Psicologia Arquetípica (Carl G.Jung e James Hillman), autores especializados em suicídio (Émile Durkheim, Georges Minois e Neury Botega), entre outros autores presentes nas referências. Por empatia, recorremos à definição de Frans De Waal (1998), a partir de estudos com mamíferos primatas superiores, partindo da perspectiva de que ao perder a capacidade empática

o homem perde também a possibilidade de vinculação com o outro (CONTRERA, 2012). Com base em De Waal e em outros autores, além, é claro, de artigos científicos correlacionados, exploramos e analisamos o tema proposto.

O estado da arte englobou o mote da relação entre suicídio e imersão digital nas plataformas *Google Scholar* e no banco de dados de periódicos da CAPES, logado na plataforma *Scopus*. Como critério de filtragem foi utilizada a opção de periódicos avaliados por pares em múltiplos idiomas. Os termos examinados relacionados à pesquisa foram relativos ao suicídio e à imersão tecnológica, enfatizando questões ligadas à queda da empatia, à sedação do corpo e à crise dos vínculos comunicativos e psicoafetivos.

Ao pesquisarmos a relação entre mídia e suicídio encontramos convergências entre adição e suicídio, entre a responsabilidade da mídia e o suicídio, uso da mídia como fator fundamental na prevenção do suicídio e mesmo como disseminadora no caso do suicídio por contágio emocional, a maioria dos textos se refere principalmente a adolescentes, foco do nosso problema.

A pesquisa realizada acerca da relação entre mídia, sedação dos sentidos e suicídio adolescente, encontrou 380 resultados, mas nenhum relaciona a sedação do corpo resultante da intensidade de uso da mídia eletrônica como fator causal do suicídio.

No entanto, foram descobertos 22 documentos sobre adição à internet e suicídio por contágio. Sobre abuso de internet e sedação dos sentidos corporais houve apenas 3 resultados, todos ligados à área da psicologia; chama a atenção a ausência de reflexão crítica sobre o tema na área da Comunicação.

Já ao relacionarmos o uso do telefone celular, o abuso de internet e o suicídio, encontramos 2140 trabalhos. No entanto, nenhum deles se refere à sedação dos sentidos do corpo, a não ser com utilização de medicamentos.

De todo o material pesquisado diversos trabalhos foram selecionados e são mencionados no decorrer do texto de forma direta ou indireta.

O trabalho de Assumpção *et al.* (2018) observou os diferentes olhares sobre o suicídio no decorrer da história humana, caracterizando o fenômeno como sócio-histórico-cultural, e evidenciou as altas taxas de suicídio em pessoas com transtornos mentais, principalmente com quadros de depressão maior. Muito embora nem todo indivíduo afetado pelo quadro clínico da depressão adira à ideação ou ao

comportamento suicida, os sintomas depressivos como a baixa autoestima, desesperança e pensamentos mórbidos podem ser fatores de risco de suicídio.

O artigo de Popoola *et al.* (2020) descreve as mídias sociais como fator de alto impacto na vida e nas habilidades sociais dos indivíduos, enraizada em todas as áreas da vida humana, mas principalmente dos adolescentes, e aponta a correlação entre o aumento do uso das mídias sociais e o crescimento das taxas de suicídio.

Os resultados do trabalho de Cheng *et al.* (2018) apontam a associação entre o vício em internet e o aumento do comportamento suicida, sugerindo a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Ferreira *et al.* (2020) descreveram a relação complexa com a internet e a influência desta na saúde biopsicossocial durante a adolescência, período de vida peculiar do ser humano e repleto de curiosidades que podem levar a eventuais prejuízos à saúde.

Shen *et al.* (2020) avaliaram estudantes universitários chineses e evidenciaram nessa população alta incidência de vício em internet associado à prevalência de ansiedade e comportamentos suicidas, como tentativas de se matar, ideação suicida e planos para cometer suicídio. Na conclusão, os autores sugerem ações de prevenção de comportamentos suicidas.

Khalil *et al.* (2020) correlacionaram o uso problemático da internet às comorbidades psiquiátricas de adolescentes egípcios e concluíram que esta exerce forte impacto nessa faixa etária. O problema cresce à medida que há agentes facilitadores, como disponibilidade por meio das mídias sociais e aparatos portáteis, a exemplo do celular e laptop.

Fernandes *et al*. (2020) verificaram comportamentos de adição, violência, agressividade e risco de suicídio em adolescentes usuários da internet. Tanto nas dimensões psíquicas quanto na sociocultural o adolescente sofre influências. No primeiro, há os sinais e sintomas de ansiedade, depressão e angústia. No âmbito sociocultural, o texto chama a atenção para o fato de o isolamento social ser reforçado pela ilusão de apoio dado pelo ambiente virtual. Todos esses fatores tornam prementes a necessidade de capacitação e orientação da família e dos educadores quanto ao uso da internet pelos adolescentes.

Siebel *et al.* (2019) avaliaram o impacto das redes sociais no comportamento suicida em adolescentes. O estudo evidencia que questões relacionadas à necessidade de pertencimento, à impulsividade, à falta de conhecimento e preparo

tanto dos familiares, escola e comunidade são fatores predisponentes para o suicídio. Para frear e prevenir tais comportamentos são sugeridas ações como trabalho terapêutico, palestras e dinâmicas de grupo que tratem de temas como autoestima, *bullying*, orientação sexual e suicídio, entre outros.

> O bullying é definido pelo uso de força ou coerção para afetar negativamente aos demais, envolvendo um desequilíbrio do poder social, físico e/ou emocional, e atos danosos voluntários e repetitivos. Pode ser persistentemente dirigido a um alvo baseado na raça, cor, peso, origem, grupo étnico, religião, crença, deficiência, orientação sexual, gênero, aparência física, sexo, ou outras características que distingam o eleito no grupo. Não está limitado a, mas prevalece entre crianças e adolescentes. Assume várias formas: verbal, física, relacional/social e eletrônica, sendo o último mais conhecido como cyberbullying (NASP, 2012) (KUCZYNSKI, 2014, p. 247).

A autora relaciona o suicídio e o *bullying*, apontando que:

> Em crianças/adolescentes, o comportamento suicida envolve pensamentos sobre provocar intencionalmente danos ou a morte autoinfligidos (ideação suicida) e atos que causem danos (tentativa de suicídio) ou a morte (suicídio) (PFEFFER, 1996) (KUCZYNSKI, 2014, p. 248).

Observa-se que este estudo é anterior aos dados do relatório *Digital 2020 July Global Statshot*, publicado em 2020, antes do aumento frenético das mídias sociais e Kuczynsky evidenciava o crescimento vertiginoso do *cyberbullying*, “ganhando atenção sem precedentes, correlacionando-se a transtornos mentais, entre eles, a ansiedade, a depressão e o suicídio na adolescência” (KUCZYNSKI, 2014, p.250).

No Capítulo I foram trabalhados tanto os conceitos do suicídio como seu entendimento no decorrer da história humana. Levou-se em conta desde as primeiras análises estatísticas de Durkheim (2000) até os dados da OMS, em 2020.

No Capítulo II verificaram-se as questões da imersão digital e excesso do consumo dos aparatos de mídia eletrônica. Contrera (2021) chama a atenção para o fato de que:

> Passados aproximadamente 40 anos da popularização dos computadores pessoais e 30 anos do advento da Internet, são ainda poucos os usos culturais e comunicativos realmente originais e transgressores da ordem anterior que vemos atingirem um número elevado de usuários (C0NTRERA, 2021, p.37).

Na sociedade da imersão digital, que gera uma repercussão no estilo de vida, também se modificam as relações de consumo. A autora continua:

> O que veio de mais radicalmente novo nesse meio foram as estratégias comerciais, propiciando mais recursos comerciais para o

> mercado, efetivando a ação da globalização econômica, servindo à sobrevivência do Capitalismo, e as redes sociais, logo cooptadas também para usos econômicos e político-partidários (C0NTRERA, 2021, p.37).

O termo usuário pode ser definido tanto para a “pessoa que utiliza a internet ou quaisquer serviços informáticos; do mesmo significado de utilizador[1] quanto para o indivíduo adicto[2]. O mundo hiperconectado pode causar fenômenos como os das pessoas que ficam isoladas socialmente, criando manifestações como os hikikomori, descritos por Saito Tamaki, cerca de um milhão de adolescentes e jovens adultos japoneses que se fecham em seus quartos por longos períodos, retirados da sociedade, quase sem laços sociais, e legados ao mundo externo pela conexão da rede de computadores. Kato *et al.* (2020) alertam que o fenômeno hikikomori está se tornando uma questão de saúde mental que se espalha pelo mundo.

O Capítulo III tratou da morte voluntária e das várias compreensões do suicídio na história humana. Ao tentar assimilar o fenômeno do suicídio é necessário observar que o lugar do suicida sofreu variações no decorrer da história, até chegar ao entendimento do ato extremo surgido no século XX. O conceito e as implicações sobre o suicídio ainda passam por modificações significativas no século XXI, momento compreendido como uma relação intrincada entre fatores biológicos, psicológicos, genéticos, ambientais, sociais e culturais[3]. Tais agentes influenciam o comportamento suicida como um todo, incluindo as causas e as formas de tirar a própria vida, que em alguns casos acompanharam a evolução cultural e tecnológica da humanidade, como demonstrado nas pesquisas presentes no estado da arte.

No Capítulo IV, foram observadas a relação entre a imersão digital, o declínio dos sentidos e a queda da empatia até o desaparecimento do corpo.

Neste sentido, é fundamental frisar que a conexão aqui proposta entre o suicídio e a excessiva imersão tecnológica que leva à sedação do corpo e à queda da empatia também como fator importante neste cenário não foi ainda considerada pelos estudos pesquisados na área da comunicação e da mídia, tampouco pelos estudos

---

[1] Disponível em: https://www.lexico.pt/usuario/. Acesso em: 15 set. 2021.
[2] “Que se submete a ou que depende de; submisso, dependente”. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/L42Q/adicto/. Acesso em: 15 set. 2021
[3] Disponível em: https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf. Acesso em: 24 fev. 2019.

da área da psicologia. Esperamos, então, que esta tese possa trazer uma pequena contribuição a essa relação tão controversa entre imersão digital e suicídio.

CAPÍTULO I – O SUICÍDIO

1.1 Dados do suicídio no século XXI

Em 2014, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou o primeiro relatório global sobre o suicídio. Este estudo registrou que nos últimos 45 anos houve um aumento de 60% das taxas de mortalidade por suicídio, que figura, de acordo com os dados coletados desta organização "[...] entre as vinte principais causas de morte em todo o mundo, com mais mortes por suicídio do que por malária, câncer de mama ou guerra e homicídio" (OMS, 2014).

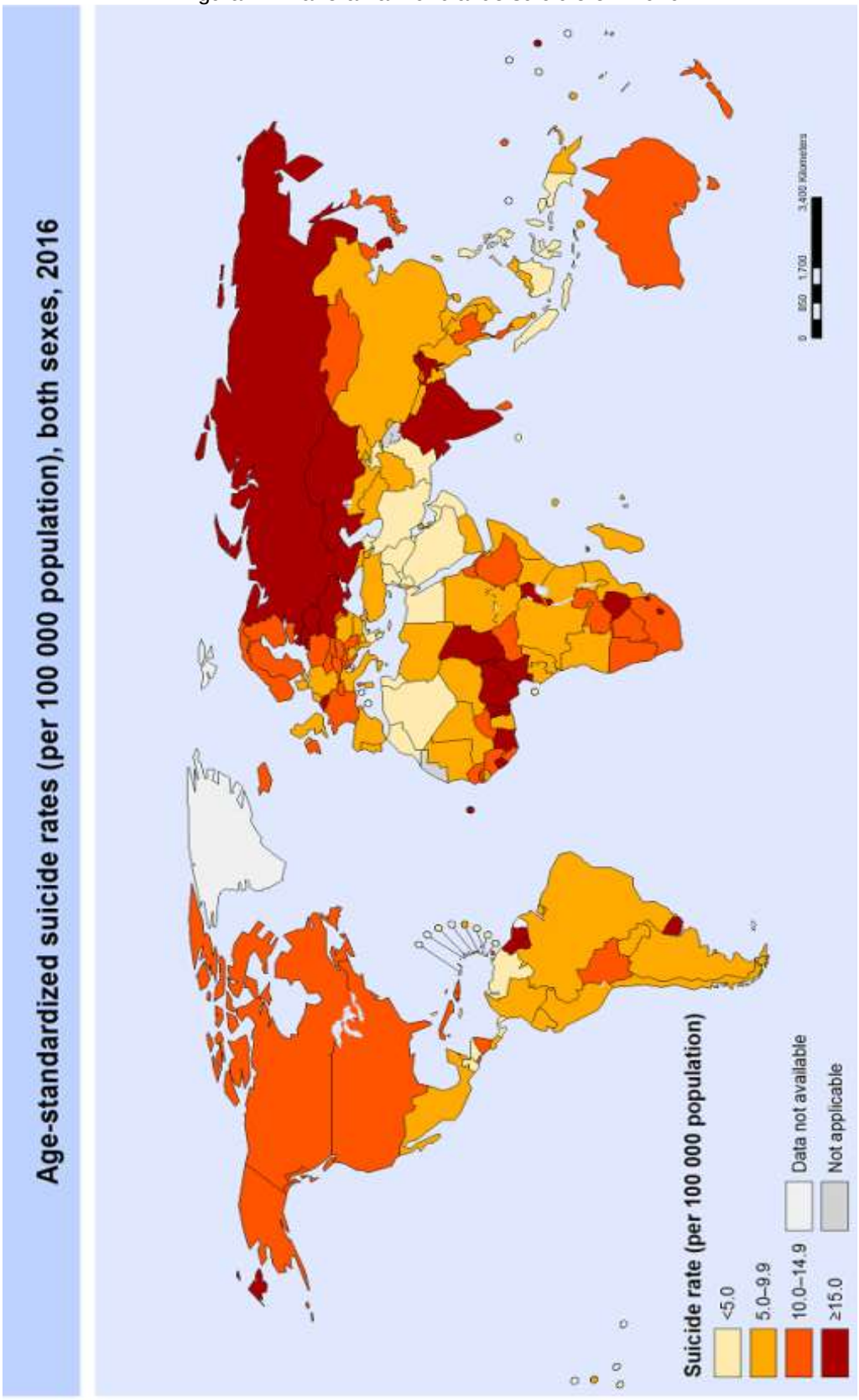
O *Suicide in the world Global Health Estimates*[4], divulgado na página das Nações Unidas em 2016, foi um marco importante para uma compreensão cada vez maior sobre o assunto no mundo. O estudo foi baseado no material do Banco de Dados de Mortalidade da OMS[5], e os dados estatísticos presentes no site dessa organização foram analisados por região (nação), classificação na tabela, taxa total por ano, por sexo e taxa total no ano especificado. Os números ratificam a ideia de que o fenômeno é questão mundial, com alterações regionais idiossincráticas que afetam indivíduos de "todas as nações, culturas, religiões, gêneros e classes", diz o texto.

A Figura 1, publicada em 2018, demonstra como estava o panorama mundial em 2016, a gravidade da incidência de suicídio, mesmo com a possibilidade de subnotificações.

[4]Suicide in the world: Global Health Estimates. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1. Acesso em: 10 out.2019.

[5] World Population Review. Disponível em https://worldpopulationreview.com/country-rankings/suicide-rate-by-country#dataTable. Acesso em: 10 out. 2019.

Figura 1 – Panorama mundial de suicídio em 2016



Fonte: WHO (2019)[6]

[6] Disponível em: https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/Global_AS_suicide_rates_bothsexes_2016.png?ua=1. Acesso em: 10 out. 2019.

No mapa, as cores se referem à quantidade de casos, sendo que a cor amarela aponta menos que 5 casos por 100.000 habitantes; a laranja de 5 a 9.9, a vermelha de 10 a 14.9, e a roxa um número maior que 15 casos a cada 100.000 habitantes. As cores branca e cinza foram utilizadas para marcar as regiões onde não foi possível avaliar ou não havia população, por isso a não aplicabilidade do levantamento.

O relatório diferencia ainda as taxas de suicídio por região em 2016, sendo que, a África atingiu 12,0 casos por 100.000/habitantes, a Europa chegou a 12,9 casos por 100.000/hab. e o Sudeste Asiático atingiu 13,4 por 100.000/hab. Todas estas taxas foram maiores que a média global daquele ano, que foi de 10,5 por 100.000/hab. E o menor número de suicídios foi no Leste Região do Mediterrâneo, com 4,3 por 100. 000/hab., em 2016.

A região com maior taxa de suicídio feminino foi a do Sudeste Asiático: 11,5 por 100.000/hab., em comparação com a média feminina global que foi de 7,5 por 100.000/hab. As maiores médias de suicídio no sexo masculino ocorreram nas regiões da África, com 16,6 casos por 100.000/hab., das Américas, com 14,5 por 100.000/hab., e Sudeste Asiático (15,4 por 100.000). Em 2016, na Europa, principalmente, os números chegaram aos alarmantes 21,2 casos de suicídio por 100.000/hab., bem superior à média de suicídio masculino global do mesmo ano, que foi de 13,7 por 100.000/hab.

Observa-se que as taxas e características do suicídio variam muito de país a país. Conforme a publicação ONU News, “cerca de 79% dos suicídios ocorreram em países de baixa e média rendas, mas os países de alta renda apresentaram uma taxa mais alta, uma média de 11,5 casos por 100 mil habitantes”[7]. A relação entre o IDH[8] e o suicídio é complexa e ligada de forma ampla, tanto às causas quanto às formas de se matar, como vemos no decorrer do trabalho. Este dado põe abaixo a hipótese de que o suicídio tem a ver apenas com condições de vida precárias relacionadas à baixa renda.

Em setembro de 2019, a OMS atualizou em seu site os dados sobre as taxas de suicídio com o título: “Suicídio: uma pessoa morre a cada 40 segundos”.[9]

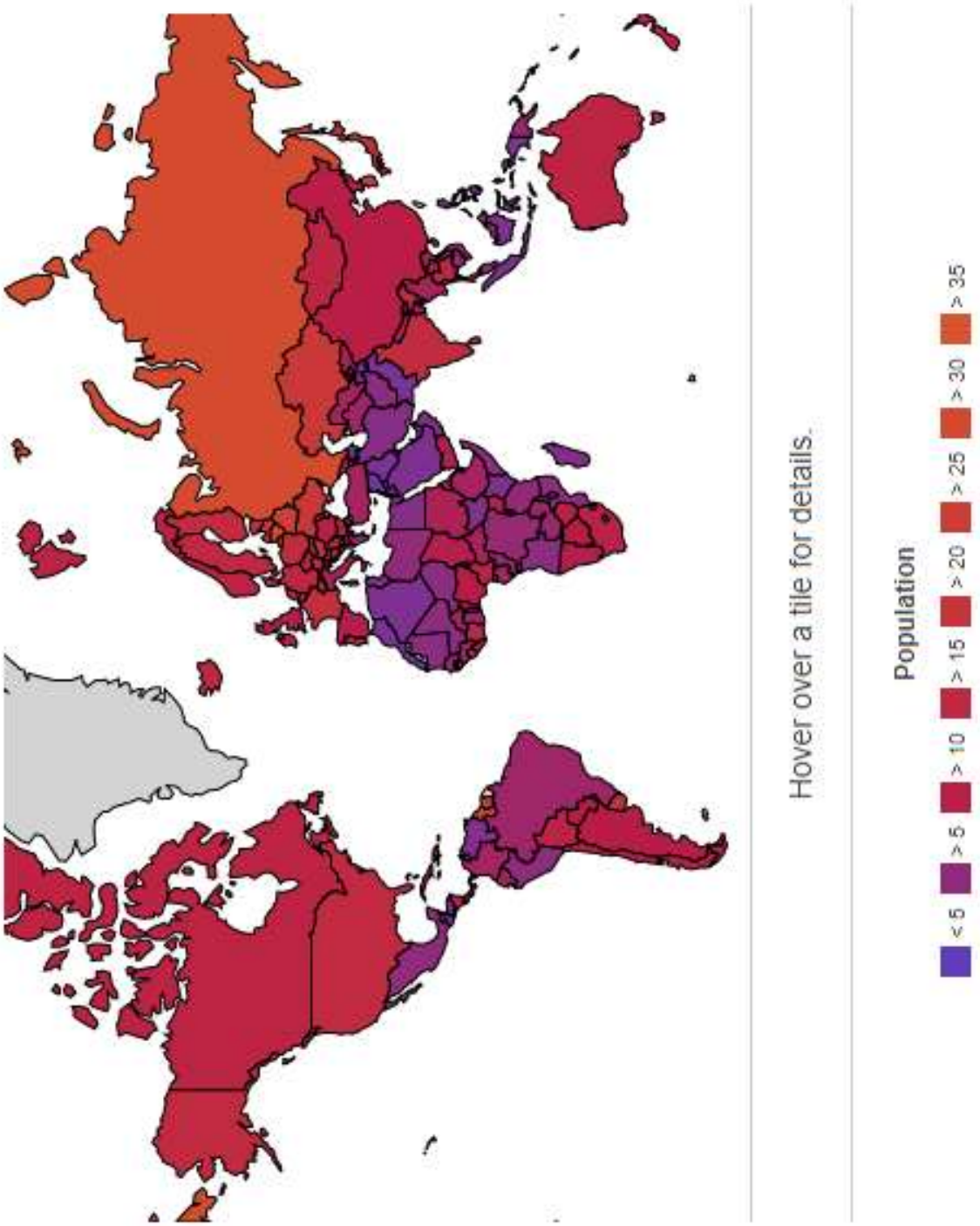
[7]Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/10/1690331 Acesso em: 29 out. 2020.
[8] Índice de Desenvolvimento Humano, que compreende três variáveis principais: a saúde, a educação e a renda da população de determinada região.
[9]Disponível em: https://www.who.int/news-room/detail/09-09-2019-suicide-one-person-dies-every-40-seconds. Acesso em: 10 out. 2019.

O trabalho aponta que, embora 38 países tenham utilizado de estratégias para a prevenção de suicídios após a divulgação das primeiras pesquisas, esse número ainda é muito reduzido em relação à quantidade alarmante de pessoas que tiram a própria vida. Chegamos a uma proporção de 16 por 100.000 habitantes, o que equivale a aproximadamente 800 mil mortes/ano em todo o mundo[10, 11].

O mapa atualizado de 2020 (Figura 2) oferece mais dados sobre o suicídio no mundo.

[10]Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/es/. Acesso em: 10 out. 2019.
[11]Disponível em: https://apps.who.int/gho/data/node.sdg.3-4-data?lang=en Acesso em: 10 out. 2019.

Figura 2 – Taxa de suicídio por país em 2020



Fonte: WHO (2019)[12]

[12] Disponível em: https://worldpopulationreview.com/country-rankings/suicide-rate-by-country#dataTable. Acesso em: 4 fev. 2021.

Embora o processo de levantamento para um novo censo sobre o assunto ainda esteja em curso, ao comparar os mapas observa-se o crescimento significativo de casos de comportamento suicida. Em ambos os mapas, o número mínimo de casos é menor que 5 por 100.000 habitantes. No entanto, no mapa da Figura 1, o que é apontado como valor máximo – maior que 15 por 100 mil, no mapa da Figura 2, o valor passa a ser equivalente a um valor médio. No mapa de 2020 foram acrescentados mais quatro valores: maior que 20, 25, 30, chegando ao número máximo de mais de 35 casos por 100.000 habitantes. O que aponta para um aumento alarmante de novos casos.

Os países com maior número de suicídios a cada 100 mil habitantes são Lituânia (31,9), Rússia (31), Guiana (29,2), Coreia do Sul (26,9), Bielo-Rússia (26,2), Suriname e Cazaquistão, com 22 casos por 100 mil. O Brasil ocupa o 113º lugar entre os países relacionados, com 6,5 casos por 100 min/hab., com 13.616 suicídios em 2020.[13]

Os dados da OMS mencionam que, apesar de países mais pobres terem maior número de suicídios, proporcionalmente os mais ricos se matam mais que os mais pobres. O mesmo fenômeno ocorre em países mais ricos, ou, no caso Brasil, por exemplo, nos estados com a renda per capita maior e mais em zonas urbanas que em zonas rurais, como observamos na sequência. Não coincidentemente, são estes os lugares com maior acesso ao consumo eletrônico e à imersão digital.

Por faixa etária, o suicídio é a terceira causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos, ficando atrás apenas dos acidentes e por violência. No Brasil, 8º lugar no mundo em incidência de suicídio, o Ministério da Saúde apontou o aumento gradativo dos casos entre 2000 e 2016, indo de 6.780 para 11.736 (alta de 73%) por ano. Os dados oficiais com os anos de 2017 e 2018 foram publicados pelo governo brasileiro em setembro de 2019[14] em forma de Boletim Epidemiológico[15] e apontam que:

> No período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, dos quais, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo 103.881 (67,3%) nas mulheres e 50.388 (32,7%) nos homens. Dez registros tiveram o sexo da pessoa ignorado.

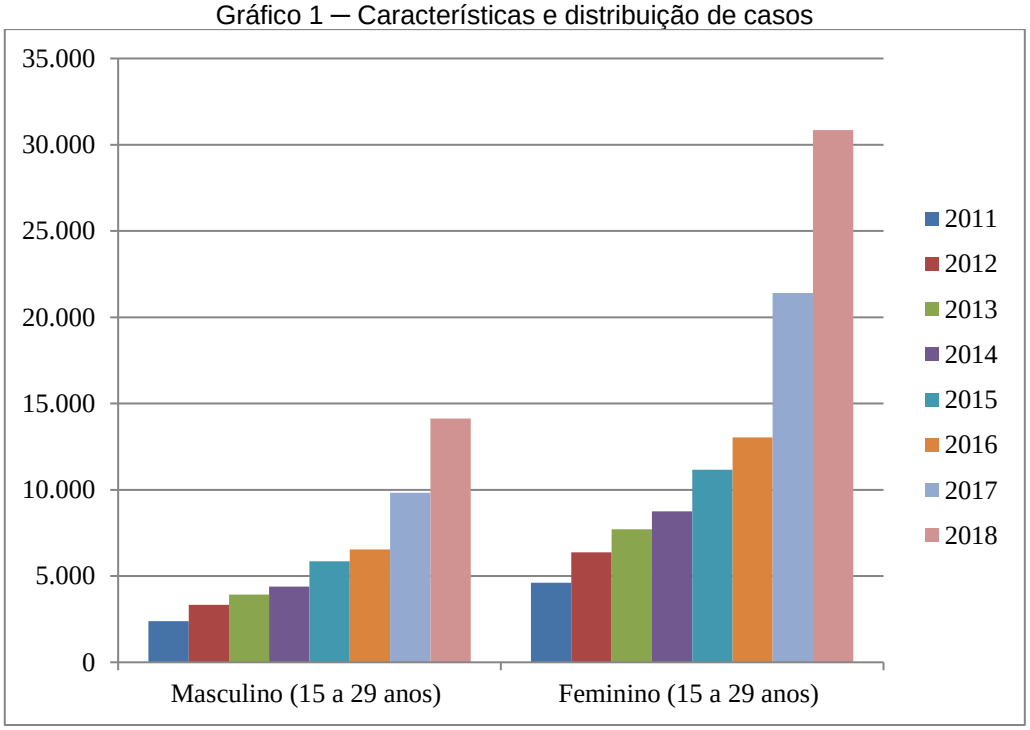
[13] Disponível em: https://worldpopulationreview.com/country-rankings/suicide-rate-by-country#dataTable. Acesso em: 4 fev. 2021.
[14]Optei por não utilizar os dados referentes ao ano de 2020 considerando ser este um ano de exceção, em que a situação resultante da pandemia por COVID19 poderia maquiar os resultados finais ao apontar uma tendência.
[15]Disponível em: https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

O documento descreve e analisa o perfil das mortes violentas ocorridas no país no período descrito utilizando dois meios para levantar as informações: a ficha de notificação individual de Violência Interpessoal/Autoprovocada do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) e o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). A primeira contém dados sobre os atos de violência autoprovocada, no segundo, os dados sobre os óbitos por suicídio.

Os quadros a seguir são referentes às características e distribuição de casos (Gráficos do 1 ao 6) atualizadas em 2 de agosto de 2019, sendo que “das notificações de violência autoprovocada entre jovens de 15 a 29 anos, 52.444 (34,0%) casos puderam ser classificados como tentativas de suicídio” (p. 5). Ao analisar variáveis como sexo, escolaridade em anos de estudo, raça/cor da pele, zona de residência e região do país.

O Gráfico 1 demonstra um aumento de 18,3% (2011) para 39,9% (2018) nos registros de tentativas de suicídio, o que o órgão credita à implementação da denominada notificação compulsória imediata vigente no Brasil desde 2014.

Gráfico 1 – Características e distribuição de casos

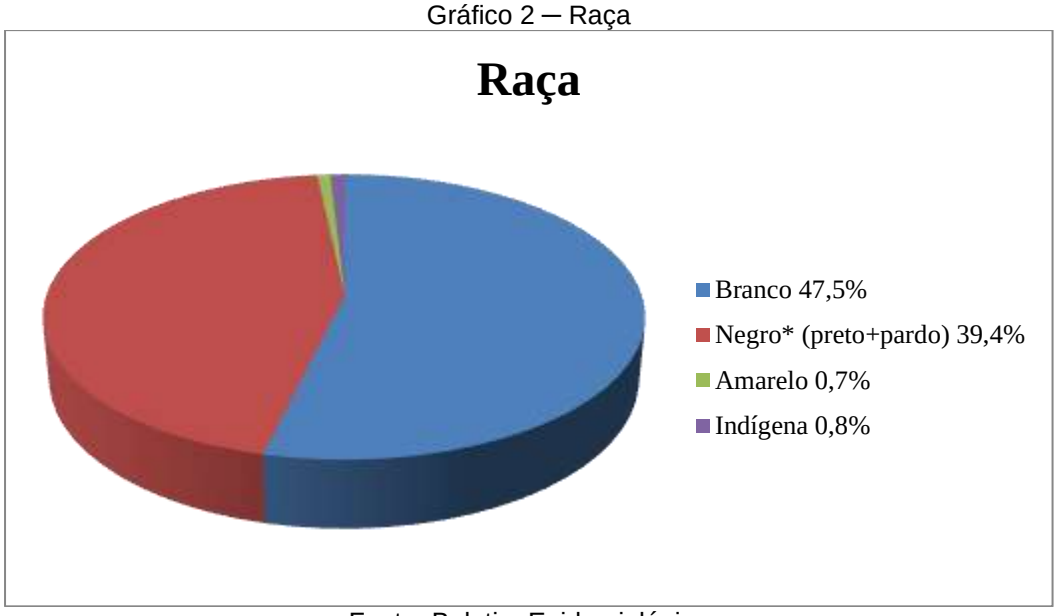


Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde

O perfil dos jovens que atentaram contra a própria vida no Brasil entre 2011 e 2018 se caracteriza por serem predominantemente brancos (47,5%), com

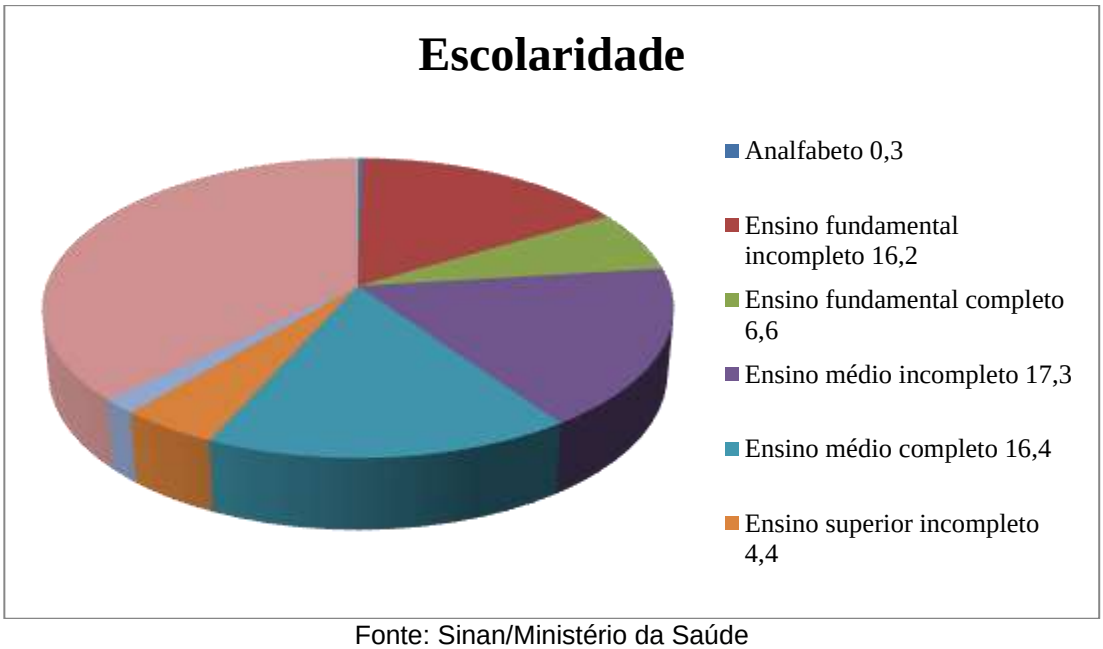
escolaridade relativa ao ensino médio incompleto ou completo (33,7%) (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 2 – Raça



Fonte: Boletim Epidemiológico

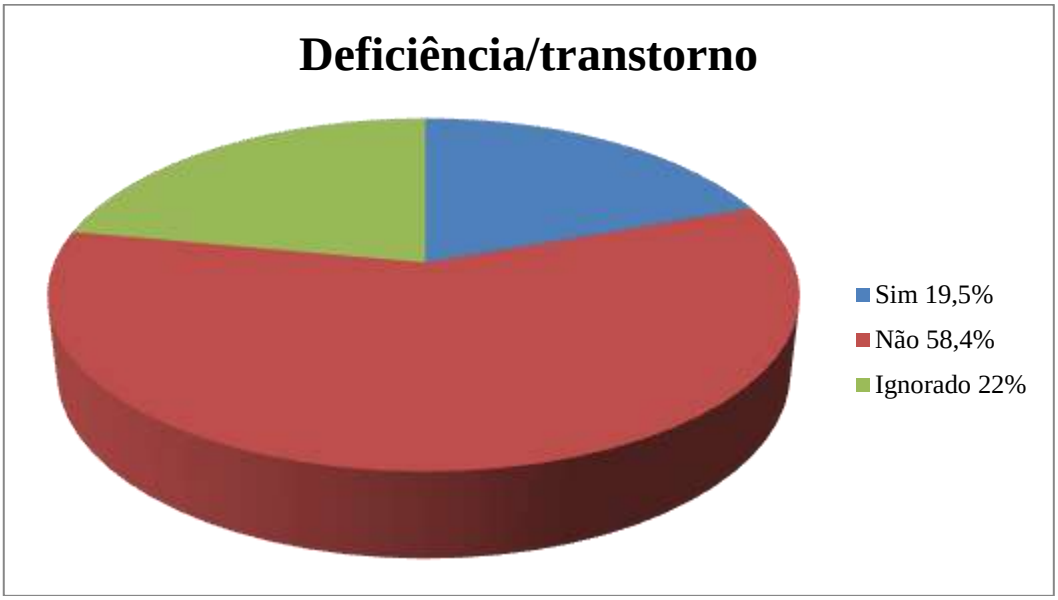
Gráfico 3 – Escolaridade



Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Quanto à presença de alguma deficiência/transtorno, a maior parte dos suicídios ocorreu com pessoas sem deficiência ou transtorno (Gráfico 4):

Gráfico 4 – Deficiência/ Transtorno



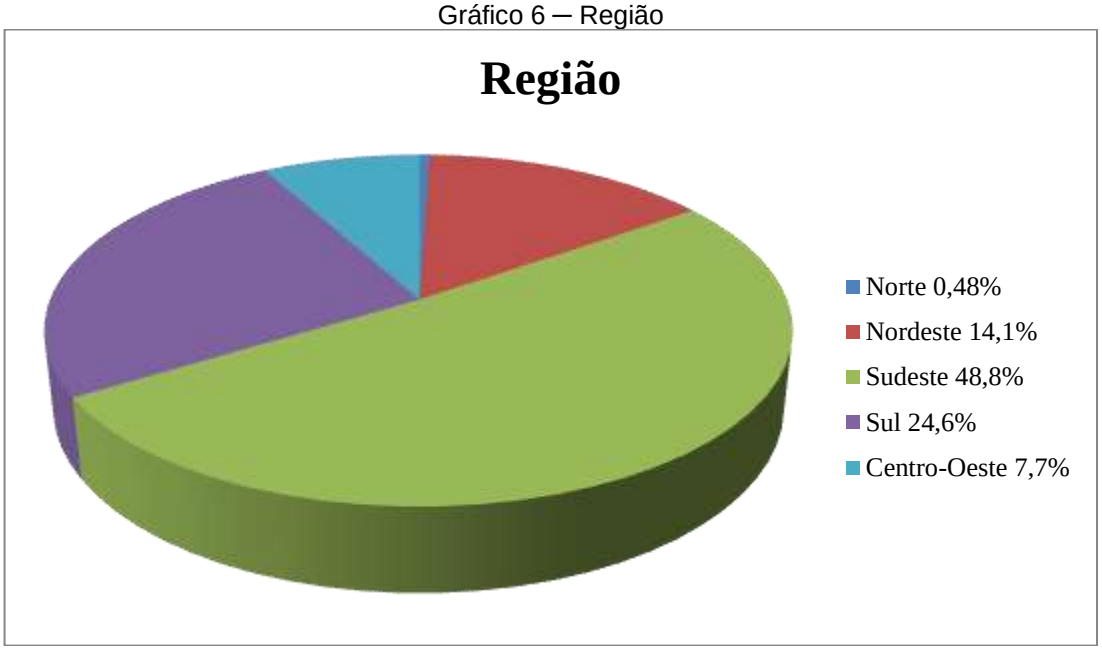
Fonte: Boletim Epidemiológico

As áreas urbanas (89,4%) e as regiões Sudeste (48,8%) e Sul (24,6%), as regiões com maior IDH do Brasil foram as que mais notificaram casos de violência autoprovocada (Gráfico 5 e 6).

Gráfico 5 – Zona de residência

Fonte: Boletim Epidemiológico

Gráfico 6 – Região



Fonte: Boletim Epidemiológico

O estudo levantou que os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná são os que mais notificam o número de casos de violência autoprovocada entre jovens de 15 a 29 anos no período (Tabela 1 e Gráfico 7).

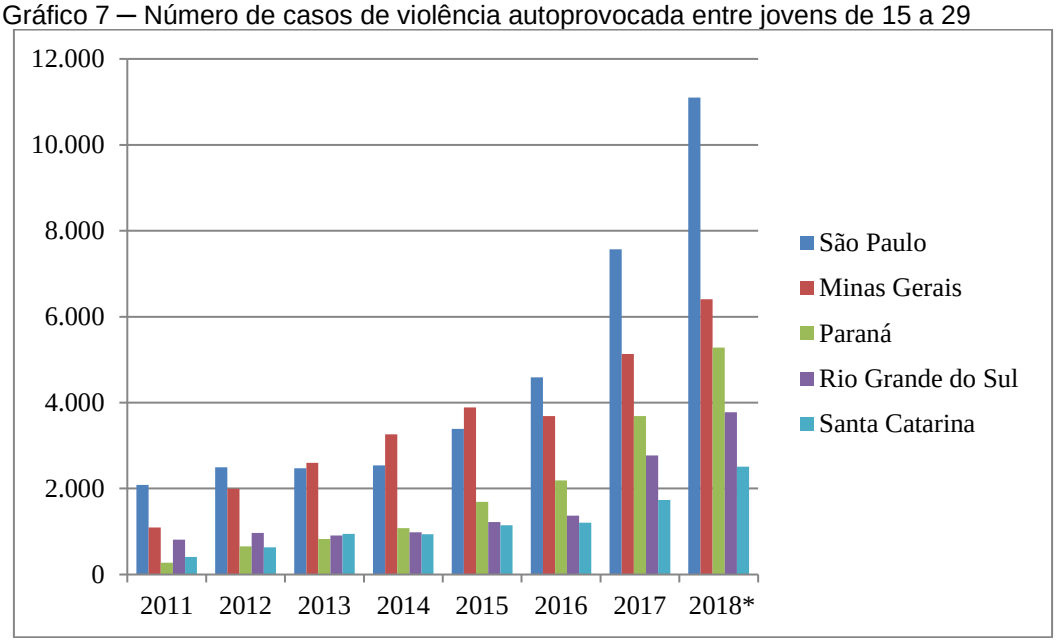
Tabela 1 – Estados com maior número de casos de violência autoprovocada

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018*	Total
São Paulo	2.082	2.494	2.471	2.539	3.386	4.589	7.567	11.099	36.227
Minas Gerais	1.097	1.995	2.601	3.265	3.891	3.685	5.131	6.409	28.074
Paraná	274	653	830	1.080	1.688	2.189	3.689	5.280	15.683
Rio Grande do Sul	815	966	912	982	1.219	1.371	2.773	3.779	12.817
Santa Catarina	407	630	948	936	1.146	1.210	1.739	2.513	9.529

Fonte: Boletim Epidemiológico

No ranque dos estados mais ricos da federação por PIB bruto figuram São Paulo em 1º lugar, Minas Gerais em 3º, Rio Grande do Sul em 4º, Paraná em 5º e Santa Catarina em 7º lugar. O maior poder aquisitivo, o maior número de pessoas em áreas urbanas, como já foi dito, facilitam o acesso às tecnologias da informação.

Gráfico 7 – Número de casos de violência autoprovocada entre jovens de 15 a 29



Fonte: Boletim Epidemiológico

O próprio texto ressalta tanto a dificuldade de levantamento de dados mais específicos quanto o alto grau de subnotificações de comportamento suicida que ocorrem no país. Mesmo a forma de preenchimento e levantamento de alguns campos da documentação específica ainda permanece inadequada, tais como escolaridade, que apresenta déficit de 37,2%, de 22,0% para deficiência/transtorno e 11,7% para raça/cor da pele.

Além do exposto, em muitos casos, ocorre também a não adesão à notificação compulsória inerente às Diretrizes Nacionais de Prevenção do Suicídio[16] (BAÉRE, 2019), principalmente por ser o suicídio ainda considerado um tema delicado e até um tabu na maior parte das sociedades, incluindo a brasileira. Conforme Kovács (2014, p.220), o fenômeno do suicídio é o tema "mais difícil e complexo de ser abordado no aspecto de interdição da morte na sociedade ocidental contemporânea, e nenhuma teoria ou abordagem única dá conta de sua diversidade". Por conta da complexidade do tema e de seu manejo, nota-se a necessidade de uma abordagem cuidadosa e efetiva.

> É importante registrar a necessidade de abordagem cautelosa da temática do SUICÍDIO por setores da rede intra ou intersetorial para que estas ações de prevenção não sejam responsáveis por disparar

[16] Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006 que institui as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

> gatilhos emocionais aumentando o risco para as tentativas e mesmo de efetivação para interrupção da vida (KOVÁCS, 2014, p. 7).

Este Boletim Epidemiológico do Distrito Federal[17] também inclui o cuidado para que a abordagem do tema não acarrete em eventuais gatilhos e sugere notas técnicas e informativas.

1.2 Causas de suicídio

As causas mais comuns até então identificadas para o suicídio são transtornos psiquiátricos e comportamentais como depressão, esquizofrenia, a adição e a compulsividade. Ricos ou pobres, cerca de 20% dos adolescentes do mundo sofrem de problemas mentais, principalmente os que dizem respeito à automutilação, ao suicídio e à depressão.[18]

Na Europa e na América do Norte os fatores de risco mais significativos são os transtornos mentais, incluindo adição de substâncias, enquanto que em países asiáticos o comportamento impulsivo e questões referentes aos valores tradicionais têm grande influência nas taxas de suicídio (OMS, 2019; 2020).

O mesmo estudo observou que na Coréia do Sul, por exemplo, na 10ª maior taxa do mundo, o suicídio entre os idosos é muitas vezes resultante da quebra da tradição dos filhos de cuidarem dos pais velhos. Estes acabam se matando para pouparem as famílias do fardo financeiro. No mesmo país, os jovens em idade escolar estão expostos a vários vetores que podem levar ao suicídio, como estresse, privação de sono, uso abusivo de álcool e à enorme pressão social relativa à expectativa e pressão das famílias quanto ao sucesso escolar. O tema é importante e é reportado de uma forma alarmante em diversos seriados que, em algum momento, uma ou mais personagens pensam em suicídio. Como em *Cheer up* (2015) e *Sky Castle*[19] (2020), por exemplo, nos quais o fracasso escolar resulta em uma angústia tão insuportável que leva as personagens a comportamentos autodestrutivos e suicidas.

---

[17]Disponível em: http://www.saude.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/boletim-anual-autoprovocada-2020.pdf. Acesso em: 17 mar. 2021.
[18] Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693471. Acesso em: 11 mar. 2020.
[19] Disponível em: https://revistakoreain.com.br/2020/09/lista-10-doramas-sobre-saude-mental-para-ver-hoje-e-sempre/. Acesso em: 1 set. 2011.

Já o Japão divulga anualmente os índices oficiais de suicídio. Embora estatisticamente esteja fora do ranque dos 10 primeiros países em que mais se comete suicídio, ele é a causa principal de mortes nas faixas etárias dos homens entre 20 a 44 anos e das mulheres de 15 a 34 anos. As causas mais comuns são o divórcio e o desemprego.[20]

Notícias sobre suicídio também podem ser fatores causais de suicídio. A OMS publicou o documento *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*, em que orienta como devem ser abordados os assuntos relacionados ao suicídio.

> O suicídio é talvez a forma mais trágica de alguém terminar a vida. A maioria das pessoas que consideram a possibilidade de cometer o suicídio são ambivalentes. Elas não estão certas se querem realmente morrer. Um dos muitos fatores que podem levar um individuo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios.[21]

O texto também alerta que os profissionais da mídia devem evitar detalhes como o sensacionalismo, a exposição de imagens do suicida, eventuais descrições do método utilizado e muito menos o suicídio ser apresentado como a solução de problemas, entre outros.

A notícia da morte de pessoas influentes na sociedade também pode desencadear comportamentos suicidas por contágio ou imitação, denominado como Efeito Werther, que será descrito adiante (NIEDERKROTENTHALER *et al.,* 2012). Como ocorreu na morte do ator e comediante Robin Williams, em 2014.

As causas referentes à depressão severa e graves problemas financeiros e o fato de Williams ter cortado os pulsos e depois se enforcado foram amplamente noticiado por vários meios de comunicação, como o *The Sun* e o *Jornal Metro* (Figura 4).

[20] Disponível em: https://worldpopulationreview.com/country-rankings/suicide-rate-by-country#dataTable Acesso em:15 out. 2019.
[21] Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67604/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf;jsessionid=D659A2051E5E2C37B74E662F5E6F9F2B?sequence=7 Acesso em: 5 maio.2019.

Figura 3 – Notícia da morte do ator Robin Williams

Fonte: Timsquirrell (2014)[22]

Estudos realizados posteriormente sugerem uma conexão entre o grande aumento de notícias sobre o suicídio do ator e o acréscimo significativo de mortes autoafligidas por sufocamento – método semelhante utilizado por Williams, de agosto a dezembro de 2014, meses subsequentes ao acontecimento (FINK *et al.*, 2018; SINYOR *et al.*, 2019).

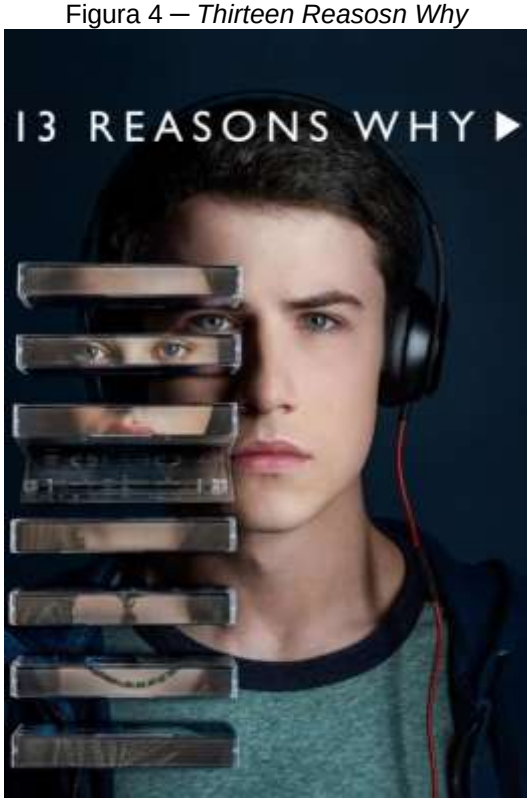
1.3 Jogos e séries

O tema do suicídio causado por *bullying* em adolescentes foi tratado em *Thirteen Reasosn Why*[23], série original da Netflix (2017) e baseada no livro de Jay Asher. No enredo, o jovem Clay Jensen (Dylan Minnette), ao voltar um dia da escola, encontra na porta de sua casa um pacote com seu nome e com várias fitas cassetes.

[22] Disponível em: https://timsquirrell.wordpress.com/2014/08/12/everything-wrong-with-the-medias-reporting-of-robin-williams-death/. Acesso em: 15 set.2021.
[23] Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/80117470. Acesso em: 15 mar. 2019.

Os áudios foram gravados por Hannah Baker (Katherine Langford), uma colega de classe de Clay, que cometera suicídio algumas semanas antes (Figura 4).

Figura 4 – *Thirteen Reasosn Why*



Fonte: Persona Crítica Cultural (2017)[24]

Nas gravações, a jovem explica que decidiu cometer suicídio por treze motivos, e ele, Clay, é um deles. Para entender o que a levou a se matar, ele precisa ouvir tudo até o fim.[25]

Bridge (2020) estudou a relação entre a estreia da série 13 *Reasons Why* da Netflix e as taxas de suicídio nos Estados Unidos. A conclusão foi que, embora o lançamento do drama não apresentasse impacto nas estatísticas oficiais de suicídio em nenhuma faixa etária, as taxas mensais de suicídio entre jovens americanos de 10 a 17 anos aumentaram significativamente.

No mesmo ano surge o Jogo da Baleia Azul na rede social russa (semelhante ao Facebook). O termo se refere à suposição de que as baleias encalhadas tenham, na verdade, cometido suicídio. O jogo envolvia 50 tarefas diárias e autodestrutivas que os participantes teriam que concretizar até o desafio final: o suicídio. Algumas das tarefas envolviam a privação do sono e a prática da automutilação. Além das redes

[24] Disponível em: http://personaunesp.com.br/13-reasons-why/. Acesso em: 15 mar. 2019.
[25] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thirteen_Reasons_Why. Acesso em: 15 mar. 2019.

sociais como Facebook, Twitter e WhatsApp, era necessário um curador que selecionava a próxima vítima a participar do grupo.[26]

Observamos que, muito embora se estudem e avaliem vários fatores socioambientais que variam de país a país, pouco se tem considerado a relação que aqui propomos entre o suicídio e a excessiva imersão tecnológica também como fator importante neste cenário. A tese central deste trabalho reside justamente em apontar para o fato de que a relação entre a imersão digital e o suicídio ainda não foi suficientemente avaliada nessa perspectiva[27], a partir das relações teóricas aqui apresentadas.

1.4 O suicídio legalizado

Existem países que permitem a prática do suicídio. Se na Grécia antiga o Estado mantinha certa quantidade de cicuta disponível para aqueles cidadãos que desejavam tirar a própria vida (MINOIS, 2018), os governos atuais impõem algumas regras.[28]

A Holanda, número 18 no ranque, com 12.6 a cada 100 mil habitantes, por exemplo, foi o primeiro país da atualidade a permitir a eutanásia (grego: *eu+thánatos* ou literalmente “boa morte”), seguida pela Bélgica. No primeiro, a eutanásia pode ser solicitada a partir dos 12 anos, desde que haja comprovação de uma doença incurável e a presença de dores insuportáveis. O suicídio na Holanda também não é crime e chegou a 2.150 casos/ano em 2020. Na Bélgica, a prática de eutanásia em crianças só foi possível em 2010. Para isso, e para o suicídio assistido, tanto o paciente quanto o médico responsável devem ser belgas.

> [...] a única nação da Europa Ocidental com uma taxa de suicídio excepcionalmente alta é a Bélgica, que está em 11º lugar, com 20,7 suicídios por 100 mil. No entanto, é importante notar que a Bélgica tem algumas das leis mais liberais do mundo sobre suicídio assistido por médico, o que é provável que seja um fator em suas estatísticas.[29]

[26] Disponível em: https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2017-05-10/baleia-azul.html. Acesso em: 25 jun.2019.
[27] O estudo dessa relação implicaria em uma crítica dos órgãos oficiais ao estilo de vida do sistema capitalista, pautado principalmente pelo consumo ininterrupto, inclusive da tecnologia.
[28] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_suicidio_assistido_rb. Acesso em: 15 out. 2019.
[29] Disponível em: https://worldpopulationreview.com/country-rankings/suicide-rate-by-country#dataTable. Acesso em: 7 dez. 2020.

A alta incidência na Bélgica chegou em 2020 a 2.377 casos. Já a Suíça (18º) com 17.2 suicídios/100 mil habitantes oferece serviços de suicídio assistido, mas proíbe a eutanásia. Isso não quer dizer que na Bélgica haja mais suicídios, mas que há um levantamento mais efetivo dos casos, levando a estatísticas oficiais mais realistas, de acordo com o texto.

Nos Estados Unidos, a eutanásia é proibida. Já a legalidade do suicídio assistido cabe a cada Estado. É permitido em Washington, Oregon, Vermont, Novo México e Montana, geralmente desde que a pessoa tenha mais de 18 anos e com comprovação de menos de 6 meses de vida.

No Brasil, o suicídio ou autocídio é considerado ilícito como toda a morte conscientemente provocada pela própria pessoa. Como a vida é considerada um bem jurídico indisponível, é um ato ilícito, mas não sujeito à infração penal, isento de culpabilidade e não sujeito à pena nem sanções pelo Estado (BRAGA, 2018).

Por outro lado, tanto a eutanásia como o suicídio assistido são crimes previstos em lei, por serem compreendidos como uma ajuda para que a pessoa concretize o ato (OLIVEIRA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2012). O artigo 122 do Código Penal[30] classifica a ação de crime:

> Art. 122 - Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça:
> Pena - reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

A pena vai de um a três anos caso o suicídio não ocorra, mas resulte em lesão corporal grave, e de dois a seis anos de prisão quando houver morte. Em parágrafo único, o Código Penal indica que agravantes podem incorrer no aumento e mesmo a duplicação da sentença quando o chamado crime ocorrer por motivo dito egoístico (receber uma herança) ou quando “a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência” (Art.122).

A ortotanásia (*orthos+thánatos*) é uma forma de “suicídio assistido” definida pela suspensão de tratamentos e dos meios artificiais que prolongam a vida de um doente terminal, foi autorizada por meio de uma resolução pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), desde que fosse desejo do paciente. O Ministério Público Federal

[30] Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10625219/artigo-122-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940. Acesso em: 15 out. 2019.

(MPF) entrou com Ação Civil Pública, alegando que somente a Lei poderia tratar deste assunto, e a Justiça Federal suspendeu a medida por liminar. Entretanto, o próprio MPF mudou de opinião e, em 2010, a liminar foi anulada. O juiz responsável Roberto Luis Luchi Demo disse ter chegado à conclusão que a resolução do CFM que "regulamenta a possibilidade de o médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente na fase terminal, realmente não ofende o ordenamento jurídico".[31]

A ortotanásia é aceita no Brasil desde que realizada pelo médico que ministra no paciente "medicamentos para diminuir seu sofrimento, além de conferir confortos familiar, psíquico e espiritual" (OLIVEIRA JUNIOR; OLIVEIRA, 2012).

1.5 Entre a boa morte e o suicídio

A boa morte descrita por Kellehear (2016) é aquela ideal, cada vez mais civilizada e urbana e que está permeada por questões religiosas, legais, médicas e medicamentosas. Logo, o suicídio é classificado entre as denominadas mortes ruins. Estas são as mortes súbitas e sem aviso, as mortes violentas, por incompetência de outrem e mesmo a morte longe da pátria. Em nosso mundo globalizado, as mortes ruins se enquadram nas mortes solitárias, nas mortes dos que não atingiram a velhice e nas de quem está afastado das relações afetivas, sejam elas familiares e/ou fraternais.

> O suicídio é um ato revestido de muita violência, isto por se tratar de um processo de autodestruição. É uma forma de violência, seguramente a mais polêmica e que encerra em si todas as angústias e sofrimentos do homem, do desespero humano atual. Filosoficamente é um ato que questiona a existência de modo drástico e definitivo. É sabido que outros questionamentos são igualmente realizados ao longo da vida, mas o que dimensiona a validade real dela, é o mais complexo (HIRANO, 2008, p.9).

Esta ação violenta e definitiva possui diversas formas de ser executada e varia de acordo com a cultura, com o avanço tecnológico e com o acesso aos meios de se matar. A motivação e a forma de suicídio evoluíram com a civilização e variam de acordo com a cultura local (MINOIS, 2018; DURKHEIM, 2000; OLIVEIRA, 1994).

[31] Disponível em: https://jus.com.br/artigos/47074/morrer-com-dignidade. Acesso em: 15 out. 2019.

Sobre a motivação para o suicídio, nas primeiras duas décadas do século XXI, com a descoberta e o desenvolvimento das novas tecnologias, a disseminação dos aparatos eletrônicos e sua portabilidade levaram ao surgimento de uma nova modalidade de adição associada ao uso excessivo de internet e das mídias sociais. Este problema está relacionado principalmente ao público juvenil e tem aumentado bastante nos últimos anos (ZIVNUSKA *et al.*, 2019; WENGE *et al.*, 2018).

Os meios de se matar mais utilizados em nível global são envenenamento, enforcamento e armas de fogo. O tipo de envenenamento mais comum se dá pela ingestão de material tóxico de fácil acesso, principalmente em países mais pobres. Sobre os pesticidas, o estudo da OMS de 2016 revelou que:

> O país mais estudado é o Sri Lanka, onde uma série de proibições levou a uma queda de 70% nos suicídios e cerca de 93 mil vidas salvas entre 1995 e 2015. Na Coreia do Sul, a proibição do herbicida 'paraquat' em 2011, responsável pela maioria das mortes por suicídio nos anos 2000, fez com que o número de mortes de suicídios por intoxicação por pesticidas entre 2011 e 2013 caísse pela metade.[32]

Atualmente, o Sri Lanka é o 29º país no ranque mundial, com taxa de suicídio de 14.6 a cada 100.000 habitantes, ainda prevalecendo mais o suicídio entre homens (23.5) que entre as mulheres (6.4). O número de suicídios, porém, continua alto, sendo que em 2020 ocorreram 3.066 casos no país.

No documento publicado pela OMS e pela FAO *(Food and Agriculture Organization of the United Nations)* denominado *"PREVENTING SUICIDE: A resource for pesticide registrars and regulators[33]"* há dados sobre a taxa estimada de pessoas que morrem por suicídios utilizando pesticidas comumente usados na agroindústria (Tabela 2).

Tabela 2 ─ Taxa estimada de pessoas que morrem por suicídios utilizando pesticidas

PRODUTO	**FATAL EM**
Herbicidas	
Paraquat	44%
Propanil	11%
MCPA	5%
Glyphosate	2%
Veneno para ratos e formigas	

[32]Disponível em: https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/. Acesso em: 15 out. 2019.
[33] Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326947/9789241516389-eng.pdf?ua=1. Acesso em: 5 dez.2020.

Aluminium phosphide	60-80%
Zinc Phosfide	7%
Inseticidas	
Monocrotophos	35%
Parathion	25%
Endosulfan	22%
Dimethoate	20%
Fenthion	15%
Carbosulfan	11%
Chlorpyrifos	8%

Fonte: Who (2019)

Na Tabela 2, temos descritos o nome do produto, para que é utilizado e a incidência de fatalidade nos casos de suicídio. A maior parte dos produtos é de fácil obtenção e amplamente disseminados na produção de alimentos. Podemos citar como exemplo o fosfato de alumínio (*Aluminium phosphade*), um elemento bastante utilizado na agroindústria. O perigo é que ele permanece nos alimentos e não é metabolizado pelo organismo, causando problemas para a saúde em geral, principalmente quando consumido por mulheres grávidas (GLYNN; LIGNELL, 2019). Outro é o herbicida Paraquat, utilizado no combate a ervas daninhas, mas que acaba contaminando o solo e é neurotóxico para animais e seres humanos, podendo levar a graves consequências para a saúde em geral e até a morte (MARTINS, 2013).

Armas de fogo também são bastantes utilizadas para tirar a própria vida, chegando a ser o número um em causas de mortes por suicídio, principalmente em países ricos, devido à facilidade de acesso a esses produtos e às leis que regem a comercialização e porte das armas. O maior exemplo dessa situação são os Estados Unidos, maior economia do mundo[34], que figura em 27º país em número de suicídios, com uma taxa anual (2020) de 15,3 a cada 100 mil habitantes. Em reportagem da BBC de 22 de março de 2020, com o título *A silenciosa epidemia de suicídios que se esconde por trás do direito de portar armas nos EUA*, o jornalista Joel Gunter diz:

> De acordo com dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês), agência de saúde do governo americano, a taxa nacional de suicídios aumentou 35% entre 1999 e 2018, e houve um crescimento em todos os Estados. O aumento foi de 47% entre adolescente es e jovens adultos, mais do que em qualquer outra faixa etária. O CDC aponta uma ampla variedade de forças por trás de

[34] Disponível em: https://www.maioresemelhores.com/paises-mais-ricos-pib-per-capita/. Acesso em: 14 jun. 2021.

> suicídios: isolamento social e geográfico, dificuldades financeiras, dependência de drogas e álcool e problemas de saúde mental. Mas também destaca um fator comum na maioria dos casos americanos: armas.
> Pouco mais da metade das pessoas que se matam nos Estados Unidos usam uma. Brayden usou.
> O suicídio com armas de fogo é uma epidemia silenciosa no país: responde por 60% das mortes por armas, enquanto os atentados a tiro em massa, que dominam o debate sobre o controle de armas nos Estados Unidos, representam menos de 1%.
> Em 2018, 67 pessoas morreram por suicídio com arma de fogo todos os dias em média, um número que aumenta a cada ano desde 2006.
> Parte do problema é que elas são de longe o instrumento mais letal. Cerca de 85% das pessoas que usam armas para isso morrem. Entre as que usam outros meios, 95% sobrevivem — e mais de 90% dos que sobrevivem não tentam se matar novamente.[35]

Botega (2015) alerta que a facilidade de acesso aos meios letais aumenta a ocorrência de suicídio entre grupos de risco. Todavia, as tentativas de se proibir as armas nos Estados Unidos resvalam em uma cláusula pétrea da constituição[36] e nos lobbys como o grupo pró-armamentista *National Rifle Assiciation* (NRA) e o próprio partido Republicano.

1.6 Lugares do mundo onde ocorrem suicídios frequentes

O local mais popular de suicídio nos Estados Unidos é a Ponte Golden Gate (Figura 5). A estrutura construída entre 1933-1937 é o segundo local no mundo utilizado por suicidas, perdendo apenas para a Ponte de Nankim, na China.

[35] Reportagem de Joel Gunter da BBC News. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51683625. Acesso em: 20 jun. 2020.
[36] A Segunda Emenda da Constituição americana estabelece que “Sendo uma milícia bem regulamentada, necessária para a segurança de um estado livre, o direito do povo de manter e portar armas não deve ser violado”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Emenda_%C3%A0_Constitui%C3%A7%C3%A3o_dos_Estados_Unidos. Acesso em: 20 jun. 2020.

Figura 5 – Ponte Golden Gate

Fonte: NPR.ORG (2016)[37]

A ponte americana tem policiamento constante para desestimular suicidas e em seu percurso há telefones com contato direto com conselheiros que fazem a prevenção do suicídio.[38]

O penhasco de Beachy Head é o mais alto penhasco de calcário da Grã Bretanha, localizado no condado de East Sussex, atrai pessoas que querem cometer suicídio por estar a 162 metros acima do nível do mar (Figura 6).

[37] Disponível em: https://www.npr.org/2016/10/03/496394732/at-golden-gate-bridge-texting-offers-new-lifeline-to-prevent-suicides. Acesso em: 20 jun.2020.
[38] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-50050294. Acesso em: 20 jun. 2020.

Figura 6 ─ Penhasco de Beachy Head

Fonte: Blog Lugares Fantásticos[39]

O local é um ponto turístico e tem uma linha de ônibus que deixa as pessoas bem próximas ao ponto mais alto do penhasco. Atualmente, além do patrulhamento realizado por voluntários, há uma cabine telefônica com linha direta com um centro de apoio psicológico para quem quiser pedir ajuda.[40]

Na China, a histórica ponte no rio Yangtzé, em Nanquim, é um dos pontos de suicídios mais conhecidos no mundo. Além do policiamento e de telefones com grupo de apoio, há 18 anos Chen Si, um homem de meia idade dedica seu tempo livre em observar e salvar pessoas que querem cometer suicídio[41]. No detalhe da Figura 7, Chen consegue salvar um suicida.

[39] Disponível em: https://jp-lugaresfantasticos.blogspot.com/2015/03/beachy-head.html. Acesso em: 22 out. 2021.
[40] Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/hypercubic/2012/02/o-lado-sombrio-do-penhasco-branco/. Acesso em: 25 out. 2021.
[41] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/04/16/o-anjo-da-guarda-que-zela-a-ponte-dos-suicidios-na-china.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

Figura 7 ─ Ponte no rio Yangtzé

Fonte: Jornal Ciência[42]

Em uma reportagem, o chamado “Anjo de Nanjing” alegou ser fácil de reconhecer um potencial suicida porque “É uma pessoa que anda sem uma alma”[43]. Em Nanquim, há um centro de intervenção para crises, e de uns anos para cá, Chen conta com a ajuda de voluntários, principalmente estudantes de psicologia e uma linha telefônica para dar assistência aos suicidas.

Na Coreia do Sul, com maior controle dos pesticidas, o meio mais comum de autocídio é o envenenamento com monóxido de carbono e o enforcamento. Em Seul, um método bastante utilizado pelos suicidas é pular da Ponte Mapo (Figura 8), a denominada "Ponte da Morte" ou "Ponte do Suicídio" (OMS, 2020). No caso da ponte, o governo pensou em fechar o acesso, mas a empresa Samsung[44] teve a ideia de fazer campanha de combate ao suicídio.[45]

[42] Disponível em: https://www.jornalciencia.com/o-anjo-de-nanjing-homem-dedica-sua-vida-a-prevenir-suicidios/. Acesso em: 5 jul. 2021.
[43]Disponível em: https://www.jornalciencia.com/o-anjo-de-nanjing-homem-dedica-sua-vida-a-prevenir-suicidios/. Acesso em: 5 jul. 2021.
[44]A empresa já havia perdido dois de seus herdeiros para o suicídio. Em 2005 Lee Yoon-hyung, filha do presidente da Samsung se enforcou. Cinco anos depois, em agosto de 2010, Lee Jae-chan, neto do fundador da Samsung se matou pulando de um prédio. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3008201006.htm. Acesso em: 5 jul. 2021.
[45]Disponível em: https://canaltech.com.br/curiosidades/Campanha-da-Samsung-em-ponte-reduz-em-85-taxa-de-suicidio-na-Coreia-do-Sul/. Acesso em: 5 jul. 2021.

Figura 8 ─ Ponte Mapo

Fonte: Exame (2013)[46]

Na Figura 9, pode-se observar o trecho do vídeo da campanha publicitária premiada em Cannes em 2013, que registra o momento em que as luzes acendem e chamam a atenção para frases inspiradoras e criadas por psicólogos e entidades que tratam do assunto, como "os melhores momentos da sua vida ainda estão por vir"; "vá ver as pessoas de quem você sente saudade" e "como você gostaria de ser lembrado?". Mais que frases, em vários locais da ponte estão disponíveis instalados telefones de emergência ligados a uma central de saúde mental (Figura 9).

Figura 9 ─ Campanha publicitária premiada em Cannes em 2013

Fonte: Kpoplat.com[47]

[46] Disponível em: https://exame.com/marketing/taxa-de-suicidio-diminui-85-apos-acao-da-samsung-em-ponte/. Acesso em: 5 jul.2021.
[47] Disponível em: https://kpoplat.com/wp-content/uploads/2020/10/puente-mapo.png. Acesso em: 5 jul.2021.

Um exemplo desses salvamentos aparece no seriado coreano “Primeira vez amor”, veiculado em 2019 pela plataforma Netflix, quando a protagonista Han Song-Yi vai até a ponte para se matar e, no último instante, vê um telefone com os dizeres: “Está sofrendo? Estamos aqui para ajudar”. Momentos após pegar o telefone e conversar com o atendente, a jovem é salva pelos policiais que se aproximam rapidamente.

Figura 10 – Seriado coreano Primeira vez amor

Fonte: Youtube[48]

A ação da Samsung e do governo deu certo, e os casos de suicídio na ponte caíram em 85%, transformando-a agora na “Ponte da Vida”. No Japão, um lugar bastante procurado pelos suicidas é a floresta de Aokigahara (Figura 11 e 12), na base do Monte Fuji (OMS, 2020).

[48] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=whbnYbQ2YhE&ab_channel=NatanSilva Acesso em: 20 mar.2021.

Figura 11 ─ Floresta de Aokigahara

Fonte: BBC News (2018)[49]

Figura 12 ─ Restos mortais de adolescente encontrado na Floresta de Aokigahara

Fonte: Aventuras na História (2020)[50]

A Figura 13 é de uma placa localizada logo na entrada da floresta, com mensagens preventivas contra o suicídio e instruções para os visitantes suicidas pedirem ajuda e o número de telefone para atendimento psicológico.

[49] Foto: Julian Colton. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-42541890. Acesso em: 6 set.2021.

[50] Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/oakigahara-floresta-do-suicidio-no-japao.phtml. Acesso em: 6 set. 2021.

Figura 13 ─ Placa localizada na entrada da floresta Aokigahara

Fonte: CNN (2018)[51]

Outros cartazes estão espalhados pela floresta com mais mensagens antissuicidas, lembrando que "o presente que é a vida e a dor que você pode causar à sua família"; "Pense calmamente mais uma vez em seus pais, irmãos ou filhos"; "Por favor, não sofra sozinho, e primeiro estenda a mão".

A floresta, por sua mata densa e pouca vida selvagem, é bastante silenciosa e historicamente já tinha certa reputação de ser assombrada por espíritos malignos. O local era utilizado por monges que “iam para morrer de fome. De acordo com o folclore japonês, os fantasmas daqueles que cometeram suicídio vagam no limbo na floresta e aqueles que lá entram correm o risco de nunca mais sair”[52]. A popularidade de Aokigahara aumentou com a publicação nos anos de 1960 do romance de Seicho Matsumoto, onde dois amantes acabam se suicidando ali.

A floresta também já foi cenário de filmes de terror[53] e outros tipos de produção midiática, sendo o mais polêmico o filme do vlogueiro Logan Paul[54]. Em um dos vídeos da viagem que fez com amigos em 2018, o grupo caminhava pela floresta com um guia local quando avistam o corpo de um suicida enforcado. Aparentemente chocados, a princípio, os jovens começam a rir e a fazer piadas (Figura 14).

---

[51] Disponível em: https://edition.cnn.com/2018/01/03/health/japan-suicide-forest-intl/index.html. Acesso em: 8 set. 2021.
[52] Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2018/01/japoneses-tentam-combater-suicidios-no-mar-de-arvores-cjcht93xq01te01kef2to1ktf.html. Acesso em: 27 ago. 2021.
[53] Disponível em: https://edition.cnn.com/2018/01/03/health/japan-suicide-forest-intl/index.html. Acesso em: 8 set. 2021.
[54] Disponível em: https://veja.abril.com.br/cultura/youtuber-posta-video-de-corpo-em-arvore-faz-piada-e-pede-perdao/. Acesso em: 27 jan. 2020.

Figura 14 ─ Vlogueiro Logan Paul

Fonte: Veja (2018)[55]

Mesmo que no vídeo de 15 minutos o rosto do cadáver esteja desfocado (Figura 15), a publicação gerou polêmica e críticas a Paul.

Figura 15 ─ Youtuber posta vídeo de corpo em árvore, faz piada e pede perdão

Fonte: Revista Encontro[56]

[55] Disponível em: https://veja.abril.com.br/cultura/youtuber-posta-video-de-corpo-em-arvore-faz-piada-e-pede-perdao/. Acesso em: 27 jan. 2020.
[56] Disponível em: https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2018/01/youtuber-americano-filma-suicida-na-famosa-floresta-de-aokigahara-no.html. Acesso em: 27 jan.2020.

A repercussão foi tão negativa que o YouTube retirou o vídeo da plataforma. Mais tarde, Paul, que tem mais de 15 milhões de seguidores, pediu desculpas no Twitter, alegando que pretendia conscientizar as pessoas sobre o suicídio.

1.7 Suicídio ao vivo: a morte na rede

A evolução tecnológica e a chegada dos computadores, da internet e das redes sociais revolucionou a comunicação. Miklos (2019) explica que:

> A invenção e expansão da Internet provocou uma revolução na comunicação. Ao lado dos meios de comunicação de massa vivemos a expansão dos meios de comunicação em rede. A base contextual da diferença da comunicação em rede ou digital está contida na nova dinâmica de publicar, difundir e receber qualquer conteúdo, a qualquer hora e em qualquer lugar do mundo. Essa possibilidade, na Internet, a diferencia da comunicação tradicional, que possuem uma escala de produção e difusão da informação. As pessoas utilizam redes sociais digitais, chats, fóruns, e-mails, blogs e páginas pessoais para produzir e reproduzir informação livremente, recriando seus espaços sociais no mundo virtual livremente, apenas respeitando direitos autorais e as políticas dos sites. A Internet permite ao usuário do meio de comunicação a filtração do seu conteúdo de interesse, o que a diferencia da impossibilidade de escolha da informação recebida das mídias clássicas (MIKLOS, 2019, p. 35).

A virtualização das relações e da vida acabou por propiciar uma nova modalidade de local para o suicídio: a rede. Se a motivação e os métodos para tirar a própria vida evoluíram com o processo civilizatório e os costumes do lugar (MINOIS, 2018; DURKHEIM, 2000; OLIVEIRA, 1994), a cultura midiática proporcionou um novo local para se cometer o suicídio: em frente às telas. São diversos os exemplos em que a pessoa se mata em frente às câmeras, proporcionando uma experiência chocante para quem está ligado nas redes sociais. Nesta tese, citamos apenas alguns deles.

O primeiro suicídio online e transmitido em tempo real foi em 21 de março de 2007, quando o britânico Kevin Neil Whitrick de 42 anos se enforcou enquanto participava de uma conversa na rede social PalTalk (Figura 16). A ferramenta da empresa americana AVM Software, bastante popular nos Estados Unidos, permite interação entre as pessoas com áudio, vídeo ou *chat*.

Figura 16 – O primeiro suicídio online

Fonte: Blog palt0kia (2012)[57]

Quanto Kevin revelou que queria se matar, os participantes de um “fórum de insulto amigável” se dividiram entre os que tentavam dissuadi-lo e aqueles que o incitavam a cometer suicídio, e a maioria achou que era uma brincadeira. Um inquérito foi instaurado, mas ninguém foi processado por falta de provas.[58]

Em 30 de dezembro de 2016, a jovem americana Katelyn Nicole Davis, de apenas 12 anos, transmitiu um vídeo ao vivo no Youtube, com a duração de cerca de 40 minutos, no qual se enforca em uma árvore (Figura 17). A manchete publicada posteriormente pelo site da revista Veja em 13 de janeiro de 2017 anuncia: “Garota de 12 anos transmite seu suicídio ao vivo no Youtube”.[59]

[57]Disponível em: http://palt0kia.blogspot.com/2012/02/suicidio-en-vivo-por-paltalk-diciembre.html. Acesso em: 13 jul.2020.
[58]Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/shropshire/6993095.stm. Acesso em: 13 jul. 2020.
[59] Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/headlines/garota-de-12-anos-transmite-seu-suicidio-ao-vivo-no-youtube/. Acesso em: 13 jul.2020.

Figura 17 – Garota de 12 anos transmite seu suicídio ao vivo no Youtube

Fonte: Eyerys.com (2016)[60]

A matéria descreve que, apesar de a conta da menina ter sido apagada pela plataforma, o vídeo acabou “viralizando”[61] e sua circulação só aumentou[62]. O caso é curioso do ponto de vista da reação – ou da falta dela – para salvar a garota.

Mais tarde, em setembro de 2020, um veterano americano da guerra do Iraque, Ronnie McNutt, transmitiu seu suicídio ao vivo pela rede social Facebook (Figura 18). Ao perceber o que aconteceria, seu amigo entrou em contato com a plataforma e tentou impedir a transmissão. A resposta que recebeu foi que a transmissão não feria as suas diretrizes e não interrompeu.

[60] Disponível em: https://www.eyerys.com/articles/timeline/12-year-old-girl-livestreamed-her-suicide#event-a-href-articles-timeline-all-cryptocurrency-transactions-are-illegal-said-chinas-central-bankall-cryptocurrency-transactions-are-illegal-said-china039-s-central-bank-a. Acesso em: 10 set. 2020

[61]Fazer com que algo seja compartilhado por um grande número de pessoas. Disponível em: https://www.dicio.com.br/viralizar/#:~:text=Significado%20de%20Viralizar&text=Fazer%20com%20que%20algo%20seja,vergonhosa%20se%20viralizava%20pela%20internet. Acesso em: 17 jul.2020.

[62]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E7nPE4090jE&list=PLbbROXUWnlxVa4-n6fltbjABOQQRs-EzA&index=11. Acesso em: 10 set. 2020.

Figura 18 – Ronnie McNutt transmitiu seu suicídio ao vivo pela rede social Facebook

Fonte: YouTube[63]

Posteriormente retirado do ar, o vídeo também viralizou e foi parar em outras plataformas, como Youtube e TikTok. De acordo com a matéria veiculada pela BBC[64], as empresas utilizam um software específico para detecção desse tipo de conteúdo, mas às vezes, depois de publicados, os vídeos são muito difíceis de serem detectados. Em uma entrevista para a BBC[65], um representante do Facebook disse: "Nós removemos o vídeo original do Facebook no mês passado, no dia em que foi transmitido, e temos tecnologias automatizadas para remover cópias e uploads feitos desde então".

Um jovem influenciador paraense João (nome fictício) avisou seus fãs que faria um programa “especial”. E cerca de 280 pessoas assistiram à transmissão pelo aplicativo TikTok do suicídio do rapaz frente ao celular em 21 de fevereiro de 2019. A terceira rede social mais utilizada na história recebeu 15 denúncias, mas continuou transmitindo o vídeo que possui mais de uma hora e meia. O trabalho que se seguiu realizado pelos funcionários foi no sentido de impedir que a imagem da empresa fosse manchada.

> João não foi a primeira pessoa a ter sua morte divulgada no TikTok, mas foi o primeiro caso de suicídio transmitido ao vivo que veio à tona. Na Índia, país com uma das maiores bases de usuários da plataforma, ao menos outros dois suicídios relacionados ao aplicativo ocorreram. O tribunal indiano chegou a bloquear a rede social no país argumentando que o aplicativo estimulava a pornografia e poderia expor crianças a abusadores sexuais, mas a decisão foi revertida.[66]

[63] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bb-YxJYSHZM&ab_channel=ArshadBaloch. Acesso em: 20 mar. 2021.
[64] Disponível em: https://www.bbc.com/news/technology-54176205. Acesso em: 25 mar. 2021.
[65] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-54077717. Acesso em: 25 mar. 2021
[66] Disponível em: https://theintercept.com/2020/02/06/tiktok-suicidio-ao-vivo/ Acesso em: 25 mar. 2021.

No decorrer do mês de agosto de 2019, o TikTok foi o aplicativo mais baixado para Android e iOS em todo o mundo. Muito popular entre adolescentes, ultrapassou WhatsApp, Instagram e YouTube.

O monitoramento dos vídeos ao vivo é feito por uma equipe na China. Mas foi a equipe locada no bairro do Itaim Bibi na capital de São Paulo que realizou ações para o controle de danos que não prejudicassem a empresa. Por isso, a notificação demorou cerca de três horas.[67]

Se antes o corpo do morto recebia punições como ser mutilado, executado e exibido para depois ser enterrado fora do terreno consagrado (MINOIS, 2018; BODEGA, 2015; OLIVEIRA, 1994), agora a imagem ou a “live” do suicídio viraliza e fica na rede. Preso no limbo de lugar nenhum e ao mesmo tempo, em qualquer lugar, acessível a quem se dispuser a assistir, mesmo que as imagens do suicídio sejam retiradas assim que possível da internet e sua divulgação censurada pelas plataformas onde foram inicialmente postadas.

Conforme Contrera (2016), numa sociedade de imagens técnicas, a imaterialidade e o esquecimento assemelharia o homem àqueles “seres meio zumbis, meio vampiros, que ainda assim tentavam ser românticos e, enquanto caminhavam para o precipício por eles mesmos criado, olhavam desesperados para telas mágicas em busca de alguma salvação” (CONTRERA, 2016, p. 4). Ao questionar o custo do virtual, a autora diz que a resposta seria “a morte das derradeiras esperanças humanas” (CONTRERA, 2016, p. 4).

Contrera (2021) descreve que:

> Como toda virtualização abriga uma abstração, sempre nos coube perguntar: o que foi abstraído? E a resposta generalizante, de que o que foi abstraído, ou melhor, subtraído, foi a dimensão do concreto, apenas escondeu as implicações subjetivas diretas desse processo; tratou-se de fato do apagamento do corpo e do seu protagonismo nas relações comunicativas (CONTRERA, 2021, p. 38).

Ao retirarmos o concreto resta apenas a imagem. Talvez por isso que a retirada das imagens se justificasse como uma forma intencional de não propagação do suicídio como contágio. Ou uma tentativa do apagamento da imagem do corpo real, pois não há realidade mais profunda que a de um corpo morto. Apagamento este como uma forma de negação da morte violenta e um impedimento de maiores discussões e

[67] Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/09/23/tiktok-bate-whatsapp-e-vira-app-mais-baixado-no-android-e-ios-em-agosto.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 2 maio. 2021.

políticas de prevenção sobre o tema? Talvez, ao escolher o espaço virtual como local de morte e a última chance de visibilidade, o suicida esteja expelindo seu derradeiro estertor.

CAPÍTULO II - IMERSÃO DIGITAL

A atual compreensão do suicídio como algo complexo ganha mais um agravante, para não dizer, um novo caminho: a relação entre o excesso do uso do aparato de mídia eletrônica (imersão digital) e o aumento dos casos pelo mundo (ASSUMPÇÃO *et al.,* 2018; CHENG, 2018; KHALIL *et al.*, 2020; FERREIRA *et al.*, 2020; SHEN, 2020).

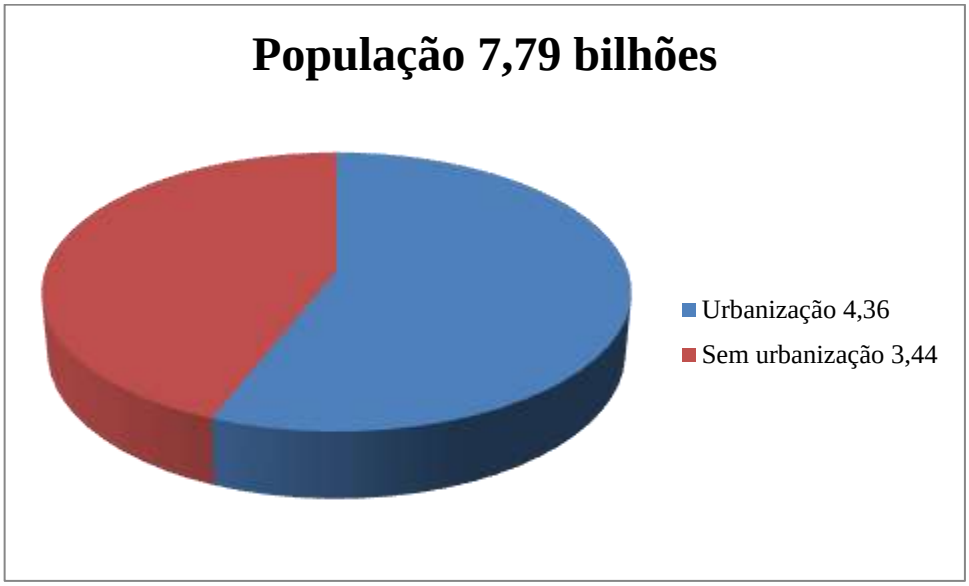
As mídias digitais, móveis e sociais fazem parte indispensável do cotidiano, principalmente pelos aparatos móveis como o celular. No ano de 2016, o mesmo ano do lançamento do *Suicide in the world Global Health Estimates*, havia cerca de 2,5 bilhões de aparelhos no mundo. Em 2019, cerca 5,1 bilhões de pessoas faziam uso de algum aparelho, o equivalente a 67% da população da Terra. Segundo o relatório da GSMA, publicado em 2019[68], a projeção desses dados é de subida para 2025, alcançando 5,8 bilhões de pessoas conectados, ou 60% dos usuários no mundo todo, sendo que 80% dos aparelhos já serão smartphone.

Uma reportagem do CanalTech[69] sobre o relatório descreve a penetração desse tipo de aparelho nas diversas regiões do mundo, sendo que em primeiro lugar está a Europa, com 85% da população utilizando smartphones. Depois vem a América do Norte que “aparece com 83%, seguida da América Latina (67%), Ásia e Pacífico (66%), Oriente Médio e Norte da África (64%) e África Subsaariana (45%).

Os dados do relatório *Digital 2020 July Global Statshot* (2020)[70], produzido em parceria com a *We Are Social* e a *Hootsuite* apontam que até julho de 2020, em uma população de 7.79 bilhões de pessoas, 56% habitam em áreas urbanas (Gráfico 8).

[68] Disponível em: https://www.gsma.com/latinamerica/wp-content/uploads/2020/02/Mobile-Economy-Latin-America-2019-Portuguese-Executive-Summary.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.
[69] Disponível em: https://canaltech.com.br/smartphone/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-ja-contam-com-celulares-em-todo-mundo-149165/. Acesso em: 15 jul. 2021.
[70] Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2020-july-global-statshot. Acesso em: 22 jan. 2021.

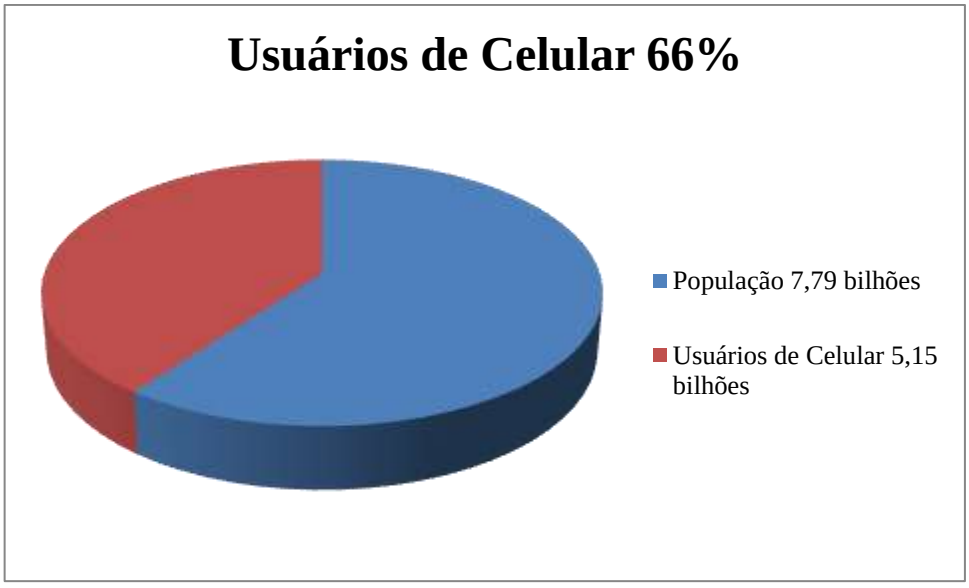
Gráfico 8 – Dados do Relatório



Fonte: Relatório Digital 2020 July Global Statshot[71]

Sobre o uso de mídia digital em todo o mundo, 5.15 bilhões utilizam telefone móvel, o que equivale a 66% da população mundial (Gráfico 9), sendo que 4.57 bilhões são usuários de internet e 3.96 bilhões são ativos nas redes sociais (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Usuários de Celular 66%



Fonte: Relatório Digital 2020 July Global Statshot

Destes usuários 5.15 bilhões utilizam telefone móvel, 99% acessam as redes sociais utilizando o celular, o que permite que as redes sociais se tornem onipresentes (Gráfico 10).

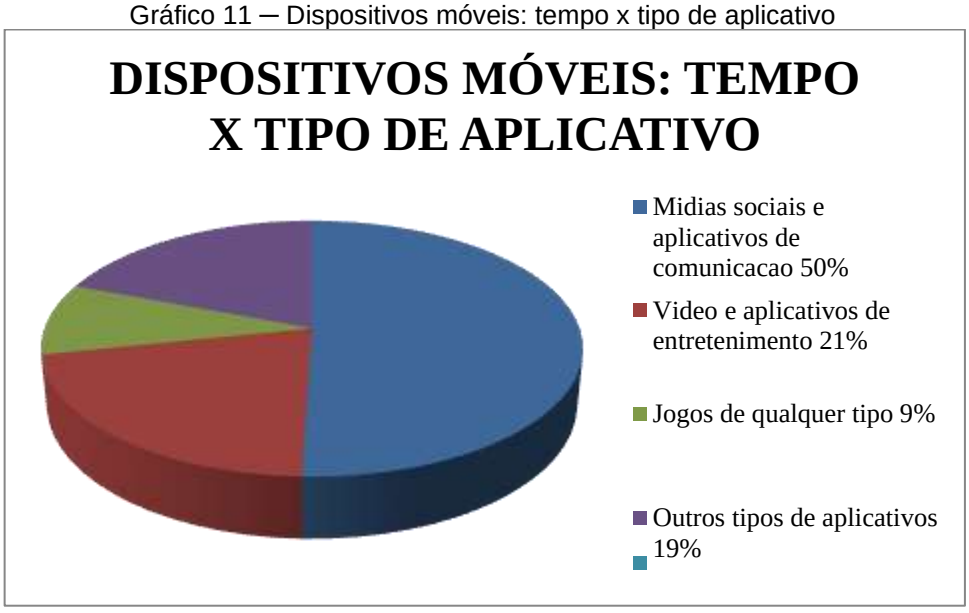
[71] Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2020-july-global-statshot. Acesso em: 22 jan. 2021.

Gráfico 10 – Total de usuários de mídia social

Fonte: Relatório Digital 2020 July Global Statshot

O estudo também faz a projeção de um crescimento de 10.5% em número de usuários de mídias sociais por ano. O tempo médio de horas gastos na internet é de 6 horas e 42 minutos por dia, o que equivale a dizer que, por ano, passamos mais de 100 dias conectados. Sendo que desse total, cerca de 3 horas e 40 minutos são relativos à conexão por meio dos dispositivos móveis. O Gráfico 11 se refere à porcentagem de tempo dispendido em cada categoria de aplicativos.

Gráfico 11 – Dispositivos móveis: tempo x tipo de aplicativo

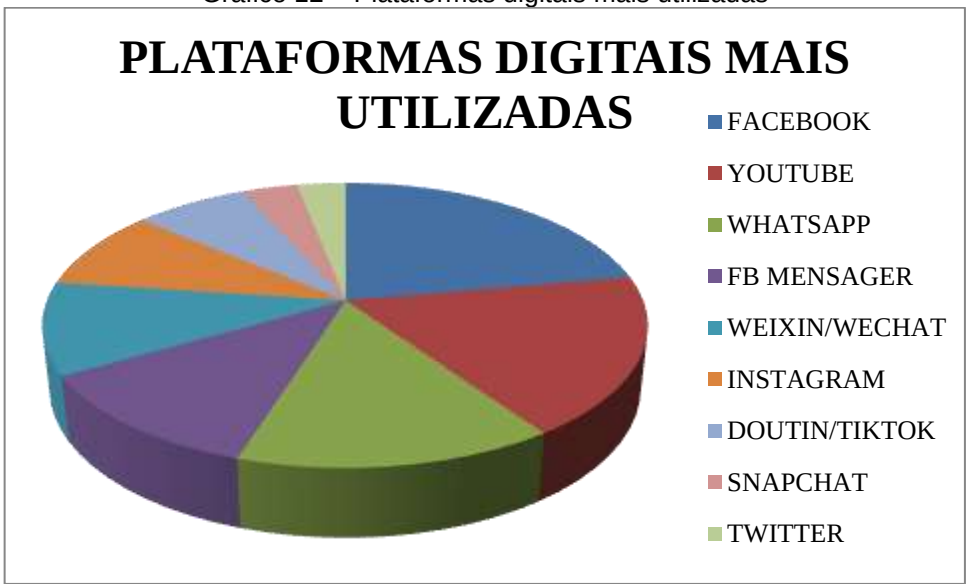


Fonte: Relatório Digital 2020 July Global Statshot

Tendo como base de dados de 2020 usuários ativos mensais, contas de usuários ativos, públicos de publicidade ou visitantes únicos, sendo os números da ordem de milhões, as plataformas mais utilizadas foram, respectivamente: o Facebook

com 2,449 milhões, o YouTube com 2 milhões de usuários, o WhatsApp com 1,600 milhões, o FB Messenger com 1,3 milhões, o Weixin/Wechat com 1,151 milhões e o Instagram com 1 milhão, conforme podemos observar no Gráfico 12. As demais plataformas têm números abaixo do milhão e, de acordo com o relatório, os números do Snapchat e o Twitter estavam defasados até o momento do fechamento da publicação, podendo apresentar uma posição diferente da demonstrada no gráfico.

Gráfico 12 – Plataformas digitais mais utilizadas



Fonte: Relatório Digital 2020 July Global Statshot[72]

Os autores esperam um aumento maior ainda no próximo em decorrência das consequências e ações governamentais no enfrentamento da COVID19, pois a pandemia e os novos hábitos de consumo modificaram a forma e a intensidade de como o mundo utiliza as mídias digitais. E mesmo com o término do isolamento social, alguns novos comportamentos digitais permanecerão, diz o relatório. Ou seja, mesmo depois do fim da pandemia, teremos um quadro mais radical de imersão tecnológica, o que nos leva a sugerir mais estudos sobre este tema.

Sobre a imersão tecnológica, o trabalho de Block (2008) sugere a inclusão do vício em internet no DSM-V[73], por sua grande incidência já naquela época. O transtorno do espectro compulsivo-impulsivo se caracterizava por uso excessivo de computador, podendo envolver três variantes básicas: jogos, conteúdo sexual e

[72] Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2020-july-global-statshot. Acesso em: 22 jan. 2021.
[73] DSM-V é a 5ª versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, sigla em inglês para *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*).

mensagens de texto. Segundo o autor, cada um deles abarcaria quatro características: Longa exposição ao aparato, levando até a perda de noção do tempo ou negligência de necessidades básicas como comer, se hidratar, dormir; labilidade de humor, principalmente sentimentos depressivos, de raiva e tensão, em fase de abstinência; consumo de novos equipamentos; problemas de relacionamento afetivo, como isolamento social, desempenho insatisfatório no trabalho ou escola, discussões e mesmo mentiras.

Romano *et al.* (2013) publicaram um trabalho que falava sobre o uso abusivo de internet como uma nova psicopatologia com impactos negativos de toda a vida da pessoa, agravando quadros de depressão, diminuição de humor e sinais e sintomas relativos ao espectro autista.

Alguns dos comportamentos de imersão tecnológica e consequente adição à internet em crianças e adolescentes são descritos por Eisenstein e Estefenon (2011, p.1):

> Excesso de tempo de conexão acima de 2-3 horas diárias ou sem interrupção no período noturno, com prejuízos das horas e da qualidade do sono e compulsão pela internet; desliga abruptamente o computador ou muda de tela na presença de algum adulto; afasta-se cada vez mais da família e se torna cada vez mais isolado em seu quarto no seu computador; queda no rendimento escolar sem qualquer motivo aparente; trocas e confusão entre a sua identidade pessoal (ou mesmo o seu próprio nome) e o perfil virtual criado […] (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011, p. 1).

Os autores também descrevem outros comportamentos como participar ou ser vítima de *cyberbullyng*, mas não denunciar o fato.

O alto número de usuários associado ao tempo de uso de internet tem gerado pesquisas sobre a relação entre o abuso de internet e redes sociais, transtornos psiquiátricos e comportamento suicida, principalmente entre adolescentes (CHENG, 2018; FERREIRA, 2020; SHEN, 2020).

CAPÍTULO III – O SUICÍDIO NA HISTÓRIA HUMANA

Presente desde sempre na história da humanidade, a morte voluntária tem muitos significados e objetivos, e cada povo e cada época tem seu próprio entendimento sobre o assunto. A polêmica do suicídio talvez advenha das justificativas dadas para um ato tão definitivo, justificativas estas que se modificaram no decorrer do processo civilizatório (MINOIS, 2018; DURKHEIM, 2000; OLIVEIRA, 1994). Nos povos primitivos, o suicídio era considerado uma necessidade altruísta, na Antiguidade greco-romana foi um ato de liberdade, mais tarde condenado pela Igreja na Idade Média, sendo ainda encarado como um dilema da consciência e da ciência para finalmente chegar a uma questão de saúde pública na contemporaneidade.

Em alguns povos primitivos de caçadores-coletores e agricultores, os reis eram divinos e quando começavam a mostrar sinais de fraqueza e doença, era comum que seus súditos os destruíssem para que a alma poderosa pudesse migrar para o rei subsequente. Embora se tratasse aparentemente de um assassinato, o rei deveria aceitar voluntariamente tanto o poder quanto o final dele por meio desse ritual (KELLEHEAR, 2016). Outros rituais e crenças surgiram com a percepção do que era a morte voluntária, geralmente para salvaguardar os vivos do retorno e consequente vingança dos suicidas. Os vikings que não morriam na batalha não seriam aprisionados; o suicídio também era uma forma honrosa de entrar no Salão dos Mortos, a *Valhalla* (BOTEGA, 2015).

Foi apenas na Antiguidade Clássica que a morte voluntária começou a ser analisada e classificada de acordo com sua motivação. O suicídio aparece descrito primeiro nos mitos gregos, onde encontramos inúmeros heróis e heroínas que tiram a própria vida. Tanto na mitologia, na ficção quanto na História, o suicídio poderia ser dividido em: *devotio* (devoção), *taedivm vitae* (tédio perante a vida), *dolor* (dor), *desperata salvs* (desespero, necessidade de escapar), *pudor* (pudor, sentimento de vergonha), *conscientia* (consciência), *fvror* (loucura), *impatientia doloris* (impaciência diante da dor), *necessitas* (necessidade) e a *exsecratio eiactatio* (execração) (GUIMARÃES, 2011).

Devotio é o suicídio altruísta, em que o autocídio pela pátria, pela comunidade pode ser dividido em *dolor*, *devotio* e *fides.* Guimarães (2011) observa que, apesar de ser considerado natural na sociedade grega, o escravo e a mulher se sacrificavam por

seus amos, “o sacrifício pela coletividade, um atributo masculino” (p. 24). O suicídio altruísta está presente na história do rei Admeto e sua amada Alceste, que tomou veneno e se sacrificou por seu esposo.

O *taedivm vitae* seria o desgosto pela vida, um fim por saciedade feliz da existência. Na esfera psíquica, atualmente, o usuário de tecnologia se enquadraria neste tipo de suicida. Segundo dados do órgão americano CDC (Controle e Prevenção de Doenças), um fator determinante do suicídio é o isolamento social e geográfico. Em associação à exclusão social causada pela adição em tecnologias, o quadro pode levar ao denominado *taedivm vitae*. Ressaltamos que, por ser um período inédito que ainda está sendo vivenciado, não focamos nosso estudo na fase da pandemia pelo COVID19. Sugerimos estudos posteriores neste período histórico específico.

Dolor (dor) além do sofrimento físico intolerável há o sofrimento psíquico ou a *impatientia doloris*. Um exemplo utilizado por Guimarães (2011) é a morte voluntária do sábio e imortal centauro Quíron que, após ser atingido acidentalmente por uma das flechas de Hércules e sofrer dores físicas excruciantes, pediu a mortalidade – privilégio dos homens – a Prometeu, em troca de sua própria imortalidade.

Desperata salvs (desespero, desesperança) diz respeito ao imenso sofrimento pela perda de alguém significativo. Temendo perder Hermafrodito, Salmacis clama aos deuses para que eles fiquem unidos para sempre, e eles se tornam um só.[74]

No pudor existe o sentimento de vergonha, fragmentação da própria imagem, timidez, mal-estar, baixa autoestima, resultantes de quaisquer atos ou acontecimentos capazes de ferir a decência, a modéstia, a inocência. Ájax, num acesso de fúria confunde os rebanhos dos gregos com inimigos e degola os animais. Ao perceber o que fizera, suicida-se de vergonha. *Conscientia* engloba o sentimento de culpa, remorso e arrependimento.

Já o *Fvror*, ou ira, cólera, furor, loucura, insanidade, a paixão irracional, para os gregos a mania e para os romanos a *amentia* ou *dementia* (insanidade).

Necessitas ou necessidade, é a morte autoinfligida, o autocídio forçado a mando de alguém. Na Grécia o mais conhecido é o de Sócrates.

A morte de Sócrates (Figura 19), que repudiava o suicídio, pode ser considerada voluntária, apesar de sua condenação, tanto por sua postura frente aos juízes quanto por sua recusa em fugir da execução.

---

[74] Disponível em: https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/hermafrodito-e-salmacis/. Acesso em: 20 jun.2021.

Figura 19 ─ A morte de Sócrates ─ Jacques-Louis David (1787)

Fonte: Medium.com[75]

Sobre sua condenação, Sócrates reflete:

> Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. Se, de fato, não há sensação alguma, mas é como um sono, a morte seria um maravilhoso presente. Creio que, se alguém escolhesse a noite na qual tivesse dormido sem ter nenhum sonho, e comparasse essa noite às outras noites e dias de sua vida e tivesse de dizer quantos dias e noites na sua vida havia vivido melhor, e mais docemente do que naquela noite, creio que não somente qualquer indivíduo, mas até um grande rei acharia fácil escolher a esse respeito, lamentando todos os outros dias e noites. Assim, se a morte é isso, eu por mim a considero um presente, porquanto, desse modo, todo o tempo se resume a uma única noite (SOUZA, 2017, p. 26)

Platão (428-348 a.C.) era contra o suicídio, mas o admitia moralmente aceitável dentro de três situações distintas: a condenação como a de Sócrates; a doença, o sofrimento físico insuportável e a vergonha. Em seu livro *Fédon*, o filósofo aponta para a imortalidade da alma. A obra narra a vida e morte de Sócrates, que já prisioneiro e

[75] Disponível em: https://medium.com/@williandiaz/lendo-arte-a-morte-de-s%C3%B3crates-633a0c4e3757 Acesso em: 15 set. 2021.

na iminência de sua execução, dialoga com seus discípulos e se recusa a fugir. Em Roma, o imperador Nero utilizava bastante esse recurso.

Exsecratio (ódio profundo ou aversão exacerbada) o suicídio por vingança, para desencadear sentimento de culpa. Consiste na morte voluntária com a crença que o sacrifício da própria vida irritará os deuses e levará desgraça aos inimigos. Pode ser usado tanto pelos mais fracos ou em relações de amor/ódio.

Jactatio é o suicídio racional, filosófico, extremamente teatral e público e que, teoricamente, demonstrava independência e desprendimento da vida e uma elevada moralidade. Foi muito difundido entre a elite nos últimos anos da fase republicana de Roma, durante a dinastia Júlio-Cláudia.

Com o surgimento da filosofia, os gregos foram os primeiros a discutir o suicídio de forma racional, mas com outra denominação. Desde uma fuga da vida (*vitam fugere*), Cícero, Virgílio, Séneca ou Tácito; uma saída tranquila ou marcha calma, por exemplo, e *vita exire*, a *vita discedere* e *obviam morti procedere*, em Cícero ou *ad mortem ire* em Lucrécio. Contudo, a expressão mais comumente utilizada tanto pelos historiadores e filósofos latinos quanto pelas leis romanas para descrever o ato é *mortem sibi consciscere*, em que *consciscere* significa “decidir com conhecimento de causa”, de forma livre e consciente. Talvez por isso haja tantas posições e opiniões divergentes sobre o tema. As escolas filosóficas tinham como princípio o valor da vida, do indivíduo. Todavia, sem qualidade, sem razão e dignidade, a vida não deve ser vivida (MINOIS, 2018).

Na Grécia Antiga, as divergências de opinião aparecem tanto nas leis quanto na forma de tratamento dado ao suicida pelas Cidades-Estados. Por um lado era permitido, tolerado com motivos plausíveis e com a permissão da sociedade, e o próprio governo fornecia a cicuta, que guardava em certa quantidade. Sem motivos justificados, era tido como um ato clandestino, patológico, solitário, considerado um ato fútil e desrespeitoso aos deuses. Nestes casos, em cidades como Atenas, Esparta e Tebas, por exemplo, o corpo dos suicidas sofria punições, geralmente ligadas a certos tabus. Em Atenas, por exemplo, o suicida tinha a mão cortada e enterrada separada do corpo, pois era considerada como “instrumento da perturbação” (BOTEGA, 2015; OLIVEIRA, 1994).

A história grega está repleta de suicídios grandiloquentes. Guimarães (2011) aponta, entre os motivos para o suicídio na Antiguidade Clássica, o por *devotio*. Este é o caso do suicídio altruísta, em que a pessoa voluntariamente sacrifica sua vida por

lealdade, pela coletividade, pela pátria. Incluem-se no quesito lealdade o sacrifício dos indivíduos de menor valor, como escravos, que deviam acompanhar seus senhores no pós-morte; e mulheres, principalmente esposas, algo quase inerente ao contrato de casamento e um costume também adotado por outras culturas, como a indiana.

No quesito dos suicídios patrióticos, há o de Temístocles (524-459 a.C.), que se suicidou com veneno para não lutar contra seus compatriotas gregos; o de Isócrates (436-338 a.C.), que morreu por conta de jejum voluntário em protesto contra a independência grega, e o de Demóstenes (384-322 a.C.), que se envenenou para não entregar seus aliados após a derrocada de uma revolta contra o domínio macedônico na Grécia (MINOIS, 2018).

Alguns suicídios filosóficos famosos e de desprezo pela vida: Zenão (333-263 a.C), fundador do estoicismo no século III a.C., acreditava que o homem sábio abandona o banquete da vida justa de maneira direita, em condições justas. Disse antes de se enforcar: “Me chamaste? Aqui me tens”. Seu discípulo Cleanto (330-230 a.C.), por conta de uma úlcera, jejuou até a morte aos 98 anos; Higésias, filósofo grego do século IV extremamente pessimista que levou vários de seus discípulos ao suicídio e acabou se matando.

Aristóteles (384-322 a.C.) qualificou o suicídio como covardia, pois é um ato que lesa a cidade (PUENTE, 2008).

Na Roma antiga, a morte voluntária era encarada como uma opção honrosa para a maior parte da população. O valor da vida humana era, contudo, inerente à sua condição jurídica. Era primordialmente uma questão econômica, de investimento, uma ação que poderia afetar tanto o Estado como o Tesouro (BOTEGA, 2015). Logo, era proibido para soldados, escravos e criminosos.

No primeiro caso, mesmo que fosse livre, o suicídio era considerado como um ato de covardia ou deserção e punido de forma rigorosa. Quanto ao indivíduo não livre, este era considerado mercadoria e um investimento. Por isso, a perda financeira seria significante na comercialização de escravos com tendências suicidas. Já para os condenados, a morte voluntária era vetada por ser considerada um impedimento de aplicação justa da Lei, uma saída fácil frente o verdugo (BOTEGA, 2015; OLIVEIRA, 1994).

Além dos casos citados, não havia condenação nem era negada sepultura para os que optassem pela morte voluntária. Nem mesmo quando o 5º rei de Roma, Tarquínio, o Prisco, ordenou que os cadáveres dos suicidas fossem crucificados. A

negação de sepultura e dos ritos fúnebres era para os casos de *mala consentia*, em que o suicídio sem razão justificada, deveria receber uma restrição para que o ato não se tornasse banal, ou para quem optasse pela morte por enforcamento, meio de suicídio preso a tabus ancestrais (OLIVEIRA, 1994, p. 69).

No período imperial, os motivos legítimos para o suicídio isentos de pena pela lei: *taedium vitae* (tédio da vida), *impatientia doloris* (dor extrema), *pudor* (vergonha), *furor* (loucura ou paixão), *iactatio* (jactância ou orgulho). Não se conseguindo provar qualquer destes motivos, podia supor-se *mala conscientia*, isto é, confissão de culpa (OLIVEIRA, 2000, p. 70).

Os filósofos romanos também dissertaram sobre o suicídio. No século I houve um aumento significativo dos casos devido talvez à influência das correntes filosóficas que advogavam ou banalizavam o fim voluntário da vida, descreve Oliveira (1994). Lúio Aneu Sêneca, por exemplo, compreendia o homem como um “ser para a morte”, por ser ela inerente à natureza humana (PIRATELI; MELO, 2006). Cria que mesmo sendo a vida preferível à morte, a decisão sobre a própria vida depende das circunstâncias, justificando o suicídio em casos especiais.

> Encontrarás, todavia, muitos adeptos da filosofia que afirmam não ser lícito atentar contra a própria vida e consideram sacrilégio o suicídio: segundo eles, devemos aguardar o fim que a natureza nos destinou. (SÉNECA. Cartas a Lucílio, VIII.14 apud SANTOS, 2016).

Para ele, escolher entre a morte voluntária ou continuar vivendo era uma questão de liberdade: Bem vi concordar a maior parte das antigas opiniões nisto: que é hora de morrer quando há mais mal que bem em viver; e que conservar nossa vida para nosso tormento e infortúnio é quebrar as próprias leis da natureza.[76]

O próprio Sêneca, acusado de uma conspiração contra seu antigo pupilo e imperador Nero, foi obrigado a cometer o suicídio cortando os pulsos. O escritor romano Petrónio, autor de *Satiricon*, também foi obrigado pelo imperador a cometer suicídio por *necessitas,* após ser acusado por sua participação na mesma conspiração.

Na Índia, os brâmanes chocaram os romanos e posteriormente os portugueses e ingleses com o costume bárbaro de se atiraram em piras incendiadas para se purificarem e fugir de doenças e da decrepitude (DURKHEIM, 2000, p. 271).

---

[76] SÊNECA. *Epistulae*..., XII, 10: "Malum est in necessitate vivere, sed in necessitate vivere necessitas nulla est". XXVI, 10. Montaigne. I, 14, p. 67A e C: "Nul n'est mal si long temps qu'à sa faute". II, 3, p. 351 A: "La plus volontaire mort, c'est la plus belle".

A vida futura também era assegurada por povos como os mangaios das ilhas Híbridas (Pacífico Sul) e os índios chiriguanos (América do Sul), que criam que na próxima vida teriam a mesma aparência desta existência. O suicídio se dava pela realização de grandes banquetes que honravam os homens mais antigos. Coroados com flores, os idosos consumiam cicuta conscientemente. O suicídio aqui é utilizado para um controle do que acontecerá no pós-morte (KELLEHEAR, 2016; DURKHEIM, 2000).

Mesmo na antiguidade havia uma hierarquia para o suicídio. Enquanto em alguns povos os homens se matavam quando ficavam velhos ou por dever, em outros, pessoas inferiores hierarquicamente também eram instadas ou obrigadas à morte voluntária. A máxima que os servos não deveriam sobreviver ao seu senhor foi muito utilizada no decorrer da história, como citado anteriormente. Obrigadas a servirem aos seus senhores, as esposas e concubinas favoritas acompanhavam seus maridos, e os escravos e vassalos morriam para servi-los na vida além-túmulo (DURKHEIM, 2000, p. 273).

Se os homens morriam de forma “natural”, induzida por outrem ou voluntária, o mesmo não se dava para as esposas e principalmente para as viúvas. No decorrer da história da civilização observamos como a mulher era imolada voluntária ou involuntariamente na morte do homem, seja por meio de sacrifícios humanos ou por meio do suicídio. “Houve damas que, não contentes com a dedicação ao marido, mostravam a qualidade de sua raça seguindo-o no exílio e até no suicídio...” (DUBY; ARIÈS, 1989, p. 61).

Na Índia, por exemplo, havia o ritual da autoimolação das viúvas hindus no *sati,* ritual de autoimolação na pira funerária do marido[77]. Estas, muitas vezes, eram amarradas e/ou drogadas pelos parentes dos maridos para que não fugissem da morte “voluntária”. Tal prática foi coibida pelos muçulmanos quando estes dominaram os hindus e posteriormente pelos colonialistas portugueses e ingleses (ANJOS, 2015).

Povos orientais como os chineses e os japoneses pareciam desapegados da vida, e o suicídio aqui aparece como uma ação virtuosa, um ato de bravura ou mesmo para apagar uma mancha na honra. Tal olhar se dá talvez pelo entendimento que tais culturas têm de que cada vida é um caminho, uma passagem para a próxima vida.

[77] Disponível em: 1434406750_ARQUIVO_ANPUHsati.pdf. Acesso em: 20 maio.2021.

No Japão, principalmente, na tradição o *Harakiri*, também denominado *Seppuko,* era um ritual que fazia parte do treinamento dos samurais. Na Figura 20, um samurai está prestes a cometer o haraquiri. Atrás dele, o executor vai cortar sua cabeça no final do ato.

Figura 20 ─ Samurai prestes a cometer o haraquiri

Fonte: Maikova[78]

Estes guerreiros de elite não podiam temer a morte em batalha (HIRANO, 2008).

> O ritual consistia na introdução da espada curta do samurai no lado esquerdo do abdômen, cortando a região central do corpo e puxando a lâmina para cima. A palavra hara tem a mesma raiz da palavra hari, que significa tensão. O centro do corpo, era compreendido como o centro das emoções e do espírito, onde se encontrava à vontade, generosidade, audácia, ira etc. Assim, o samurai estaria, literalmente, cortando sua alma e reconhecendo sua perda, sua derrota, sua desonra. Como os ferimentos causam uma agonia prolongada, era comum que outro indivíduo, geralmente pessoa amiga, significativa para o praticante, decapitasse o sujeito, com o sabre para poupá-lo do sofrimento subsequente (HIRANO, 2008, p.10).

Isso se dava pelo lado espiritual e pela fé, pois morrer com honra, seja em favor de seu senhor, ou da coletividade, daria um sentido de missão cumprida na Terra. Morin (1970) afirma que:

> Nestes casos flagrantes, em que o indivíduo não está doente, em que «se julga apenas, devido a causas coletivas precisas, em estado próximo da morte» por ter violado o tabu ou cometido ato sacrílego, o corpo obedece à legislação mágica, e morre sem vontade, sem

[78] Disponível em: https://mai-ko.com/travel/japanese-history/samurai/harakiri-and-suppuku/. Acesso em: 20 maio.2021.

> revolta. A afirmação da «consciência coletiva» está tão presente na consciência individual que o sacrilégio, mesmo involuntário, executa de per si a condenação à morte implicada na violação do tabu. Mesmo hoje, é possível que o responsável por uma catástrofe social se entregue à morte, como no haraquiri japonês. Mas, aí, a morte já não vem sozinha: é desencadeada por um ato decidido, embora obrigatório, e já esse suicídio traduz um sentimento próprio do individualismo, que é a desonra. Todavia, sanciona a transcendência absoluta da sociedade. Quando a sociedade se afirma em detrimento do indivíduo, quando, simultaneamente, o indivíduo sente essa afirmação como mais verídica do que a da sua individualidade, a recusa e o horror da morte dissipam-se, deixam-se vencer (MORIN, 1970, p.39).

Nem mesmo a vinda do cristianismo no século XVI e a posterior proibição do suicídio acabaram com tal prática. A ideia do bem maior, do coletivo, perdurou por séculos e culminou na II Guerra Mundial, com os *Kamikases*. Com seus aviões carregados de explosivos, estes pilotos japoneses tinham como missão suicida ataques aos navios aliados causando o maior estrago e número possível de baixas em seus inimigos. Mais tarde, descobriu-se que muitos dos jovens recrutados nem sempre optavam pela morte voluntária, mas tinham esse fim pressionados violentamente pelas circunstâncias da cultura e da guerra.[79]

Quanto às religiões, a maioria condena veementemente o suicídio. As religiões orientais que têm como dogma o renascimento e a renovação da vida como o Hinduísmo, Bramanismo e Budismo o reprovam, mas são indulgentes com quem o pratica. Este estaria apenas em busca de descanso e paz e continuará seu caminho na próxima existência.

O Judaísmo, o Cristianismo Romano e Protestante e o Islamismo proíbem o suicídio e o encaram como um gesto contra a vontade de um deus único e supremo. Das três, o cristianismo é o mais condescendente com o suicida quanto aos ritos fúnebres.

Na Torá, o livro sagrado dos judeus, D´us diz: “E certamente o sangue de suas almas Eu irei exigir” (BERESHIT 9:5)[80]. Na tradição judaica, há uma ala separada para os suicidas nos cemitérios. Tanto os judeus quanto os muçulmanos apenas enterram os mortos sem as devidas cerimônias e, muitas vezes, sem a presença da família (FERREIRA, 2008), como forma de punição e de reprovação ao ato.

---

[79] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Kamikaze. Acesso em: 20 maio. 2021.
[80] Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4535817/jewish/Suicdio-no-Judasmo.htm. Acesso em: 17 set. 2020.

Ainda no que diz respeito ao olhar do Islamismo quanto ao suicídio, há um relato considerado autêntico pelos muçulmanos que descreve que ao saber que determinado homem se matou, o Profeta Maomé não orou por ele (Sunan At-Tirmidhi– 1068). Asnis *et al.* (2007) estudaram as duas vertentes do islamismo sob o enfoque psicanalítico e descrevem pontos diametralmente opostos entre o Islã Tradicional e o Fundamentalista. No primeiro, de acordo com o Corão[81], o suicídio é compreendido como um crime pior que o assassinato, pois apenas Alá pode tirar a vida que a Ele pertence. Na Surata 4, "*An-Nissá*" (As Mulheres) é orientado para os fiéis que:

> 4:29 (246) Ó fiéis, não consumais reciprocamente os vossos bens, por vaidades, realizai comércio de mútuo consentimento e não cometais suicídio, porque Deus é Misericordioso para convosco.
>
> 4:30 Àquele que tal fizer, perversa e iniquamente, introduzi-lo-emos no fogo infernal, porque isso é fácil a Deus.
>
> 4:31 Se evitardes os grandes pecados, que vos estão proibidos, absorver-vos-emos das vossas faltas e vos proporcionaremos digna entrada (no Paraíso).[82]

De acordo com o texto, o suicídio é condenado de forma severa – o suicida vai para o Inferno/fogo infernal – e sua família é penalizada e marginalizada. Aqui, o homem-bomba é considerado como um traidor do Islã, um terrorista. Em contrapartida, para o Islã Fundamentalista, o ato de tirar a própria vida é um ato heroico, patriota e até sagrado. Segundo essa vertente, Alá condena o suicídio, mas laureia o mártir pela causa muçulmana. Como gratificação por seu martírio, o suicida recebe recompensas celestiais e vai para o Paraíso. Seu gesto altruísta é um ato de amor e seus familiares seriam homenageados e receberiam auxílio financeiro (ASNIS *et al*., 2007).

O estudo evidenciou o poderoso papel do contexto externo na motivação, forma e modalidade do suicídio, destaca também nessa relação intrínseca entre o suicídio e a religião a influência dos "pais, dos religiosos e dos educadores no desfecho operacionalizado para lidar com as pulsões destrutivas suicidas" (ASNIS *et al*., 2007, p. 89). No fundamentalismo islâmico, a morte voluntária seria resultante da integração de questões religiosas, políticas, socioeconômicas e psicológicas.

---

[81] Disponível em: https://iqaraislam.com/suicidio. Acesso em: 20 maio. 2021.
[82] Disponível em: https://alcorao.com.br/an-nissa-as-mulheres/. Acesso em: 20 maio. 2021.

Quanto ao cristianismo, Minois descreve que “O evento fundador do cristianismo é um suicídio, e os textos dos discípulos exaltam o sacrifício voluntário” (MINOIS, 2018, p. 30). Tanto que os primeiros santos cristãos foram mártires. No século IV, o Concílio de Cartago condenou o suicídio e “a cada novo concílio, o arsenal repressivo e dissuasivo contra o suicídio foi-se endurecendo” (BOTEGA, 2015, p. 19). O Concílio de Toledo, por exemplo, definiu a excomunhão como pena tanto para os mortos quanto para os sobreviventes. Santo Agostinho[83] o condena e refuta todas as formas anteriormente postas pelos gregos, interdito baseado no mandamento da lei mosaica “Não matarás”. Em sua obra Cidade de Deus, reforça a ideia de que o assassino deve ser punido com o Inferno, mesmo que a vítima seja a própria pessoa (MINOIS, 2018; LINS, 2019).

O suicídio passa pela Idade Média ocidental como algo doentio, e o justifica como resultante de desarranjo mental ou uma ação do diabo. No século XIII, o frade, teólogo e santo da Igreja Católica São Tomás de Aquino (1225-1274) escreveu a *Summa Theologica*[84], que discorre sobre questões morais, a natureza de Deus e a de Jesus. Na obra, Aquino indica o suicídio como o pior dos pecados por não ser passível de arrependimento. O pecado era pela dúvida da misericórdia divina e contra a capacidade da Igreja em sua aptidão de interceder entre o pecador e Deus (BOTEGA, 2015).

Na Europa medieval, eram comuns ritos macabros como execução do cadáver, amputação de membros, principalmente a mão com a qual ele cometeu o crime de assassinato. Botega (2015) descreve que:

> [...] dependendo dos costumes locais, o cadáver do suicida não poderia ser retirado de casa por uma porta, mas passado por uma janela ou por um buraco aberto na parede. Era então posto em um barril e lançado ao rio, ou era arrastado por um cavalo até a forca e pendurado com a cabeça para baixo. As mãos eram decepadas e enterradas separadamente. Os enterros deveriam ser feitos em uma estrada ou encruzilhada, nunca no cemitério do povoado (BOTEGA, 2015, p. 18).

O relato nos remete ao entendimento de Morin (1970) quanto ao conceito do duplo, espectros com formas e imagem que se assemelham às dos últimos instantes

[83] Aurelius Augustinus (354-430.d.C.), bispo de Hipona, Doutor da Igreja e filósofo.

[84] Suma Teológica é “um corpo de doutrina que se constitui numa das bases da dogmática do catolicismo e considerada uma das principais obras filosóficas da escolástica. Foi escrita entre os anos de 1265 a 1273. Nesta obra Aquino trata da natureza de Deus, das questões morais e da natureza de Jesus.

do morto. A crença do duplo vem da era paleolítica, quando membros de sociedades coletoras já eram enterrados com flores, alimentos, e o que mais se imaginasse que o morto iria necessitar na próxima vida. Morin complementa que “o duplo é o âmago de toda representação arcaica que diz respeito aos mortos” (MORIN, 1970, p.126).

O duplo tem as mesmas necessidades do vivo e se manifesta de diversas formas. Seja pelo eco, seja sombra, um dos mistérios do homem primitivo e permeada de superstições, seja quando o indivíduo dorme ou sonha. O duplo pode atuar tanto nos sonhos, velando, enviando mensagens e revelando o futuro por meio dos sonhos, ou quando a pessoa está acordada (MORIN, 1970).

Segundo esse conceito arcaico, seria de se esperar que o defunto suicida viesse se vingar dos que permaneceram vivos ou de quem pudesse culpar por seu infortúnio. Cortar a mão do suicida e enterrá-la longe do corpo impediria tal vingança, descreve Morin (1970).

3.1 A morte e a morte voluntária

A morte causa fascínio desde o momento em que o Homem tomou consciência de sua existência e assim começou a se distinguir dos outros animais. Em *O Homem e a Morte* (1970), Edgar Morin reflete que “Nos seus cúmulos, o individualismo termina no cosmopolitismo; o movimento para a individualidade é o movimento para a universalidade, e vice-versa” (1970, p.46). Em seu texto, o autor descreve o impacto do horror da morte sobre o homem, resultando ou em loucura, o reavivamento do moribundo ou mesmo levando ao suicídio.

> A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, «único», mais a dor é violenta; não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anónimo, que não era «insubstituível» (MORIN, 1970, p.31).

Assim que começamos a tentar entender esse fenômeno, começamos a não abandonar nossos mortos e a cuidar deles como se tivessem uma vida própria. Os ritos fúnebres tinham diversos objetivos. Desde impedir que o morto voltasse ao mundo dos vivos até prepará-lo para a próxima vida. Esta preparação para uma vida próxima igual a esta ou a conceituação de uma viagem ou mesmo um sonho consiste em uma forma de negação da morte: “Não existe praticamente qualquer grupo

arcaico, por muito «primitivo» que seja, que abandone os seus mortos ou que os abandone sem ritos" (MORIN, 1970, p. 25). A morte seria então uma passagem para outra vida, "um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um malefício, de uma entrada para a morada dos antepassados" (p. 25), consequentemente surgiu a crença da existência da imortalidade.

Mesmo com esse entendimento de uma vida posterior, a consciência morte é traumática e definitiva. Segundo Morin, nas sociedades arcaicas, o suicídio era a dissociação do indivíduo da sociedade, e, para a sociedade que tentava expulsar a morte, esta é a prova que a morte vencera.

O suicídio pela ação diabólica ou de desarranjo mental, delírio e loucura também passou a ser interpretado como uma questão econômica e foi um negócio lucrativo. Baseado no direito canônico, a legislação civil determinou o arreto dos bens pela Coroa e o impedimento da transmissão da herança aos herdeiros legítimos. Muitos suicídios foram reportados como morte natural por conta das multas sofridas pelos familiares remanescentes. Apenas em caso de arrependimento ou se o indivíduo se matasse num acesso de loucura, a punição e a execução do cadáver não eram concretizadas (BOTEGA, 2015; MINOIS, 2018; LINS, 2019).

A partir do século XIII, alguns tribunais distinguiram o suicídio por *desperatio* e (estado de desespero que a Igreja indicava ser ação do demônio) e o resultante da *melancholia* ou do delírio. No fim do século XV, apresentar comportamentos estranhos era comprobatório de loucura. Tanto que durante a Inquisição houve suicidas que não tiveram seus corpos vilipendiados nem os bens sequestrados porque os inquisidores entendiam que o ato cometido comprovava a alienação mental (BOTEGA, 2015).

No início do século XVII, o dramaturgo inglês Shakespeare (1564-1616) escreve sobre personagens que acabam se matando no decorrer do enredo. Em Romeu e Julieta, a morte dos jovens amantes é causada pelo desespero e imenso sofrimento resultante da perda da pessoa amada. Em Otelo, o Mouro de Veneza, o herói tira sua vida após descobrir ter matado injustamente sua esposa, juntando o desespero e o sofrimento psíquico intolerável, no caso a dor e a culpa por ter assassinado sua esposa.

Mas é o protagonista da peça Hamlet que faz a proposição:

> *To be, or not to be, that is the question:*
> *Whether 'tis nobler in the mind to suffer*
> *The slings and arrows of outrageous fortune,*
> *Or to take arms against a sea of troubles*

> *And by opposing end them. To die—to sleep,*
> *No more; and by a sleep to say we end*
> *The heart-ache and the thousand natural shocks*
> *That flesh is heir to: 'tis a consummation*
> *Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;*
> *To sleep, perchance to dream—ay, there's the rub:*
> *For in that sleep of death what dreams may come,*
> *When we have shuffled off this mortal coil,*
> *Must give us pause—there's the respect*
> *That makes calamity of so long life*[85] (SHAKESPEARE, 1904, p. 56).

No trecho citado, o jovem príncipe pergunta se não é melhor morrer e acabar com a dor do que continuar a suportar os sofrimentos e as vicissitudes do viver (Figura 21).

Figura 21 ─ Protagonista da peça Hamlet

Fonte: YouTube[86]

[85]Ser ou não ser, eis a questão: Se é mais nobre na mente sofrer As fundas e flechas da fortuna ultrajante, Ou para pegar em armas contra um mar de problemas E por oposição terminá-los. Morrer - dormir, Não mais; e por um sono para dizer que terminamos A dor no coração e os mil choques naturais Essa carne é herdeira de: é uma consumação Devotamente a desejar. Morrer, dormir; Dormir, talvez sonhar - sim, há o problema: Pois naquele sono da morte que sonhos podem vir, Quando embaralhámos esta bobina mortal, Deve nos dar uma pausa - há o respeito Isso faz da calamidade uma vida tão longa (SHAKESPEARE, 1904, p. 56).

[86] Cena do filme Hamlet (1949). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wNP_2Omaciw Acesso em: 16 jun.2020.

A peça saiu dos palcos e o tema passou a ser debatido abertamente. Inicia-se na mesma época um processo de secularização do suicídio, e o ato de tirar a própria vida passa a ser visto sob a perspectiva do dilema humano.

Outro autor, o teólogo anglicano John Done, defendeu que as pessoas deveriam ter liberdade de escolher o suicídio e que alguns eram justificados em sua obra *Biathanatos*. Ainda sob leis repressoras do suicídio e a noção de pecado, e por temer represálias por seu alto cargo como capelão da Corte, o autor determinou que o livro fosse publicado postumamente (KUZNER, 2014; BOTEGA, 2015).

Apenas no final do século XVII surge o termo suicídio, na obra do escritor inglês Sir Thomas Browne (1605-1682), denominada *Religio Médici* (1642). Posteriormente, aparece no tratado de 1656, *Theologia moralis fundamentalis*, do teólogo Juan *Caramuel* y Lobkowitz (1606-1682). O abade francês René Louiche Desfontaines (1750-1831) utilizou o termo em 1734 para descrever “o assassinato ou a morte de si mesmo” (LOUZÃ NETO, 2007, p. 475). E, em 1762, surge pela primeira vez como verbete do *Dictionnaire* (PUENTE, 2008). Etimologicamente derivada do latim significa *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar, morte violenta, imolação) (LOUZÃ NETO, 2007; GUIMARÃES, 2011).

Nas últimas décadas do século XVIII, o escritor e filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) publica duas obras sobre o tema que ficaram famosas por sua importância e consequências: *Die Leiden des Jungen Werther* (Os sofrimentos do jovem Werther) de 1774 e *Faust* (Fausto), publicado em duas etapas, a primeira parte em 1806 e a segunda em 1832. A primeira obra trata de um suicídio romântico, Werther perde sua amada para outro, deixa uma carta explicando os motivos de sua escolha e se mata com um tiro oriundo da arma do marido da moça. Em Fausto, temos o suicídio filosófico, pois o protagonista voluntariamente assina com sangue um acordo com o demônio – Mefistófeles, troca sua alma imortal pela felicidade plena. No decorrer da trama comete crimes, mas acaba se redimindo e consegue ir para o Paraíso.

3.2 Da questão social à psicologia

No século XIX, o suicídio ganha mais uma característica e implicação: passa a ser uma questão social. O sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) foi quem primeiro analisou o suicídio pelo método sociológico, cujo princípio fundamental é o estudo dos fatos como uma realidade a conhecer. Suas palavras definem o suicídio como “todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado” (DURKHEIM, 2000, p.14). Esse tipo específico de morte se constitui num ato desesperado cujo objetivo é a renúncia e o sacrifício da própria vida.

Um dos pais da Sociologia Moderna e chefe da Escola Sociológica Francesa, Durkheim traz o objeto suicídio como uma questão social. Alega que não há sociologia sem a sociedade que, por sua vez, inexiste se apenas existirem indivíduos (DURKHEIM, 2000). Para ele, olhar para este objeto apenas sob o enfoque psicológico ou biológico não leva em conta as questões idiossincráticas de cada povo e muito menos que as sociedades evoluem e passam por processos históricos que culminam numa variação do número de suicídios. Logo, para que se conheçam efetivamente os fatores causais do suicídio é necessário relacionar a variação de suas taxas com as diversas ocorrências dos fenômenos sociais.

Em seu tratado sobre o suicídio, Durkheim realiza uma cuidadosa análise sobre dados estatísticos quanto ao tema, algo inédito até então. De um modo geral, aparentemente, o resultado final de tirar a própria vida é o mesmo, mas as motivações podem variar enormemente. Para ele, são quatro situações primordiais de suicídio, concentradas em duas categorias.

A primeira é relativa à qualidade da integração social e engloba tanto o *suicídio egoísta*, associado à desconexão social e a uma percepção de não pertencimento quanto o *suicídio altruísta*, afiliado ao senso de dever para determinado grupo.

A segunda categoria diz respeito à identificação como grupo e à pressão social por ele exercida no indivíduo. Temos o *suicídio anômico*: relativo à dissociação social originada por distúrbios sociais e econômicos e, finalmente, o 4º, o *suicídio fatalista*: resultante do excesso de disciplina e de regulação da sociedade e opressão dos desejos individuais.

Posteriormente, o século XX trouxe as reflexões de Albert Camus[87] sobre o suicídio no ensaio *O Mito de Sísifo*, publicado em 1944.

[87]Albert Camus (1913-1960), escritor, jornalista, romancista, dramaturgo e filósofo argelino e Prêmio Nobel de Literatura (1957).

O autor coloca como subtítulo “ensaio sobre o absurdo” e descreve que a tomada da consciência pelo homem leva à percepção da falta de sentido da sua condição humana.

Camus afirma já no início da obra que:

> Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental de filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. São apenas jogos; primeiro é necessário responder (CAMUS, 2019, p.8).

Para procurar a resposta para a questão: existe uma lógica até a morte? Contrapondo o pensamento de Durkheim que entendia o suicídio como algo inerente às questões coletivas, para Camus é necessário buscar dentro de si. “O verme se acha no coração do homem” (p. 9) afirma. Ele exclui o fator social e é enfático ao afirmar a existência de uma relação intrínseca entre o pensamento individual e a morte voluntária.

Segundo Camus (2019), os motivos para se por fim à vida são vários e, em sua maioria, aparentemente não plausíveis e carentes de reflexão. “Os jornais falam frequentemente de ‘profundos desgostos’ ou de ‘doença incurável’. Essas explicações são válidas”, o que faria “precipitar todos os rancores e todos os aborrecimentos ainda em suspensão” (CAMUS, 2019, p.9). Embora haja fatores da ordem do absurdo ou discussões filosóficas tema, ainda que considerando essas variantes sociais, o enfoque desse trabalho é a relação entre a mídia e o suicídio.

Quanto à psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939) traça considerações sobre o suicídio em seus escritos Luto e Melancolia, *O ego e o id* (1923), e nas últimas páginas de *O problema econômico do masoquismo* (1924), para ele o ato se apresenta como resultante de um conflito psíquico e ligado ao luto e à melancolia. O primeiro consiste em reação de perda do objeto de amor, constituído ou pela pessoa amada ou por alguma abstração com igual significância. O mesmo processo, às vezes, ocorre de forma patológica e culmina na substituição da vivência do luto pela melancolia. Esta é caracterizada por “um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima” (FREUD, 2014, p. 28). Com a perda do objeto que se torna inalcançável, o melancólico se volta para si mesmo com o intuito de resolver sua pulsão.

Na psicanálise, pulsão se refere à representação psíquica de estímulos originados no organismo[88], que chegam à mente e que geram uma resposta (FREUD, 1997). Ela se diferencia do instinto (*Instinkt*), um comportamento animal hereditário, a pulsão (*Trieb*) se refere a uma pressão irrefreável com o objetivo de eliminação do impulso orgânico, ou seja, há uma tendência do organismo a "reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos" (FREUD, 1920/2006, p. 176). Em seu ensaio, *Além do princípio do prazer* (2016), Freud propõe que a pulsão de vida, representada por Eros (vida, criatividade, harmonia, sexualidade, reprodução e autopreservação), se refere aos impulsos necessários à preservação da vida e da existência de um organismo vivo por meio de movimentos e mecanismos que ajudem o corpo a fazer escolhas e priorizem sua segurança. Já a pulsão de morte, personificada por Thanatos (agressividade, destruição, compulsão à repetição e autodestruição), é o movimento contrário, o retorno à inércia inicial do organismo, inanimado e inorgânico. Azevedo e Melo Neto (2015) apontam que o conceito de pulsão de morte de Freud possibilitou a compreensão de psicopatologias contemporâneas e questões relativas à autodestruição, agressividade e culpa.

Paradoxalmente, Freud relata um duelo entre a pulsão de vida, representado por Eros e a pulsão de morte, por Thanatos.

> É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (FREUD, 1920/2006, p. 164).

O movimento de objetificação do Ego ou de tratar a si mesmo como objeto torna possível voltar contra si a hostilidade de um objeto de amor por meio de autorrecriminações e autoinsultos até culminar na "expectativa delirante de punição" (FREUD, 2014, p.28). A psicanálise vê nesse processo de objetificação do Ego a vingança e a punição objetal como única explicação para o entendimento do suicídio.[89] O que nos interessa, sobretudo nesse raciocínio de Freud, é o dualismo entre a pulsão de vida e a pulsão de morte e o movimento da objetificação do Ego, que será tratado

---

[88] Endossomáticos.

[89] Após se submeter por anos há mais de 30 cirurgias para retirada de tumores, Freud optou pela ortanásia. A morte de seu neto favorito ocorrida três anos antes – perda descrita por ele como insuperável, e o longo e insuportável sofrimento causado pelo câncer levam Freud a pedir para seu médico que o ajudasse a acabar com sua vida. Em 23 de setembro de 1039, com ajuda de dr. Max Schur, recebe uma dose de morfina que o leva à inconsciência e à morte.

mais adiante no capítulo sobre a sedação do corpo, pois corpo e Ego são uma coisa só. E um corpo sedado não é compreendido nem percebido como próprio, como algo vivo.

Na Psicologia Analítica, Jung (2013) considera o desenvolvimento da personalidade dentro do processo vital como individuação, processo este que se completa apenas no momento da morte.

O processo vital é compreendido como:

> No fundo, todo processo nada mais é do que, por assim dizer, a perturbação inicial de um estado de repouso perpétuo que procura restabelecer-se sempre. A vida é teleológica par excellence [sic], é a própria persecução de um determinado fim, e o organismo nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar. O termo de cada processo é o seu objetivo. Todo processo energético se assemelha a um corredor que procura alcançar sua meta com o máximo esforço e o maior dispêndio possível de forças (JUNG, 2013, p. 356).

Quanto ao suicídio, para Jung (2011):

> O impulso inconsciente de suicídio provoca por sua vez uma série de situações imprevistas perigosas, como, por exemplo: uma súbita vertigem em lugar desprotegido, uma hesitação na frente de um automóvel, um engano ao apanhar um vidro de xarope, pegando o de um corrosivo sublimado em seu lugar, uma vontade repentina de fazer acrobacias arriscadas etc. (JUNG, 2011, p. 70).

Esses que podem ser considerados atos falhos para Jung revelam uma intenção inconsciente.

O psicólogo analítico James Hillman salienta que o suicídio aparece muito mais na vida de pessoas aparentemente sem grandes problemas que nos hospitais psiquiátricos. O suicídio leva o analista a uma autoanálise profundamente questionadora, em que se faz sentir a necessidade do vínculo. “É na vida que surge o suicídio” (HILLMAN, 1993, p.24).

> O suicídio é o problema mais alarmante da vida. Como se pode estar preparado para ele? Por que é cometido? Por que é evitado? Ele parece irremediavelmente destrutivo, deixando atrás de si culpa e vergonha e uma desalentada estupefação. O mesmo ocorre na análise, para o analista; o suicídio é mais complexo ainda que a psicose, a tentação sexual ou a violência física, porque representa a síntese da responsabilidade que um analista carrega. Mais ainda, é fundamentalmente insolúvel, porque não é um problema de vida, mas de vida e de morte. A consideração do suicídio também acarreta uma reflexão sobre princípios fundamentais (HILLMAN, 1993, p. 25).

Os motivos para o suicídio são muitos, mas o primordial em nossos tempos é uma dor imensa e insuportável, sejam elas físicas ou psicológicas. Associadas a tais dores, temos as doenças mentais como a depressão e os transtornos de ansiedade.

Hillman (1993) refere alguns tipos de suicídio. Primeiro, temos a morte voluntária como uma propensão emergente que se manifesta como problema sociológico, um sintoma do organismo social em que a individualidade é dissociativa e leva ao afrouxamento dos laços sociais. Dependendo de certos parâmetros sociais qualquer pessoa pode se tornar suicida. A prevenção do suicídio seria uma forma de reforço do grupo social, o retorno do indivíduo como participante ativo do grupo.

Há o suicídio causado pela loucura, insanidade. Aqui as causas estão fora da sociedade, dentro do indivíduo – não há quebra do contrato social: de uma forma ou de outra, por conta da insanidade, o indivíduo "lunático" já está morto. Esse tipo de suicídio não será analisado por nós.

Outra visão importante sobre o suicídio é a da Saúde Mental, Botega (2005) afirma que "Na crise suicida há a exacerbação de uma doença mental existente, ou uma turbulência emocional que, sucedendo um acontecimento doloroso, é vivenciada como um colapso existencial" (BOTEGA, 2005, p.12).

O autor assevera que o sofrimento psíquico advindo das duas situações pode levar ao desespero e consequentemente à ideação suicida, com a vontade que a dor indelével acabe.

De acordo com a 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID)[90], o suicídio é considerado "causa externa" e um ato de violência e agressividade. Pode ocorrer tanto na ausência quanto na presença de quadros clínicos relevantes. Tais quadros clínicos podem afetar a pessoa como um todo. Sobre as funções psíquicas e as alterações psicopatológicas, Dalgalarrondo (2018, p.85) afirma que elas não existem isoladas nem compartimentalizadas entre si. "É sempre a pessoa na sua totalidade que adoece".

Para estes autores, diferentemente da opinião de Hillman, pacientes com transtornos psiquiátricos apresentam mais risco de cometer suicídio (DALGALARRONDO, 2018; SANTOS *et al*., 2009; ZATTI *et al*., 2015). Estudos realizados por Santos *et al.* (2009) demonstraram a incidência das doenças mentais relacionadas às tentativas de suicídio, atingindo o total de 71,9% dos casos.

[90]Disponível em: https://www.medicinanet.com.br/cid10.htm. Acesso em: 20 maio. 2021.

Sendo as Síndromes Depressivas responsáveis por 38,9%, adição de substâncias psicoativas por 21,9%, transtorno de estresse pós-traumático (20,8%), alcoolismo (17,7%) e esquizofrenia (15,6%). Destas alterações, somente a esquizofrenia é totalmente endógena.[91]

Os dados do relatório *Depression and other common mental disorders: global health estimates*[92], publicado em 2017 pela OMS, mencionam que no Brasil a depressão e os transtornos ansiosos afetam respectivamente 5,8% e 9,3% da população[93] (OMS *et al.*, 2017). A depressão é uma patologia psiquiátrica multifatorial incapacitante considerada questão de saúde pública pela OMS. Seus marcadores principais são tristeza, sentimentos de culpa, baixa autoestima, perda de interesse ou prazer, baixo nível de concentração, fadiga, distúrbios do sono e/ou do apetite e peso, sensação de cansaço. Dada à multiplicidade de seus sinais e sintomas, estima-se que apenas 35% dos casos sejam diagnosticados e tratados (PINHEIRO, 2019; DALGALARONDO, 2009).

As Síndromes Depressivas abrangem distúrbios "afetivos, instintivos e neurovegetativos, ideativos e cognitivos, relativos à autovaloração, à vontade e à psicomotricidade", explica Dalgalarrondo (2009, p.307). Comorbidades patológicas e eventuais sintomas neuroendócrinos, psicóticos como ideias delirantes de conteúdo negativo como culpa ou ruína, ilusões, alucinações, geralmente auditivas, e de alterações psicomotoras podem estar presente de acordo com a intensidade do quadro.

Os sintomas mais encontrados na depressão são: no âmbito do Afeto: Tristeza, sentimento de melancolia, indiferença afetiva, apatia, desesperança, angústia ou ansiedade; Neurovegetativa: Anedonia (incapacidade de sentir prazer), cansaço, alterações de sono, da libido, pessimismo, falta de perspectiva e tédio profundo; Cognição: Déficit de atenção, concentração e memória. No campo da Psicomotricidade: lentificação psicomotora, inclusive da fala, até o estupor. Na esfera

[91]A esquizofrenia é um transtorno mental crônico, grave e complexa presente em cerca de 1% da população mundial. Geralmente se manifesta entre o final da adolescência e começo da vida adulta e se caracteriza por anomalias do pensamento e embotamento do afeto, alterações da percepção de si mesmo e da realidade externa, além de sentimentos de inadequação. Está associado ao suicídio e ao desenvolvimento de comorbidades clínicas, como o transtorno esquizotípico, o transtorno delirante e o transtorno do humor.

[92]Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?sequence=1 Acesso em: 20 maio. 2021.

[93] Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839 Acesso em: 20 maio. 2021.

das Ideações Negativas: pessimismo exacerbado, grande vazio, ideação, planos ou atos suicidas (DALGALARRONDO, 2009).

CAPÍTULO IV – IMERSÃO DIGITAL E SUICÍDIO: DA SEDAÇÃO DO CORPO À QUEDA DA EMPATIA

> Vivemos numa época que enaltece o que é cerebral e menospreza as emoções, encaradas como complicadas e piegas. Pior ainda, as emoções são difíceis de controlar, e não é justamente o autocontrole que nos faz humanos? (DE WAAL, 2010, p. 20).

Muita coisa ocorre em um nível corporal no qual raramente pensamos, reflete De Waal (2010, p. 22). O termo corpo (do latim *corpus*) abarca diferentes acepções e foi originalmente utilizado para definir o corpo morto. O uso da palavra envolve desde o conjunto de sistemas orgânicos que compõe um ser vivo até algo de extensão determinada e que é percebido pelos sentidos (KAMPER, 2000). O corpo é mais que a carne, ele é semiótico e cultural, constituído de "significados, símbolos e sinais, de memória e de histórias, tanto quanto de órgãos e trocas bioquímicas" (BAITELLO JR., 2006).

> Um corpo é, sim, um todo orgânico que apenas sobrevive sob determinadas condições físicas, mas que em contraposição requer igualmente a permeabilidade dos limites estabelecidos pela pele individual. No corpo semiótico e cultural, a base física é expandida pelo *corpus* de significados trazidos por outros corpos, por suas trajetórias, por suas vidas e suas histórias (BAITELLO JR, 2006, p.3).

A trajetória do corpo segue um caminho infindável de transformações, tanto que o corpo do homem de hoje não é o primordial. O corpo que temos hoje é aquele que foi paulatina e irremediavelmente implicado pelas circunstâncias naturais e modificado pelo processo civilizatório, principalmente após a universalização do trabalho que consome a vida e o exaure (KAMPER, 1998).

Kamper reflete sobre três pontos principais na obra *O trabalho como Vida* (1998). No primeiro, a transição do trabalho – antes obrigação, agora teoricamente "libertação", pois se os antigos se rebelavam, os trabalhadores atuais fazem de tudo para "conservar um empreguinho miserável" (KAMPER, 1998, p. 13). O segundo questionamento se refere ao trabalho como fator de organização social único. E, no terceiro ponto, descreve a estupefação do homem frente à percepção que o trabalho exigia demais de seu corpo, impedindo-o de viver. O trabalho mortifica e molda o corpo e a sociedade é organizada ao seu redor.

Le Breton (2007) descreve o corpo como uma invenção do homem. Fatores como a descoberta da agricultura resultando em maior oferta de alimentos, a

diminuição, controle ou erradicação de doenças, a diminuição e extinção de predadores naturais, o desenvolvimento intelectual e cognitivo que estimularam o aumento e a proliferação da população humana. Com o passar do tempo e a evolução, há uma ruptura concreta do homem com seu corpo, que não pode ser comparado a uma máquina maravilhosa pelas características de finitude e senescência da condição humana.

Kamper (1998) reflete como o processo de disciplinamento do corpo começa de forma mais efetiva na primeira fase da Idade Média e continua com os alquimistas da Idade Moderna. Ao descrever as regras monásticas de São Bento de Nursia – *Ora et Labora* (Ora e trabalha), o autor expõe que nesse momento foi criada uma forma abstrata de tratamento do corpo. Tais formas, traduzidas em regras monásticas, produziram as primeiras traduções do trabalho como castigo e a necessidade de uma disciplina rigorosa sobre o corpo. Mais tarde, São Bernardo de Caveaux complementou o preceito de São Bento, sugerindo uma vida mais diáfana e não corpórea. Daquele momento em diante, a mortificação do corpo se intensificou. Conforme Kamper:

> Do ponto de vista de uma teoria da civilização - o corpo humano esteve presente na qualidade de 'objeto de troca', de local de aplicação - absolutamente não passivo – de repressões e disciplinamentos que comumente apresentam-se sob a máscara da emancipação. Da tese da soma-sema dos platônicos, o duplo jogo de sujeição e libertação, repressão e produção (FOUCAULT) foi conduzido com a máxima intensidade até o presente imediato (KAMPER, 1998, p.2).

Buscando obsessivamente repetir a criação que não dera certo da primeira vez, visto a inadequação e a mortalidade do corpo, os alquimistas combinaram os quatro elementos básicos da Alquimia (fogo, ar, terra e água) na tentativa de criar "o quinto elemento, a quintessência, e criar um homem imaterial, um homem ideal" (KAMPER, 1998, p.26).

Conforme Keleman:

> Nós somos partes de uma vida biológica. Ao sermos concebidos, herdamos uma constituição de endomorfos viscerais, mesomorfos musculares ou ectomorfos sensoriais. Nossa forma corporal é um poderoso símbolo emocional do nosso self, como uma imagem mítica que nos pode ajudar a compreender nossos papéis e a multiplicidade de modos pelos quais nos identificamos com eles (KELEMAN, 2001, p.31).

Keleman compreende o corpo como processo de vivências reais, fonte de imagens somáticas e histórias que acabam ressignificadas e corporificadas, mas que em seu caminho evolutivo objetificou o corpo. “Nós somos mais que um processo bioquímico, e certamente não somos máquinas” (2001, p.53), se referindo ao fato que o corpo é um sistema ecológico que vivencia.

> Quando idealizamos a imagem em lugar da experiência corporal, nos descobrimos vivendo na imagem. Atualmente, grande parte da sociedade se organiza de maneira que se coloca à parte da própria natureza. A natureza se tornou uma fotografia, uma ideia, um símbolo, uma imagem no cérebro – e o mesmo aconteceu com o corpo. Vivemos na imagem do corpo, não no corpo (KELEMAN, 2001, p.43)

Ao negar o corpo o homem desenraizou o mito de sua experiência corporal, colocou a natureza em um local afastado do corpo que, por sua vez, ficou relegado ao segundo plano. “Confundimos a distinção entre experiência mental e experiência orgânica. Essa diferença transforma o nosso mundo em Terra Devastada” (KELEMAN, 2001, p. 45).

Le Breton (2007) explica que as doutrinas gnósticas tinham repulsa ao corpo e o consideravam indigno e nojento, pois envelhece e padece da doença incurável do desejo. Junto com a morte, o tempo e a ignorância, representava para eles a esfera negativa. A positiva era representada pelo bem, pela alma, pela plenitude – “a alma caiu no corpo que o aprisiona” (2007, p.13). Em *Alma Imoral: traição e tradição através dos tempos* (1998), Nilton Bonder discorre sobre conceitos de corpo e alma, tradição e transcendência, obediência e ruptura. O conceito bíblico de corpo e alma compreende mais que a dimensão animal da concepção darwiniana ou da psicologia evolucionista: engloba a natureza transgressora.

> O corpo seria uma espécie de antônimo da alma, um representando a materialidade e suas necessidades e o outro, a imaterialidade e suas necessidades. É na definição dessa “materialidade” que se processa a má compreensão do que é corpo e do que é alma. O corpo é o produto, em determinado momento, de um passado. Seu maior interesse é a preservação, não apenas entendida como a manutenção do funcionamento orgânico, mas como o apego, a forma que “gosta de si” e que momentaneamente percebe a imortalidade como a possibilidade de manutenção eterna. Já a alma é uma demanda desse corpo, inerente a ele mesmo, que vem desde o futuro (BONDER, 1998, p. 21).

A transgressão da alma parece não ter sido suficiente contra o processo civilizatório e, com o tempo, as ideias da necessidade do condicionamento do corpo

perderam o conteúdo religioso e passaram à laicidade. Passamos de um corpo pecador, finito e imperfeito a um corpo incapaz de acompanhar o progresso tecnológico e que, por isso, deve ser modificado ou simplesmente eliminado no processo. Contrera (2018, p. 5) afirma que “psique e soma são uma só e mesma coisa”. Então, o que fazer se o corpo pertence à alma e a alma ao corpo, o corpo sem alma é um corpo morto, a alma sem corpo vaga fantasmagórica (CONTRERA, 2019). Modificá-lo e mortificá-lo ainda mais, objetivando uma suposta perfeição: a não senescência e a imortalidade. Para Bonder (1998, p.21), o “potencial desse corpo no futuro ameaça o status quo do corpo e o seduz pela promessa de uma imortalidade a ser conseguida na melhor moldagem e adaptação desse corpo”.

Imortalidade essa que contrapõe o final basilar e inexorável do corpo: a morte. Esta é temida e negada pelo humano e por cientistas que, como seus antecessores, também não gostam do corpo. Por isso, sonham uma humanidade livre deste acessório que perdeu o caráter simbólico, é dividido em partes substituíveis e aprimorado gela genética.

Conforme Jung (2002), o corpo é material, porém não é diferenciado da alma.

> Em última análise, o corpo humano também é constituído da matéria do mundo e é nela que as fantasias se tornam manifestas; sim, sem ela, as ‘fantasias’ não podem ser experienciadas. Sem matéria, elas seriam mais ou menos como grades abstratas de cristal dentro de uma solução de lixívia em que o processo de cristalização ainda não começou (JUNG, 2002, p.173).

O corpo material que inexiste sem a alma, mesmo diante de todos os esforços espirituais, científicos, intelectuais, tem sempre como final a morte. Mas, até chegar a ela, como todo processo biológico, o corpo passa por ciclos de desenvolvimento e aprendizagem.

Para Keleman, o processo somático, a fonte do aprendizado, está associado diretamente ao mito, à dimensão simbólica da vivência que auxilia na ressignificação de experiências essenciais da vida, inclusive a tão temida morte.

O medo da morte aparece quando se dissemina a ideia de que a corporeidade precisa ser purificada por ser imperfeita, precária e finita. O envelhecimento e a morte são erros a serem corrigidos e como não é possível, o corpo deve ser abolido. O corpo imperfeito é descartável, deve ser moldado à máquina para escapar da certeza indelével destino da morte (LE BRETON, 2003).

Edgar Morin escreveu em *O homem e a morte* (1988) que o simbólico nasce como estratégia de compensar ou superar o medo do insuperável – da morte. A morte aqui perderia sua força frente à necessidade cada vez mais premente de fortes emoções para que o corpo se sinta vivo.

Em *Telemorfose*, Baudrillard (2004) define a humanidade como criminosa e vítima, quando se propõe a eliminar a dualidade vida e morte. Ao desapropriar o conceito de morte de seu significado mais intrínseco – a própria finitude, o homem perde a consciência de si mesmo, o sentido da propriocepção.

Ao contrário dos outros sentidos, visão, olfato, tato, audição e paladar, a propriocepção não tem um órgão definido. A percepção do mundo externo se dá pelo corpo como um todo e o processamento das informações ocorre em diferentes regiões cerebrais. Conforme Luria (1978) há três unidades funcionais inerentes aos processos mentais humanos. Tais unidades não estão necessariamente circunscritas a pontos específicos do cérebro, mas cada uma de suas estruturas, com sua especificidade, colabora em conjunto com o desenvolvimento e a formação dos processos mentais. As três unidades fazem parte dos processos cognitivos humanos. A primeira é aquela que regula o tono, a vigília e os estados mentais; a segunda recebe, analisa e armazena informações do mundo externo; e a última é a responsável pela programação, regulação e verificação da atividade consciente.

A propriocepção, individual e inalienável, sofre influências de interações diferenciadas e complexas na integração sensorial e motora na conformação de diferentes tipos de imagens mentais no decorrer do desenvolvimento orgânico e cognitivo (OLIVEIRA, 2012). Logo, a anestesia dos sentidos leva à perda da característica da consciência humana, e, consequentemente, a um retrocesso das condutas representativas e o retorno ao pré-consciente, à psique primitiva do homem dos bandos, das hordas (CONTRERA, 2004), ainda que teleguiados. Este ser não pensante sofre mais influências externas do que é capaz de vivenciar, significar e ressignificar.

Baitello Jr. (1999, p.4) no texto, *A cultura do ouvir*, destaca que na sociedade da imagem:

> Vivemos, profundamente, até a última das nossas fibras, dentro de um mundo da visualidade. Que evidentemente não começou agora, mas que foi se desenvolvendo e foi se sofisticando de tal maneira que todos nós podemos suspeitar que estamos nos tornando surdos.

O autor continua a discorrer sobre o sentido da visão e as implicações da perda dos outros sentidos como a audição e, consequente, amortecimento da propriocepção. O importante é estar visível, ter sua imagem mediada e assistida, curtida, tuitada milhares de vezes nas redes sociais. Quanto mais, melhor, pois significa mais tempo na mídia, mais tempo de vida da imagem e da vida profissional da modelo. O pesquisador complementa:

> A cultura das imagens (e a transformação de toda a natureza tridimensional em planos e superfícies imagéticas) abre as portas para uma crise da visibilidade, dificultando aqui não apenas a percepção das facetas sombrias, mas até mesmo, por saturação, aquelas regiões iluminadas. Assim, como toda visibilidade carrega consigo a invisibilidade correspondente, também a inflação e a exacerbação das imagens agregam um desvalor à própria imagem, enfraquecendo sua força apelativa e tornando os olhares cada vez mais indiferentes, progressivamente cegos, pela incapacidade da visão crepuscular e pela univocidade saturadora das imagens iluminadas e iluminadoras (BAITELLO JR., 2010, p.2).

Contrera (2010) associa o papel das tecnologias de comunicação, frente às máquinas de comunicação, à “depressão dos sentidos corporais”, onde perde sua propriocepção e se transforma em um corpo sentado-sedado, comatoso, influindo e prejudicando a propriocepção e levando o corpo a buscar a perfeição e eficiência da máquina. E a máquina que não morre, que pode ser consertada e eventualmente ter suas peças trocadas, de tão voltada para sua retificação, perde a capacidade de ver o outro.

As técnicas corporais básicas do movimento e deslocamento, como o andar e o correr, foram se perdendo e agora são estimuladas apenas para a manutenção da saúde. Com as facilidades dos tempos modernos, o corpo se movimenta cada vez menos, resultando na atrofia muscular (LE BRETON, 2003). Os músculos se atrofiam na sociedade das telas e dos corpos sentados (BAITELLO JR., 2010), e com eles a sensorialidade.

Para se encaixar no padrão imposto, os sentidos de proximidade como o olfato, o tato e o paladar começaram a perder espaço para os sentidos da distância, a visão e audição. A propriocepção, o sentido do próprio corpo no mundo, foi sendo paulatinamente adormecida e, com ela, a empatia. Impedido de sequer reconhecer o outro ─ quanto mais se colocar em seu lugar ─ o homem, egoisticamente, volta sua atenção para si mesmo, exacerbando seus próprios problemas e angústias.

> Toda a nossa realidade tornou-se experimental. Na ausência de destino, o homem moderno entregou-se a uma experimentação sem limites consigo mesmo (BAUDRILLARD, 2004, p.19).

Baudrillard aponta que há duas formas de desaparecer. A primeira se refere ao direito incondicional de não ser visto. Na outra, o que ele chama de “exibicionismo delirante”, o excesso de visibilidade torna o objeto transparente a si mesmo.

> Breve não haverá mais senão zumbis autocomunicantes, com apenas o relé umbilical do retorno-imagem, avatares eletrônicos das sombras defuntas que, além do Styx e da morte erram cada uma por si e passam a contar a si mesmas perpetuamente a sua história. (BAUDRILLARD, 2004, p.44-45).

O enclausuramento leva a consequências funestas. A morte entraria no circuito das mídias eletrônicas em dado momento como uma diversão, como um espetáculo mais intenso, um experimento de extremo. Com o tempo, passa a ser tratado como pseudoacontecimento, perdendo o sentido de sacrifício (BAUDRILLARD, 2004).

Klein (2006) relata que:

> O corpo passa a se situar a meio caminho da imagem e a imagem a meio caminho do corpo. O ponto de intersecção, resultando em um ente híbrido, sugere um ganho de profundidade na superfície das imagens e a superficialização da profundidade do corpo. Se uma das primeiras funções da imagem era substituir o corpo de uma pessoa falecida (BELTING, 2006), hoje, seu destino nos mostra sua coexistência com o corpo para evidenciar a morte do corpo ao lado da vivificação da imagem. Talvez esteja aí, em um paradoxo, uma das pistas para entender uma das condições da imagem contemporânea: morrer para afirmar-se ou negar-se para viver.

Em nosso trabalho de mestrado, *Naturalidade sem Natureza: a construção da mulher como simulacro na revista Plástica e Beleza*, demonstramos como a mídia veicula um ideal de corpo inatingível que só se realiza por meio da imagem. O processo pelo qual o corpo é modificado é predominantemente estético, principalmente no que diz respeito ao corpo feminino, perpetuando assim a dominação da mulher por meio da violência simbólica. Com o corpo anestesiado com todo esse processo, reforça o que diz Kamper (1998) sobre a mortificação do corpo.

> Eu me refiro ao corpo humano que, nos últimos séculos, nos últimos séculos, foi objeto de uma terrível operação de disciplina; poderíamos dizer, inclusive, que a liberdade de espírito, a liberdade do intelecto foi adquira ao preço da não liberdade do corpo humano, cujo preço envolve um processo no qual o corpo foi cada vez mais forçado dentro de relações que não são adequadas (KAMPER, 1998 p.21-22)

Kamper corrobora a ideia que o corpo humano é vitimado pelo processo histórico. A transformação do corpo é contínua e, com o desenvolvimento da tecnologia, se em priscas eras precisávamos dele ereto, forte e rijo, quando deixamos de ser nômades e passamos a sedentários nós o mortificamos e, por fim, o transformamos em imagem (MENA MATOS, 2011; BAITELLO JR., 2012). Esse movimento é compreendido por Flusser como as três grandes catástrofes vividas pelo homem (BAITELLO JR., 2012; FLUSSER, 2005).

> [...] a hominização, trazida pelo uso das ferramentas de pedra; a civilização, criada pela vida em aldeias, com sua consequente sedentarização; e a terceira catástrofe, em curso e ainda sem nome, é marcada pela volta ao nomadismo, pois as casas se tornaram inabitáveis (FLUSSER, 2005, p.3)

Na primeira o homem desce das árvores e por uma questão de necessidade e sobrevivência fica ereto, passando a ser nômade sobre duas pernas e a utilizar ferramentas. A segunda catástrofe diz respeito ao processo civilizatório, quando passa a ser sedentário e, para sobreviver, modifica a natureza à sua volta, plantando sua comida e domesticando animais. Baitello Jr. explica a proximidade da origem dos termos sentar, sedar e possuir/acumular na língua latina “na qual os verbos são igualmente irmãos: “*sedere*” e “*possedere*”, sentar e possuir (em espanhol, o verbo “*poseer*” mostra mais claramente a proximidade com o “*possedere*”)” (2012, p. 27). Protegido pelas paredes da casa, o conhecimento do homem também avançou, vieram a escrita e os conhecimentos lógicos e matemáticos, básicos para a ampliação dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento da técnica.

No momento, a humanidade passa pela terceira catástrofe, e a moradia do homem se tornou permeável e foi invadida pelos “furacões da mídia”.

> Convidam-nos a estar lá onde não estamos, em cenários, paisagens e ambientes distantes e virtuais. O lugar onde estamos de fato – sempre sentados – é o lugar inóspito que não se deixa habitar porque está invadido pela ventania das imagens visuais e sonoras da mídia. Se a hominização foi ditada pelos deuses do vento, levando o homem a seguir sempre por caminhos imprevistos e surpreendentes, a civilização foi regida pelas divindades da terra, do assentamento e da fixidez. E a nova “mobilidade” ou o novo “nomadismo” são uma reunião paradoxal de imobilidade com fluidez. As imagens fluem celeremente e nós surfamos virtualmente nelas enquanto o corpo, em torpor, está sentado em alguma cadeira sem alma (BAITELLO JR., 2012, p. 27).

Ao sentar, o homem domou o corpo e se civilizou. Sentar é confortável e, se antes o homem movia seu corpo para todos os lugares, agora o que se move são as

imagens. Baitello Jr. (2012, p.18) reconhece que os próprios meios de comunicação mais sofisticados são manipulados com o corpo sentado, principalmente aqueles instalados nos computadores. A chegada dos aparatos móveis, que têm como vantagem serem transportados a qualquer lugar e usados a qualquer hora, acabou por paralisar o corpo em qualquer lugar, a qualquer hora.

O que se tornou um grande problema, principalmente, entre os adolescentes, faixa etária mais sensível à mídia eletrônica disponível 24 horas por dia, o que facilita a imersão midiática. Não é por acaso que é a faixa etária de maior risco de ideação suicida e comportamento suicida.

Estudos como o de Souza (2010) e Silva (2021) investigaram a relação entre suicídio e sedentarismo em adolescentes. Silva (2021) apontou que o sedentarismo associado ao alto tempo de uso de aparelhos como videogame/computador e televisão pode levar a comportamentos suicidas. Os resultados mostraram que adolescentes que ficavam 3 horas ou mais em frente a aparatos eletrônicos apresentaram mais chances de comportamentos suicidas como ideação, planejamento e tentativa de suicídio se comparado a outros jovens que ficavam menos de 3 horas diante das telas.

A pesquisa de Chen (2018) relacionou o abuso de internet e o aumento das taxas de ideação, planejamento e tentativas de suicídio nesta faixa etária.

Outros estudos também evidenciaram a relação entre o uso de sites de redes sociais e sofrimento psicológico, problemas de saúde mental e ideação e comportamentos suicidas, que atingem em maior escala na mesma faixa etária (SAMPASA-KANYINGA; HAMILTON, 2015; CUNHA; ANDRADE, 2018).

O corpo frente ao aparato vai sendo gradualmente sedado e acaba por perder seus sentidos básicos, restando apenas a visão. A próxima capacidade a ser embotada é a proprioceptiva. Este sentido é definido como:

> [...] forma internalizada de como o indivíduo percebe o seu próprio movimento. Através dos receptores musculares, que são pequenas fibras encontradas junto às fibras musculares e nas articulações, o individuo percebe o deslocamento do seu corpo no espaço, mesmo estando de olhos fechados. A propriocepção faz parte de um sentido que abarca várias formas de percepção como o tato, a temperatura, a dor, a percepção muscular, visceral e vestibular (COELHO, 2008).

O sentido que regula todos os outros foi fundamental para o desenvolvimento e sobrevivência da espécie humana. Percebendo a si mesmo e tendo noção de suas

habilidades de exploração do espaço vital, o homem se torna capaz de perceber o outro. Esta capacidade psicológica, corporal e gestáltica é denominada empatia. Frans De Waal (2010), que estudou mamíferos primatas superiores, incluindo o homem, descreve o termo empatia como a evolução do alemão *Einfühlung* (sentir em), que significa "movimento de um indivíduo projetando-se no interior do outro" (2010, p. 98). A empatia não é desencadeada pela imaginação, pois "requer antes de mais nada envolvimento emocional", é uma fusão inconsciente com o outro, onde "as conexões corporais vêm primeiro – a racionalização vem depois" (2010, p.108). Conforme De Waal (2010), não é a mente o protagonista no reconhecimento do outro e de suas emoções, mas o corpo que faz esse mapeamento. A empatia não se restringe apenas à imitação ou à coordenação dos gestos, mas à "capacidade de assumir a perspectiva do outro" (2010, p. 80). E essa faculdade de mapeamento do outro é inconsciente e inata, aparece muito cedo e vai se aprimorando no decorrer da vida.

A mente humana se desenvolve junto com o corpo, e a relação entre o corpo e o cérebro é complexa, existindo uma conexão intrínseca entre a percepção e a ação do corpo, entre as emoções e os movimentos (FONSECA, 2019). É essa correlação que De Waal denomina de "cognição corporificada" (2010, p. 91).

De Waal lembra que embora associemos a empatia à benevolência, não há ligação entre as duas. "Quase sempre damos pouca importância à coletividade, mas todos os organismos que vivem em grupos são sensíveis a ela. Eles estão todos no mesmo barco" (2010, p. 58). Isso se aplica a todos nós. Quando temos um caso de suicídio, toda a comunidade é afetada. A mídia, como agente amplificador, pode fazer repercutir os valores que representa.

A empatia é ampla e não se restringe apenas à imitação ou à coordenação de gestos, mas "à capacidade de assumir a perspectiva do outro" (DE WAAL, 2010, p. 80). Ou seja, caminhar com os sapatos do outro. Uma mostra muito interessante sobre empatia ocorreu em 2017 no Parque do Ibirapuera em São Paulo[94] (Figura 22).

[94] Disponível em: https://www.intermuseus.org.br/museu-da-empatia. Acesso em: 3 jul. 2021.

Figura 22 – Museu da Empatia

Fonte: Filipa Porto[95]

O projeto sugeria a exploração da empatia experimentando a capacidade de observar o mundo sob a ótica das outras pessoas, auxiliando nas relações interpessoais e, consequentemente, diminuindo os preconceitos e as desigualdades. Como já foi dito, a empatia está relacionada intimamente com o corpo concreto. Logo, nada mais natural que a experiência ser bastante participativa: andar com os sapatos de outras pessoas. Ao caminhar com os sapatos ali expostos, o visitante poderia ouvir a história da pessoa às quais os sapatos pertenciam. “Não somente imitamos as pessoas com que nos identificamos, como a imitação estreita os laços (DE WAAL, 2010, p. 93).

Presos no aparato e ante à imersão digital, os sentidos de proximidade se perdem na tela e há o embotamento do corpo. Junto, deixamos de lado a oportunidade da vivência corporal de se colocar no lugar do outro, de fazer algo mais complexo que a pobre imitação básica. Conforme De Waal (2010):

> Quando observo a sincronia e a imitação – seja em relação aos bocejos, ao riso, à dança ou ao macaquear puro e simples -, o que vejo são as conexões e os vínculos. Vejo um instinto de manada que foi elevado a um nível mais complexo de funcionamento, indo além da tendência de uma multidão de indivíduos a galopar na mesma direção ou atravessar o rio ao mesmo tempo (DE WAAL, 2010, p. 94).

Empatia não é um simples sinônimo de imitação e seu desenvolvimento e desempenho requerem alguns requisitos importantes, como a observação acurada do comportamento do outro, uma resposta imediata a esses comportamentos, principalmente os paralinguísticos e não verbais (DE WAAL, 2010; PAVARINO *et al.,*

[95] Fotos: Filipa Porto

2005). O corpo é sensível e reage a tudo que acontece, desde a sexualidade, a agressão e os sentimentos como ódio, amor, medo, assim como atividades que não envolvam emoções ou movimento, como a propriocepção – posicionamento corporal, temperatura, umidade.

A empatia também se difere da solidariedade por uma questão primordial, pois a solidariedade, preocupação com o outro e o desejo de agir para ajudá-lo a sair da dificuldade não só é proativa como implica um julgamento moral. O altruísmo máximo, até chegar ao autossacrifício por outra pessoa, o que produz os heróis salvadores de outrem, não é possível sem a capacidade de sentir empatia. O gesto altruísta não demanda nem pode ser explicado por pensamentos relacionados a qualquer tipo de retorno ou compensação futura.

Somos seres sociais, uma prova disso é que à exceção da pena de morte, o pior dos castigos é ser confinado sozinho em uma cela. Precisamos do outro e a imersão digital nos toma mais do que os sentidos, nos toma tempo de vida e a oportunidade de vivenciar emoções e trocar experiências com o outro.

> A visão das emoções de nossos semelhantes desperta as nossas próprias emoções, e, a partir daí seguimos construindo um entendimento mais avançado da situação do outro. As conexões corporais vêm primeiro, a racionalização vem depois (DE WALL, 2010, p. 108).

No corpo, num primeiro momento, a vivência da empatia é imediata, “sentimos imediatamente que estamos em contato com outro ser humano” (ALES BELLO, 2006, p. 63), semelhante mas não igual.

> Reconheço imediatamente: sei que ele tem todas as características estruturais que eu tenho, todas as possibilidades que eu tenho. Não sei, porém, quais possibilidades ele ativou verdadeiramente. Este é um segundo momento. Devo tentar entender, no sentido de sentir, quais possibilidades ele ativou, o que ele está vivendo (ALES BELLO, 2006, p. 185).

Dentre as possibilidades está a de perceber e sentir o que o outro sente, por meio da ativação de estruturas comuns a ambos. Essa comunicação é facilitadora da formação de vínculos, sobre os quais De Waal (2010, p.102) escreve:

> A evolução do vínculo afetivo surgiu juntamente com algo que o planeta nunca tinha visto antes: um cérebro com sentimentos. o sistema límbico foi acrescentado ao cérebro, possibilitando emoções como afeição e o prazer.

Foi esse sistema que possibilitou o homem para as relações que envolvem afeto e o ato de cuidar (DE WAAL, 2010), tornando difícil de contestar a importância dos vínculos psicossociais. A imagem de alguém em determinada situação suscita no outro lembranças semelhantes já vividas.

Não é memória consciente, mas “reativação automática de nossos circuitos neurais” (p. 116). Isso se deve aos neurônios-espelho que, segundo De Waal, tornam indistintos o eu e o outro e fornecem “a primeira pista no papel do cérebro no processo pelo qual um organismo espelha as emoções e os comportamentos dos indivíduos à sua volta” (p.117). Mas essas ativações de neurônios-espelho não podem ser realizadas exclusivamente pelas imagens visuais.

A empatia é um processo inato, automático e inconsciente baseado na semelhança ou proximidade. E na imersão digital, por maior que seja a rede social e o suposto número de “amigos” estamos mediados pelo aparato. No vídeo intitulado *Fronteiras do Pensamento*[96], de 2011, Zigmund Bauman fala sobre a sociedade fragmentada e a fragmentação da vida humana. Na entrevista, o filósofo relata uma conversa com alguém que ele começa descrevendo como “viciado em Facebook”. No diálogo, o outro celebra o acontecimento de ter feito 500 amigos em apenas um dia. Em resposta, Bauman aponta para o fato de ter 86 anos e não ter feito tantos amigos nesse período. Segundo ele, a definição de amigo, de relações humanas, alçou patamares diferentes, e há diferença entre comunidade e rede. A primeira nos precede, já a segunda depende de dois fatores básicos: a facilidade da conexão com o outro e a facilidade de se desconectar. Se se faz 500 amigos em um dia, em poucos segundos é possível desfazer as amizades simplesmente se desconectando delas. A conexão/desconexão não requer empatia nem promove o vínculo, essa é a base da discussão que se tem levantado atualmente acerca da “cultura do cancelamento”.

Conforme Baitello Jr. (1997), “E "vincular" significa aqui "ter ou criar um elo simbólico ou material", constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação” (BAITELLO JR., 1997, p. 87). O vínculo é uma necessidade intrínseca e inevitável ao homem (HILLMAN, 1993), como afirma Contrera:

> Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos

[96] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A. Acesso em: 30 ago. 2021.

> processos de significação constituídos nessas relações (CONTRERA, 2014, p. 590).

No entanto, os vínculos possuem todo um sistema de classificação, sendo de especial relevância o que propõe Silva e Baitello Jr., ao chamarem a atenção para os vínculos comunicacionais e para a importância de se diferenciar vínculo afetivo de vínculo hipnógeno, próprio dos ambientes midiáticos.

> Vínculos comunicacionais, portanto, podem ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo, o dos vínculos culturais, estabelece-se no contexto histórico-antropológico, fundado na densidade vivencial e na tessitura simbólica, na dupla implicação entre aqueles que se comunicam, que comungam uma mesma atmosfera simbólica. O segundo grupo, o dos vínculos hipnóticos, estabelece-se no contexto midiático (mediosfera), fundado na construção de imagens técnicas fugazes que obedecem cegamente aos programas, dentre eles o programa cristalizado dos papéis de emissor e receptor. Caracteriza-se este último pela ludicidade exacerbada (cega e obediente), isto é, pela finalidade em si mesma e pela ilusão (in ludere), por parte do receptor, de que ao agir sobre o aparelho atua como emissor (SILVA; BAITELLO JR., 2013, p. 6).

O vínculo hipnógeno se assemelha mais a uma conexão magnética e fascinante, onde o corpo permanece sedado, sentado e submetido às imagens técnicas (Figura 23).

Figura 23 – Zumbis da atualidade

Fonte: Blog Tecendo a Trama [97]

Neste contexto, a empatia não se concretiza, pois para que ela ocorra é preciso de um corpo, e um corpo proprioceptivo, que sinta e que tenha relativa consciência de si mesmo. Há, então, a perda da capacidade empática, afrouxam-se os vínculos, aumentando a angústia e o isolamento.

De Waal reforça a importância da empatia para a vida em sociedade. A ausência dela pode levar a consequências nefastas, incluindo determinadas patologias. Pavarino *et al.* (2005) descrevem a significância da empatia para o desenvolvimento emocional saudável e analisa o paradoxo entre empatia e agressividade. O trabalho aponta que o déficit de empatia contribui para comportamentos antissociais como isolamento social, comportamento opositor e principalmente os agressivos.

Schonert-Reichl (1993) relacionou a baixa empatia com competência social em jovens com transtornos comportamentais e observou que quanto maior a empatia maior a qualidade dos relacionamentos, e que os adolescentes com menor empatia tinham relacionamentos de qualidade inferior aos seus colegas sem os transtornos. Já Bitencourte e Monego (2016) relacionam alterações de empatia além dos distúrbios afetivos, neurovegetativos e cognitivos em pessoas com Transtorno Depressivo Maior. A maior parte dos sintomas depressivos em adolescentes se relaciona à perda de energia, apatia, perturbação do sono, dificuldade de concentração, retardo psicomotor, autoestima rebaixada e sentimentos e pensamentos recorrentes de culpa

[97] Disponível em: https://tecendoatrama.blog.br/apocalipse-zumbi/. Acesso em: 25 set. 2021.

e desesperança (BAHLS; BAHLS, 2002). Características que nos remetem ao homem contemporâneo, descritos por Contrera e Torres (2019) como um zumbi.

> Mortificado pelo trabalho, sedado pelas imagens mediáticas, alheio ao próprio corpo, mas faminto de consumo ininterrupto, pode-se conceber que o zumbi represente muito bem o homem contemporâneo, sem alma, ou, ao menos, sem ânimo (CONTRERA; TORRES, 2019).

A questão é que, com o corpo sobrecarregado por informações, os sentidos anestesiados pela imersão mediática onipresente pelo aparato móvel, a empatia se enfraquece. Como consequência, há a tendência de aumento de quadros ansiogênicos e mesmo transtornos depressivos (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2021; CHENG *et al.*, 2018; LIN *et al.*, 2014), o que, por sua vez, também leva ao foco maior em seu próprio sofrimento (SAMPAIO, 2020), aumentando assim o risco de comportamentos suicidas. Comportamentos suicidas estes referidos por Durkheim como o suicídio egoísta, caracterizado pelo prolongado senso de não pertencimento e, consequentemente, total desconexão social. Como aponta Boris Cyrulnik (1995): “É preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única (1995, p. 75).

Sobre a pertença, é dividida em dois sentimentos: o da familiaridade e o da filiação. O primeiro se forma e é reforçado pela percepção dos estímulos originários da vivência cotidiana, do dia a dia. Já a filiação está enraizada no contexto cultural e se constitui apenas na representação psíquica. “A familiaridade se alimenta de biológico, de memória e de sensorialidade cotidiana, ao passo que a filiação se alimenta de cultura” (CYRULNIK, 1995, p. 75). De uma forma ou de outra, o homem precisa de vínculos, não de conexões.

> Se o corpo pede corpo e não é atendido, criam-se mecanismos para que ele se contente com o que recorda o preenchimento de sua carência. E, às vezes, ele se contenta com imagens (internas ou externas), recordações, resquícios, formas de vazio (BAITELLO JR., 2012, p. 105).

A imersão midiática acaba por estimular a falta da empatia associada à solidão extrema do não pertencimento ao empobrecer o corpo e seus sentidos. A perda da capacidade de reconhecimento, interação consigo mesmo e vinculação com o outro deixa um vazio oportunista a ser preenchido de qualquer forma, nem que seja pelo suicídio principalmente nos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou se havia relação entre a sedação do corpo oriunda da imersão digital e a queda da empatia, levando a um sofrimento emocional e, consequentemente, a um aumento progressivo nos casos de suicídio.

A análise das relações entre a imersão digital, o consumo excessivo de mídias digitais, a sedação do corpo e a queda da capacidade empática comprovaram sua associação com o crescente nível de casos oficiais de suicídio entre adolescentes.

A metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa bibliográfica e exploratória e análise dos índices oficiais públicos sobre o suicídio. Esses dados, desde as primeiras análises teóricas de Durkheim até os índices atualizados da OMS em 2020, foram descritos no Capítulo I.

No segundo capítulo, foram observados e analisados os dados referentes ao consumo crescente de mídia eletrônica, principalmente os aparatos móveis, observando relações entre países que apresentam maiores índices de suicídios e maior número de horas de uso de mídia eletrônica digital. Comprovou-se que os países que utilizam por mais tempo a mídia eletrônica, confirmando o quadro de imersão digital intensa, são também os países com maiores taxas de suicídio adolescentes.

No terceiro capítulo buscou-se observar como o suicídio foi sendo entendido nas sociedades ocidentais e justificado no decorrer da história humana, até chegar aos tempos atuais.

O capítulo quatro propôs a relação entre a imersão digital e a sedação do corpo, a queda da capacidade empática e o enfraquecimento ou mesmo o impedimento na formação de vínculos, o que aumenta o sofrimento emocional, sobretudo na fase da adolescência, fase essa considerada especialmente crítica.

A história do corpo e dos seus sentidos, especialmente os proprioceptivos, traz um processo de negação e mortificação da realidade desse corpo, que incapaz de protagonizar a subjetividade é imaginado como o lugar onde habitam todos os incômodos e conflitos emocionais (LE BRETON, 2003).

O excesso de consumo da mídia, associado à imersão digital que seda os sentidos, diminui ou oblitera a capacidade empática do corpo, tornando impossível a vinculação com o outro, principalmente entre os adolescentes, de forma que o suicídio

surge como uma forma de controle do corpo. Seria a solução definitiva, ainda que inexorável, para o vazio da alma, a angústia e a dor que necessitam ser estancadas.

Todavia, se a alma é transgressora, o corpo é rebelde, revolucionário e, por conseguinte, resiliente, podemos considerar a possibilidade da reversão desse quadro a partir de contextos e processos de resiliência.

Esperamos ter contribuído com a reflexão acerca das consequências e de quais seriam os limites desejáveis para a imersão digital, principalmente entre os adolescentes, a faixa etária mais exposta aos aparatos e às mídias digitais. Essa é uma discussão que a área da saúde tem promovido, mas que se mostra urgente também no âmbito das discussões éticas acerca do uso da mídia eletrônica.

Este estudo foi também motivado pela esperança de que surjam mais contribuições para aprofundar a discussão, servindo de estímulo para campanhas de combate ao abuso do uso da internet entre os adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. M. Mahfoud e M. Massimi (Orgs. e Trads.). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de J. T. Garcia e M. Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ALMEIDA, Ana Filipa. Efeito de Werther. **Análise psicológica**, v. 18, n. 1, p. 37-51, 2000.

ANJOS, Camila Domingos dos. "**Que nenhuma mulher gentia se queime viva**": as tentativas de coibir o sati em Goa. 2015. Disponível em: 434406750_ARQUIVO_ANPUHsati.pdf. Acesso em: 20 mar.2021.

ASNIS, Nelson. **Suicídio e islamismo**: um olhar psicanalítico. 2007. 107 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ASSUMPÇÃO, Gláucia Lopes Silva; OLIVEIRA, Luciele Aparecida; SOUZA, Mayra Fernanda Silva de. Depressão e suicídio: uma correlação. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 5, p. 312-333, 2018.

BAÉRE, Felipe de. Registro de tentativa de suicídio no Distrito Federal: uma realidade subnotificada. **Interação em Psicologia**, v. 23, n. 1, 2019.

BAHLS, Saint-Clair; BAHLS, Flávia Rocha Campos. Depressão na adolescência: características clínicas. **Interação em Psicologia**, v.6, n.1, 2002.

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. Editora Unisinos, 2012.

BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**. Annablume, São Paulo 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BITENCOURTE, Lisielen M., MONEGO, Bruna G. **Empatia no Transtorno Depressivo Maior**. 2016. Trabalho (Painel) apresentado no XXVIII SIC – Salão de Iniciação Científica da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

BONDER, Nilton. **A alma imoral**: traição e tradição através dos tempos. São Paulo: Rocco, 1998.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**. São Paulo: Artmed Editora, 2015.

BOTEGA, Neury José *et al*. Suicidal behavior in the community: prevalence and factors associated with suicidal ideation. **Rev. Bras. Psiquiatr**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 45-53, mar. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 mar. 2020.

BLOCK, Jerald J. **Issues for DSM-V**: Internet addiction, 2008. As the American Psychiatric Association committees begin formal work on DSM-V, we welcome brief editorials on issues that should be considered in its formulation.

BRAGA, Markus Vinícius. Suicídio assistido: reflexões sobre legalidade no Brasil, o idoso e sua autonomia. **Revista Longeviver**, 2018. Revista Portal de Divulgação, n.57, Ano IX. Jul/Ago/Set. 2018. Disponível em: https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/725/788 Acesso em: 20 jun.2020.

BRIDGE, Jeffrey A. GREENHOUSE, Joel B.; RUCH, Donna; STEVENS, Jack; ACKERMAN, John; SHEFTALL, Arielle H.; HOROWITZ, Lisa M.; KELLERHER, Kelly J.; CAMPO, John V. Association between the release of netflix's 13 Reasons Why and suicide rates in the United States: An interrupted time series analysis. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, n. 2, p. 236-243, 2020.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. L. do Brasil, 2019. Disponível em: http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-mito-de-sisifo-albert-camus-em-pdf-epub-e-mobi/. Acesso em: 26 out. 2019.

CHENG, Yu-Shian; TSENG, Ping-Tao; LIN, Pao-Yen; CHEN, Tien-Yu; STUBBS, Brendon; CARVALHO, Andre F.; WU, Ching-Kuan Wu; CHEN, Yen-Wen; WU, Ming-Kung. Internet addiction and its relationship with suicidal behaviors: a meta-analysis of multinational observational studies. T**he Journal of clinical psychiatry**, v. 79, n. 4, 2018.

CUNHA, Rosiany Alves de Araujo; ANDRADE, Erci Gaspar da Silva. Depressão: a influência que a internet tem na evolução/tratamento da doença. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. esp. 3, p. 300-303, 2018.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

COELHO, Marcelle Teixeira. A propriocepção e a dramaturgia do corpo no teatro de formas animadas. **Anais ABRACE**, v. 9, n. 1, 2008.

CONTRERA, Malena Segura. Zumbis, vampiros e seres da cultura mediática. **LÍBERO**, n. 36, p. 9-14, 2016.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo. O zumbi no imaginário mediático: Zumbi e Pulsão de Morte na Sociedade Mediática. In: **E-Compós**. 2019.

CONTRERA, Malena Segura. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 44, p. 35-49, 2021.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia**: a presença dos conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 2000.

CONTRERA, Malena Segura. A imagem simbólica na contemporaneidade. **Intexto**, n. 34, p. 456-466, 2015.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera** – meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.

CONTRERA, Malena Segura. Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, C. J. R. de. (orgs.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2014.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2018.

DE WAAL, Francisco. **A era da empatia** – lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUBY, G., ARIÈS, P. **História da vida privada**: Do Império romano ao Ano Mil. Afrontamento, 1989.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Suzana B. **Geração digital**: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. v. 10, supl. 2, ago. 2011.

ÉSQUILO, SÓFOCLES, EURÍPEDES. **Prometeu acorrentado**: Ajax, Alceste. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

FERNANDES, Helder Matheus Alves *et al*. A geração Z e a conexão 24 horas por dia: influências da internet em adolescentes na contemporaneidade. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 8, n. 3, p. 183-195, 2020.

FERREIRA, Elisabete Zimmer *et al.* A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020.

FINK, David S.; TENORIO, Julian Santaella; KEYES, Katherine M. Increase in suicides the months after the death of Robin Williams in the US. **PLoS One**, v. 13, n. 2, 2018.
FLUSSER, Vilém. Norval Baitello Júnior Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento1. **Flusser Studies**, v. 3, p. 1, 2005.

FONSECA, Vitor da. **Neuropsicomoticidade**: Ensaios sobre as relações entre o corpo, motricidade, cérebro e mente. Rio de Janeiro: WAK, 2019.

FREUD, Sigmund. **Contribuições para uma discussão acerca do suicídio**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 11, 1910.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-50. 2010. (Trabalho originalmente publicado em 1930).

FREUD, Sigmund; STRACHEY, James. **Além do princípio de prazer**. L&PM Editores, 2016.

GUIMARÃES, Joana. Suicídio mítico: uma luz sobre a antiguidade clássica. **Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos**, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. L&PM, 2001.

GUNTER, Joel. A silenciosa epidemia de suicídios que se esconde por trás do direito de portar armas nos EUA. **BBC News**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51683625. Acesso em: 20 jun.2020.

HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

HILLMAN, James. **Estudos de Psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

JUNG, Carl G.; HENDERSON, Joseph L.; VON FRANZ, J. F. M. L., JAFFÉ, Aniela; JACOBI, Jolandi. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl G. **A prática da psicoterapia:** contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. Petrópolis: Vozes, 2011. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. Medicina e psicoterapia. In: **Obras Completas de C. G. Jung**. 16. ed. v. 16/1. A prática da psicoterapia. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNIOR, Irineu Francisco Barreto; LIMA, Marco Antonio. Suicídio e o jogo da baleia azul analisados na perspectiva de anomia de Émile Durkheim. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**, v. 3, n. 1, p. 121-136, 2017.
KAMPER, Dietmar. **Trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

KATO, Takahiro A.; SHINFUKU, Naotaka; TATENO, Masaru. Internet society, Internet addiction, and pathological social withdrawal: the chicken and egg dilemma for Internet addiction and hikikomori. **Current opinion in psychiatry**, v. 33, n. 3, p. 264-270, 2020.

KELEMAN, Stanley. **Mito e corpo uma conversa com Joseph Campbell**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2001.

KELLEHEAR, Allan. **Uma história social do morrer**. São Paulo: Unesp, 2016.

KEMP, S. Digital 2020-July Global Statshot Report. **Datareportal. com**, n. 3, 2020.

KHALIL, Sherien Ahmed; KAMAL, Hadeer; ELKOULY, Hussien. The prevalence of problematic internet use among a sample of Egyptian adolescents and its psychiatric comorbidities. **International journal of social psychiatry**, 2020.

KIM, Min-Hyuk *et al*. Association between high adolescent smartphone use and academic impairment, conflicts with family members or friends, and suicide attempts. **PloS one**, v. 14, n. 7, 2019.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto, imagens de mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KOVÁCS, M. J. **Apresentação**. Psicologia USP, 25(3), 220-230, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0229.pdf. Acesso em: 20 maio. 2021.

KUZNER, James. Donne's" biathanatos" and the public sphere's vexing freedom. **ELH**, v. 81, n. 1, p. 61-81, 2014.

KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia USP**, v.25, p.246-252, 2014.

LIN, I. Hsuan *et al*. The association between suicidality and Internet addiction and activities in Taiwanese adolescents. **Comprehensive psychiatry**, v. 55, n. 3, p. 504-510, 2014.

LINS, Janiceia Lopes Simplicio. **Perfil de casos de suicídio na região do Seridó potiguar (2000-2015)**. Dissertação (Mestrado), 2019.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papirus Editora, 2003.

LOUZÃ, N.; MARIO, R.; HELIO E. **Psiquiatria básica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINOIS, Georges. **História do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Unesp, 2018.

MIKLOS, Jorge. **Religião e comunicação**: sobre vínculos e comunhão. O humano na dinâmica da comunicação. São Paulo, 2019. Caderno de comunicação serviço à pastoral da comunicação (SEPAC) o humano na dinâmica da comunicação.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Portugal: Publicações Europa América, 1998.

NIEDERKROTENTHALER, Thomas; FU, King-wa; YIP, Paul S. F.; Fong, Daniel Y T; STACK, Steven; CHEN, Qjin; PIRKIS, Jane. Changes in suicide rates following media reports on celebrity suicide: a meta-analysis. **J epidemiol community health**, v. 66, n. 11, p. 1037-1042, 2012.

OMS. **Prevenção do Suicídio**: Um manual para profissionais da mídia. 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf Acesso em: 18 jan. 2020.

OLIVEIRA, Francisco de. Suicídio na Roma antiga. **Máthesis**, v. 3, p. 65-93, 1994.

OLIVEIRA JÚNIOR, Eudes Quintino; OLIVEIRA, Pedro Bellentani Quintino de. **A eutanásia e a ortotanásia no anteprojeto do Código Penal brasileiro**. 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depression and other common mental disorders: global health estimates. World Health Organization, 2017.

PAULINO, C. A., PREZOTTO, A. O., CALIXTO, R. F. Associação entre estresse, depressão e tontura: uma breve revisão. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, (1), 2015.

PAVARINO, Michelle Girade; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, v. 36, n. 2, p. 3, 2005.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Editora FTD, 1992.

PHILLIPS, David P. The impact of fictional television stories on US adult fatalities: New evidence on the effect of the mass media on violence. **American journal of sociology**, v. 87, n. 6, p. 1340-1359, 1982.

PINHEIRO, Adriana Maria Arantes. **Depressão e comorbilidades orgânicas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade da Beira Interior, 2019.

PIRATELI, Marcelo Augusto; MELO, José Joaquim Pereira. A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v. 28, n. 1, p. 63-71, 2006.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates** / O Banquete. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Paperback, ago. 2017.

POPOOLA, Olalekan; OLAGUNDOYE, Olawunmi; ALUGO, Morenike. Social Media and Suicide. In: **Anxiety Disorders**. IntechOpen, 2020.

PROSS, H.; BETH, H. **Introducción a la Ciencia de la Comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1987

PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

PREVENÇÃO, D. O. **Suicídio**: Um manual para profissionais da mídia. 2000.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A empatia como vivência. **Memorandum**: Memória e História em Psicologia, v. 23, p. 12-31, 2012.
ROMANO, Michela, OSBORNE, Lisa A., TRUZOLI, Roberto, REED, Phil. Differential psychological impact of internet exposure on internet addicts. **PloS one**, v. 8, n. 2, p. e55162, 2013.

SAITO, T. **HIKIKOMORI** - Adolescence without End. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

SAMPASA-KANYINGA, Hamilton; HAMILTON, H. A. Social networking sites and mental health problems in adolescents: The mediating role of cyberbullying victimization. **European psychiatry**, v. 30, n. 8, p. 1021-1027, 2015.

SAMPASA-KANYINGA, Hamilton; HAMILTON, H. A. Social networking sites and mental health problems in adolescents: The mediating role of cyberbullying victimization. **European psychiatry**, v. 30, n. 8, p. 1021-1027, 2015.

SANTOS, Simone Agadir *et al*. Prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio em um hospital de emergência no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, p. 2064-2074, 2009.

SANTOS, André Ricardo Nunes dos. **Autokheiría na palestina romana**: o problema do suicídio na obra guerra dos judeus de Flávio Josefo (séc. I EC). 2016.

SCHONERT-REICHL, Kimberly A. Empathy and social relationships in adolescents with behavioral disorders. **Behavioral Disorders**, v. 18, n. 3, p. 189-204, 1993.

SHAKESPEARE, William. **The tragedy of Hamlet**. University Press, 1904.

SHEN, Yanmei *et al*. **Internet addiction among college students in a Chinese population**: Prevalence, correlates, and its relationship with suicide attempts. Depression and anxiety, v. 37, n. 8, p. 812-821, 2020.

SIEBEL, Márcia Teresa *et al*. A influência das redes sociais para o suicídio na adolescência. **Revista Ciência** (In) Cena, n. 8, p. 121-133, 2019.

SILVA, Andressa Ferreira da *et al***. Associação entre comportamentos suicidas e sedentarismo em adolescentes**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da *et al*. **O suicídio no Brasil contemporâneo**. Soc. estado. Brasília, v. 33, n. 2, p. 565-579, Aug. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200565&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 mar. 2020.

SILVA, Mauricio Ribeiro da; JUNIOR, Norval Baitello. Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. **XXII Encontro Anual da Compós** (Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), Salvador/BA, GT Comunicação e Cultura. 2015. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=dIIlH2gAAAAJ&citation_for_view=dIIlH2gAAAAJ:VLnqNzywnoUC. Acesso em: 20 nov. 2020.

SINYOR, Mark; WILLIAMS, Marissa; NIEDERKROTENTHALER, Thomas. Media depictions of possible suicide contagion among celebrities: A cause for concern and potential opportunities for prevention. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 53, n. 8, p. 735-738, 2019.

SOUZA, Luciano Dias de Mattos *et al*. Ideação suicida na adolescência: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 4, p. 286-292, 2010.

TAVARES, Elaine. A comunicação do nosso tempo e o cidadão-cliente. **El sexto continente en Iberoamérica**, p. 45, 2019.

VAZ, Lúcio. **Uma argumentação em torno do suicídio**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais: UFMG, 2014.

WENGE, Jean M.; MARTIN, Gabrielle N.; CAMPBELL, W. Keith. Decreases in psychological well-being among American adolescents after 2012 and links to screen time during the rise of smartphone technology. **Emotion**, v. 18, n. 6, p. 765, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide**: a resource for pesticide registrars and regulators. 2019.

WULF, CHRISTOPH. **Cosmo, corpo, cultura**. Milão: Mondadori, 2002.

WULF, CHRISTOPH. **Antropología de la educación**. Barcelona: Idea Books, 2004.

WULF, CHRISTOPH. **Antropología** – história, cultura, filosofia. Barcelona: Anthropos, 2008.

ZATTI, Cleonice; AZEVEDO, Marco Antonio Oliveira de; SOIBELMAN, Mauro; SOUZA, Sonia Mara Arena de; CALEGARO, Vitor Crestani; FREITAS, Lucia Helena Machado. A prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio, HPS-

Porto Alegre, RS. **Diaphora**: revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. v. 15, n. 2 (ago./dez. 2015), p. 13-17, 2015.

Filmografia

13 REASOS WHY. Diretor: Brian Yorkey. Estados Unidos. Netflix, 2017.